



Susan Vargas Parizzi

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS
VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA**

Dissertação de Mestrado

Cruz Alta – RS, 2017.

Susan Vargas Parizzi

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS
VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Dall’Agnol Bianchi

Co-Orientadora: Prof. Dra. Solange Beatriz Billig Garcês

Cruz Alta – RS, abril 2017.

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ
Programa de Pós-graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado
Acadêmico

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS
VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA**

Elaborado por

Susan Vargas Parizzi

Dissertação apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Práticas
Socioculturais e Desenvolvimento Social.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Patrícia Dall' Agnol Bianchi (orientadora) _____ UNICRUZ

Prof^a. Dr^a. Solange Beatriz Billing Garcês (co-orientadora) _____ UNICRUZ

Prof^a. Dr^a. Sirlei de Lourdes Lauxen _____ UNICRUZ

Prof. Dr. Leopoldo Schonardie Filho _____ UNIJUI

Cruz Alta, ____ de _____ de _____.

AGRADECIMENTOS

Agradeço antes de tudo, a minha mãe, minha amiga, companheira de estrada e de vida, sem ela não teria realizado o sonho de fazer mestrado. Obrigada mãe por tudo.

Agradeço ao meu esposo Rafael, pela compreensão e carinho, pelo apoio, incentivo e paciência.

Agradeço também ao meu pai e avô Lelo pelo incentivo e ajuda, ao meu padrasto Portella, aos meus irmãos, aos meus sogros, e amigos.

Agradeço as minhas alunas pela compreensão e ausências, em especial a Lucimar e a Valderez, que tanto me ajudaram.

Agradeço em especial a minha orientadora Patrícia Dall’Agnoll Bianchi pela ajuda e dedicação, a professora Solange B. B. Garcês e a professora Sirlei Lauxen pelo carinho e dedicação.

Agradeço também aos colegas, aos demais professores.

Agradeço em especial à minha avó Mara (in memoriam) por todo o incentivo e oportunidade que proporcionou em vida, fora sempre uma mulher grandiosa à qual sempre me espelhei.

RESUMO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA

Autora: Susan Vargas Parizzi
Orientadora: Prof. Dra. Patrícia Dall' Agnol Bianchi
Co-Orientadora: Prof. Dra. Solange Beatriz Billig Garcês

O objetivo do estudo foi analisar a percepção dos professores quanto a importância da apropriação de conhecimentos específicos, científicos e críticos sociais pelos docentes, e o papel da Educação Física escolar como possibilidade de desenvolvimento da cidadania pelos alunos. Teve como objetivos específicos oportunizar momentos de refletividade aos professores de Educação Física da rede pública de ensino quanto à importância e a contribuição que a área de Educação Física escolar possui para o desenvolvimento social; investigar como os demais educadores visualizam a importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento integral dos alunos, enfatizando questões socioculturais e possibilidades interdisciplinares que a mesma oferta em relação a área de atuação de cada professor; identificar situações de fragilidades e possibilidades que a docência em Educação Física enfrenta e levantar, coletivamente com os professores, possibilidades que visem alcançar as contribuições socioculturais que a Educação Física escolar pode oferecer à comunidade. O aporte teórico fundamentou-se em autores como: Neira e Nunes (2009), Darido (2003); (2004), Venâncio e Darido (2012), Freire (1997), Daolio (2004), Sousa Santos (2003); (2008), Parâmetros Curriculares Nacionais (1997); (1998), Betti (2009), Paviani (2008), Chizzotti (2006), Bauman (2001); (2008); (2013), dentre outros. A metodologia empregada consistiu em Pesquisa-ação, o qual foi realizada em uma escola estadual da cidade de Passo Fundo/RS, participaram do estudo 10 professoras, separadas por grupos. Os dados foram levantados por meio de aplicações de: um questionário inicial aplicado ao grupo 1 (representado pelas professoras das mais diversas áreas exceto as de Educação Física), um Grupo Focal foi realizado com o grupo 2 (composto apenas pelas professoras de Educação Física), uma oficina foi desenvolvida com ambos os grupos, que propôs desenvolver trabalho interdisciplinar com o uso da tecnologia, e ainda foi aplicado um questionário final para todas as participantes. Com isso, constatou-se que as professoras compreendem a importância da Educação Física, mas percebem que na escola estudada o ensino é praticamente voltado ao esporte e ao dar a bola, o que foi afirmado também pelas professoras de Educação Física que alegam ter de negociar com os alunos as práticas que serão desenvolvidas, sendo um grande problema relatado pelas professoras essa resistência dos alunos em participarem das aulas. Com relação aos conteúdos, todas as professoras manifestaram entender que a Educação Física não é essencialmente prática, e que tem conteúdos a serem desenvolvidos, até mesmo de forma interdisciplinar. Após a participação da

oficina, ampliou-se a visão das professoras para o engajamento em projetos e trabalhos interdisciplinares com a área da Educação Física com auxílio do aporte tecnológico.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Desenvolvimento Social. Saberes.

ABSTRACT

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: SOCIAL AND CULTURAL PRACTICES EXPERIENCED IN TEACHING

Author: Susan Vargas Parizzi

Advisor: Prof. Dr. Patrícia Dall'Agnol Bianchi

Co-advisor: Prof. Dr. Solange Beatriz Billig Garcês

This study aimed to analyze the perception of teachers regarding the importance of appropriation of specific, scientific, and critical social knowledge by teachers, and the role of school Physical Education as a possibility for students to develop citizenship. Its specific objectives were to promote moments of reflectivity to Physical Education teachers of public education regarding the importance and the contribution of the field of school Physical Education to social development; to investigate how other educators view the importance of school Physical Education for the comprehensive development of students, highlighting social and cultural issues and interdisciplinary possibilities that it offers for the field of activity of each teacher; and to identify situations of fragility and possibilities that Physical Education teaching faces, raising possibilities together with teachers, aiming to obtain the social and cultural contributions that school Physical Education may offer the community. The theoretical basis was founded in authors such as Neira and Nunes (2009); Darido (2003), (2004); Venâncio and Darido (2012); Freire (1997); Daolio (2004); Sousa Santos (2003), (2008); Brazilian National Curriculum Parameters (1997), (1998); Betti (2009); Paviani (2008); Chizzotti (2006); Bauman (2001), (2008), (2013); among others. The method applied consisted of an action research performed in a state school in the city of Passo Fundo, RS, Brazil. Ten teachers participated in the study and were separated by groups. Data were obtained through the application of an initial questionnaire to group 1 (represented by teachers of different fields, except Physical Education), a focus group performed with group 2 (including only Physical Education teachers), a workshop performed with both groups proposing to develop an interdisciplinary work using technology, and a final questionnaire for all participants. Thereby, it was found that teachers understand the importance of Physical Education, but realize that in the school studied the teaching is basically directed to sports and handing out the ball, which was also affirmed by Physical Education teachers, who claim having to negotiate with students the practices to be developed. Teachers reported this resistance from students to participate in classes as a major problem. Regarding content, all teachers affirm understanding that Physical Education is not essentially practice and there is content to be developed, even interdisciplinarily. After participating in the workshop, teachers had a broader view for engaging in projects and interdisciplinary work with the field of Physical Education, aided by the technological basis.

Keywords: School Physical Education. Social Development. Knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Percepção do ensino e atuação do professor de Educação Física.....	84
Gráfico 2 – Importância da Disciplina de Educação Física.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
ONGs	Organizações não governamentais
EF	Educação Física
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAMINHO EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO	16
2.1 Caminho Epistemológico	16
2.1.1 A Ecologia de Saberes	20
2.2 Caminho Metodológico	23
3 CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE AO LONGO DA HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS CONSTRUÇÕES DE PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	26
3.1 O mundo Moderno e Pós-Moderno	26
3.1.1 Pós-Modernidade, Educação e Educação Física	33
3.2 As principais questões sociais que a sociedade democrática enfrenta	37
3.2.1 A Escola Democrática e a Educação Física escolar	44
3.3 Educação Física como prática social: a contribuição da Educação Física para o desenvolvimento social e a cidadania	50
3.4 A trajetória histórica da Educação Física e sua relação com as práticas socioculturais das sociedades de cada época	58
3.5 O papel da Educação Física na sociedade atual e sua contribuição na construção de práticas sociais que possibilitem a conquista da cidadania	76
4. EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL: VIVÊNCIAS E DESAFIOS	83
4.1 Percepção dos Professores Quanto à Importância da Educação Física Escolar	83
4.1.2 Importância da Educação Física Escolar Sob a Ótica dos Professores	90
4.1.3 A Educação Física na Escola	96

4.2 Resultados Obtidos à partir do Grupo Focal com Professores de Educação Física (Grupo 2)	102
4.2.1 Importância e Contribuição da Educação Física Escolar no Desenvolvimento Social	103
4.2.2 Fragilidades e Possibilidades em Educação Física	113
4.3 Oficina – Uma possibilidade de atuação interdisciplinar	118
4.3.1 Apresentação da oficina	118
4.3.2 Relatos da Oficina.....	120
4.4 Reflexão Final	122
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
APÊNDICES	143

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a Educação Física vem passando por mudanças no que diz respeito a sua abordagem, tanto no âmbito esportivo como no campo pedagógico. Por ser uma área do conhecimento humano que desenvolve todas as dimensões do ser, a Educação Física tem uma contribuição importante para o desenvolvimento social, visto que esta ciência é capaz de promover a integração no mundo escolar, buscando através do ensino a inclusão dos diferentes. Tem nas atividades pedagógicas a finalidade de despertar no aluno sentimentos de conjunto, de grupo e de coletivo, deve também transformar a vida, abrindo espaço para reflexão do eu com o mundo de maneira prazerosa, compreendendo o entendimento do sentido e da forma de fazer.

Percebo que a Educação Física está perdendo sua identidade e o seu espaço na formação do estudante, pouco contribuindo com o meio social deixando assim, de promover práticas sociais escolares capazes de aproximar aluno e escola. Essa perda de identidade é em parte resultado das políticas públicas educacionais, mas está fortemente relacionada com a atuação do professor de Educação Física na escola onde, muitas vezes, está atrelada a falta de comprometimento com a produção de conhecimento nas aulas de Educação Física escolar.

Ainda na escola, a Educação Física é pouco explorada, limitando-se muitas vezes ao ensino tradicional, ou quando não é apenas designado aos alunos jogar bola, ou seja, neste caso me refiro ao jogo no sentido de apenas brincar, o que descaracteriza a Educação Física como processo educativo.

As aulas de Educação Física, como qualquer outra, devem ter um embasamento teórico com objetivos a serem alcançados, tendo claro quais habilidades e competências estão sendo desenvolvidas e não somente baseada nas práticas, muitas vezes sem orientação adequada, resultando apenas o movimento sem sentido. O conhecimento teórico dá suporte para os alunos explorarem ao máximo as atividades físicas, como também ajuda na compreensão da importância de exercitar-se para a vida, e assim, buscar na Educação Física escolar os primeiros contatos para a compreensão de uma vida ativa e saudável, aspecto fundamental para o desenvolvimento físico e social do aluno.

O professor é o ator principal e se faz fundamental sua participação/ação no processo de desenvolvimento do estudante, portanto, o mesmo tem o dever de: conhecer o meio no qual irá trabalhar; conhecer as dificuldades sociais, as limitações físicas do ambiente, e a cultura local, para somente depois planejar a aula ou ação, desta forma o professor poderá fazer a diferença neste meio social.

Neste sentido Tavares coloca que,

Pondo em perspectiva a autonomia profissional, é necessária uma prática de ensino voltada aos fins educacionais de envolvimento autônomo em um processo que estimule ações críticas, criativas e comprometidas com a realidade educacional e o meio social (TAVARES, 2010, p.13).

E ainda que, “o processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada, dentro de seus limites” (TAVARES, 2010, p.11).

Neste sentido, surge como problema de pesquisa encontrar: Qual a percepção dos professores de educação básica, sobre a apropriação dos conhecimentos específicos, críticos e científicos na área da Educação Física escolar?

Para que se possa entender tal problema, deve se levar em consideração alguns questionamentos: 1) Como é percebida a atuação do professor de Educação Física dentro da escola e sua importância? 2) Como os professores percebem a contribuição social que a área da Educação Física desenvolve e pode desenvolver em suas práticas educacionais? De que forma? A partir destes questionamentos, busca-se compreender o que de fato vem ocorrendo com o ensino de Educação Física na escola.

Dessa forma, trago como hipótese para este estudo, de que os professores de Educação Física da rede pública de ensino, em sua maioria, não têm a percepção de que as aulas de Educação Física são práticas socioculturais que tem contribuição importante para o desenvolvimento social dos estudantes e comunidade, especialmente a partir de seu subsídio na formação de sujeitos críticos e participativos e por isso, não desenvolvem suas aulas baseados em conhecimentos específicos, científicos e críticos, mas sim pelo determinismo, continuísmo e improviso

Dessa maneira, o estudo tem como objetivo geral, analisar a percepção dos professores quanto a importância da apropriação de conhecimentos específicos, científicos e críticos sociais pelos docentes, e o papel da Educação Física escolar como possibilidade de desenvolvimento da cidadania pelos alunos. Têm também como objetivos específicos a alcançar, como: 1º Oportunizar momentos de refletividade aos professores de Educação Física da rede pública de

ensino quanto à importância e a contribuição que a área de Educação Física escolar possui para o desenvolvimento social; 2º Investigar como os demais educadores visualizam a importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento integral dos alunos, enfatizando questões socioculturais e possibilidades interdisciplinares que a mesma oferta em relação a área de atuação de cada professor; 3º Identificar situações de fragilidades e possibilidades que a docência em Educação Física enfrenta; 4º Levantar, coletivamente com os professores, possibilidades que visem alcançar as contribuições socioculturais que a Educação Física escolar pode oferecer à comunidade.

Já com relação à minha escolha por investigar os problemas relacionados com o ensino de Educação Física no âmbito escolar, se dá pela minha vivência profissional em centros de esportes, onde as pessoas que frequentavam a mesma, muitas vezes adolescentes em fase escolar, relatavam não praticar nenhuma atividade física na escola que lhe proporcionasse prazer e bem-estar, que as aulas eram muito ruins, e que quase sempre destinadas à jogos de futebol e voleibol.

Outro fato que me chama atenção é a falta de coordenação motora que esses jovens apresentam, assim como, a falta de flexibilidade e condicionamento físico. Todos esses fatores somados acarretam em uma futura geração de adultos que irão desenvolver problemas de saúde. Ainda, o mais interessante é que esse público está cada vez mais destinado a desenvolver o corpo perfeito, músculos salientes e não interessados em promover saúde e qualidade de vida para si, isso se dá pelo estímulo que a mídia e os meios sociais impulsionam para este grupo social (jovens).

Minha percepção é que as aulas de Educação Física escolar estão cada vez mais vinculadas a brincadeiras e jogos, desenvolvidas por iniciativa dos próprios alunos acarretando em perda de identidade, sendo que, no meu ponto de vista, os professores são os principais responsáveis por tal designação. É o que chamamos de “rola bola”. Dentro do espaço escolar frequentemente, a Educação Física não é vista como uma ciência humana e social capaz de produzir conhecimentos necessários para formação integral dos educandos.

A produção de conhecimento nas aulas de Educação Física se dá a partir das perguntas: Por que fazer? Qual a importância de determinada atividade para o ser humano como grupo e como sujeito? São essas questões que devem ser pensadas e levantadas durante as aulas, o saber fazer e o saber por que estão fazendo é o que designa a Educação Física como ciência.

As questões que envolvem os saberes tanto dos professores, quanto a forma como ela é ensinada para gerar o conhecimento, se deve principalmente na formação inicial do professor

de Educação Física, e como ele recebeu esse saber, e qual a propriedade que ele tem desse conhecimento.

Por essa razão este estudo busca investigar no contexto escolar, como a Educação Física vem sendo trabalhada em todas as suas formas de conhecimento e quais as suas contribuições para a comunidade envolvida.

São várias as subáreas da Educação Física que merecem o reconhecimento e aceitação como formadoras de indivíduos, já que podem reforçar aspectos de cidadania, de inserção social e de inclusão. É importante que se entenda a Educação Física como prática social que possibilita o desenvolvimento e exercício da cidadania, através da ética e da moral. Desta forma, acreditamos que proporcionar aos professores a possibilidade de refletir sobre esse viés para os objetivos das aulas de Educação Física, resultará em benefícios para os próprios professores, para os alunos e para a comunidade como um todo.

Diante disso, cabe a este estudo buscar respostas que justifiquem a situação em que se encontra o ensino de Educação Física na rede pública e as reais condições de trabalho que os profissionais encontram na escola estudada.

2 CAMINHO EPISTEMOLÓGICO E METODOLÓGICO

A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância.
(Mirian Goldenberg)

2.1 Caminho Epistemológico

As ciências e os processos que envolvem pesquisa e cientificidade surgem da curiosidade do ser humano, pois sem essa curiosidade possivelmente a evolução da espécie não nos traria para a vida como ela é hoje. Uma das razões para que o homem esteja sempre buscando mudanças e melhorias para sua vida, advém deste espírito de tentar descobrir o novo, e também pela premissa de encontrar respostas como: De onde vem a vida na terra? Somos os únicos seres capacitados de inteligência no universo?

O homem buscou durante sua história respostas muitas vezes encontradas no empirismo ou no saber comum, como por exemplo, acreditava-se que os temporais, vendavais, reações típicas da natureza eram as respostas de Deuses insatisfeitos com os povos, e por essa razão vinham sempre a usar-se de oferendas para tentar agradar aos Deuses. Essa ideia do poder divino passa a ser renegada, desacreditada, a partir das evidências impostas pela ciência.

A evolução humana é marcada pela evolução da inteligência que vai passar a pensar na ciência como um todo. Tentando designar o que é a ciência propriamente dita, Gerhardt e Silveira (2009) colocam que, “ciência é apenas uma das formas de conhecer o mundo, e, portanto, existem outras formas de tornar o mundo inteligível” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 15).

Desta maneira, a ciência fica designada à produção do conhecimento científico, testável e mensurável. Gerhardt e Silveira (2009) ainda afirmam que, atualmente para que ocorra o conhecimento, há que se estabelecer uma relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, complementam também que, todo conhecimento humano reporta a um ponto de vista e a um lugar social, e delimitam quatro esferas na busca do conhecimento, que são: conhecimento empírico, filosófico, teológico e científico.

Ainda segundo as autoras, o conhecimento científico surge a partir da determinação de um objeto específico de investigação e da explicação de um método. Os métodos de pesquisa

são: qualitativos e quantitativos. Nosso foco de pesquisa compreende em representar ambos os métodos qualitativo e quantitativo, o primeiro método será o de maior abordagem nesta pesquisa, por estar intimamente relacionada com as questões humanas, sociais, culturais, pessoais, entre outras, base desta pesquisa. Já o segundo método, será usado nas análises de dados referentes ao questionário aplicado às professoras participantes desta pesquisa, com o intuito de mensurar e apresentar de forma descritiva dados numéricos referentes à opinião da amostragem.

Por vários séculos o método de pesquisa quantitativo foi o método considerado mais correto, apresentando resultados mais exatos. Primeiramente, pelo fato de apresentar o resultado da pesquisa em números, em segundo lugar por não sofrer interferência por parte do pesquisador e por último por se basear no empirismo lógico.

No final da década de 60 e início da década de 70 a pesquisa qualitativa começou a ser sistematizada e entendida como pesquisa social. “Por muito tempo, ambos os enfoques – o quantitavista, baseado no empirismo lógico, corrente neopositivista, e o qualitativo, orientado por várias tendências teóricas, entre as quais a fenomenológica -, se destacaram, marchando paralelamente, ignorando-se ou rejeitando-se reciprocamente” (TRIVINÕS, 2011, p. 18).

A pesquisa qualitativa caracteriza-se pela busca da compreensão de um grupo social ou de uma organização social. Minayo (2012, p.21) complementa, “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes”. E mais, os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Este tipo de pesquisa, conforme Chizzotti (2006), não têm um padrão único porque admitem que a realidade seja fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador – sua concepção, seus valores, seus objetivos. Para este, a epistemologia significa os fundamentos do conhecimento que dão sustentação à investigação de um problema.

Quando um pesquisador domina um amplo leque de opções metodológicas, tal capacidade abre perspectivas mais produtivas na análise de problemas sociais, pois possibilita que se integre teoria e método de forma mais orgânica e propositiva, com base em evidência empírica. Esforços nesta direção rompem com a premissa de que alguns métodos são melhores do que outros. No contexto atual do conhecimento das Ciências Sociais, no qual cada vez mais se trona imprescindível gerar novas bases de

conhecimento, em virtude da defasagem teórico-explicativa de fenômenos sociais contemporâneos, é necessário romper com princípios que tem se mantido ao longo do tempo. A adesão a uma única forma de construir conhecimento, sem questionar suas implicações teóricas, econômicas e sociais, pode redundar no estabelecimento do conhecimento reativo. E isso, em detrimento da construção de um conhecimento mais concreto da realidade na qual estamos inseridos (BAQUERO, 2009, p. 10).

Este método que permite aos cientistas sociais buscarem compreender o comportamento social e políticos das pessoas, objetiva explicar e prever tais comportamentos, e para que os mesmos possam testar suas teorias, explica Baquero (2009), dependem de experiência empírica e de modalidade lógica de análise. Utilizam técnicas de observação, entrevistas, experimentos e outros métodos empíricos para testar a validade dos seus resultados.

Essa tentativa de compreensão do mundo através da pesquisa qualitativa requer do pesquisador muito conhecimento e treinamento técnico e também conta com a capacidade criativa para gerar novas fontes de conhecimento. Tentar reconhecer e entender os aspectos culturais vigentes em nossa sociedade não é tarefa fácil, principalmente no Brasil. Nos países em estágio de desenvolvimento as discrepâncias de desigualdades sociais são muito fortes, cada estado apresenta suas questões sociais de forma diferente e cada círculo social responde de uma maneira. Também levamos em consideração a miscigenação brasileira, um país rico em diversidade étnica e cultural, onde a presença da herança indígena ainda sobrevive mesmo no mundo globalizado.

Já na tentativa de compreender uma realidade de uma determinada comunidade escolar, procuramos na pesquisa qualitativa encontrar o retorno em forma de conhecimento, dentre os procedimentos de desenvolvimento desta pesquisa, encontramos a pesquisa-ação como instrumento de investigação nas áreas educacionais.

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas técnicas para aprimorar o ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos, mas mesmo no interior da pesquisa-ação educacional surgiram variedades distintas (TRIPP, 2005, p.445).

A pesquisa-ação tem como objetivo, investigar um meio social e a partir dele gerar uma ação social transformadora, seja ela em atitudes, conhecimentos, motivações, tudo aquilo que possa melhorar a convivência social. Para Franco (2005), a pesquisa-ação fundamenta-se em princípios que rompem com a perspectiva positivista da elaboração do conhecimento em

educação, pois a pesquisa positiva é fundamentada na experimentação e exibe neutralidade em relação à realidade social.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT 2008 apud RUFINO; DARIDO, 2010). Segundo Tripp (2005) “a pesquisa-ação é participativa na medida em que inclui todos os que, de um modo ou outro, estão envolvidos nela e é colaborativa em seu modo de trabalhar” (TRIPP, 2005, p. 448).

A pesquisa-ação educacional demonstra ser também uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores utilizando-se da pesquisa para aprimorar seu ensino em sala de aula (BETTI, 2009).

O professor procura converter o conhecimento existente em hipóteses-ação, e estabelecer uma relação entre teoria, ação e o contexto particular; assim, os problemas a serem pesquisados surgem somente na prática e o envolvimento do professor é uma condição indispensável. O objetivo não é simplesmente resolver um problema prático da melhor forma, mas, pelo delineamento do problema, compreender e melhorar a atividade educativa; preocupa-se, portanto, com a mudança da situação e não apenas com sua interpretação (PEREIRA 1998 apud BETTI, 2009, p. 254).

Ainda, Pereira citado por Betti (2009) coloca como característica marcante da pesquisa-ação ser um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, e que, ao invés de se limitar a um saber existente (o que caracteriza a pesquisa aplicada), busca mudanças no contexto concreto e estuda as condições e os resultados da experiência efetuada.

É de suma importância que pesquisas sejam realizadas na área da Educação Física escolar, onde o professor consiga identificar problemas e procure meios para solucioná-lo, e que isso sirva também para formação continuada de professores de Educação Física. A pesquisa possibilita o compartilhamento de experiências, de realidades, reciclagem do conhecimento.

2.1.1 A Ecologia de Saberes

O autor Boaventura Sousa Santos (2008a), em sua obra Gramática do tempo: para uma nova cultura política, abre espaço para uma discussão sobre as práticas que envolvem o saber, em um capítulo destinado a ecologia de saberes. Sobre essa ótica de pensamento, o autor elucida a ciência moderna em seu contexto atributivo para as mudanças e consequências decorrentes no mundo científico. Expõem o que difere o debate moderno sobre o conhecimento dos debates anteriores, se dá pelo fato de a ciência moderna ter assumido sua inserção no mundo, propondo não apenas compreender o mundo ou explicá-lo, mas também transformá-lo. A ciência opera autonomamente, segue suas próprias regras e lógicas para produzir um conhecimento verdadeiro ou o mais próximo da verdade. “Uma vez criadas e estabilizadas as condições institucionais que garantem a autonomia da ciência, tal verdade e tal representação não estariam sujeitas ao condicionamento ou a manipulação por parte do mundo não científico” (SOUSA SANTOS, 2008a, p.138).

Surgem então, segundo o autor, vários debates ao longo dos séculos sob a visão da ciência moderna, mas o que mais se repercutiu fora acerca do que é cientista e sobre quem o é. Toda essa evolução acerca dos debates, segundo Sousa Santos (2008a), surge como consequência da proliferação das comunidades científicas e pela expansão da produção científica, decorrentes da eficácia tecnológica propiciada pela ciência. Na medida que o conhecimento científico foi transformando em força produtiva de primeira ordem e as questões da relação entre ciência e mercado converteu-se em questão ciência como mercado.

Sousa Santos (2008a) expõe sua ideia sobre a transição da ciência moderna para outra denominada por ele pós-moderna, essa apresenta um caminho para o conhecimento pós-dualista ausente na superação das dicotomias que dominavam a ciência moderna clássica: natureza/cultura, natural/artificial, etc. Esta designação de “pós” para definir a ciência que sucederia a ciência moderna, é esclarecida por Neira e Nunes como: “o termo “pós” expressa uma reflexão sobre o objeto em estudo que amplia o modo de compreendê-lo. “Pós” é ir além. (...) trata-se de uma posição à frente dos limites impostos pelas epistemologias atuais” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 136).

Ainda em consonância com Sousa Santos, em sua obra “Um discurso sobre as ciências” (2008b), deixa claro que esse colapso não só contribuiu para abalar as disciplinas, como produziria a prazo, a superação entre as ciências naturais e as ciências sociais. Assim, esta ciência pós-clássica, defendia que valores cognitivos não poderiam se separar de valores

éticos e políticos, que a cultura era constituída de ciência e que por isso, sendo diversas as culturas, haveria de reconhecer-se a existência de outras explicações, não científicas, da realidade.

Neira e Nunes (2009), colocam que o abalo do projeto moderno e de seu “paradigma dominante” fez com que o projeto pós-moderno ganhasse novos contornos. Ganham força e visibilidade, tanto as construções teóricas quanto os procedimentos científicos advindos de interpretações alicerçadas na perspectiva das ciências humanas. De acordo com Sousa Santos (apud NEIRA; NUNES, 2009, p.160), propõe o diálogo entre essas partes, argumentando que não há natureza que não seja a compreendida pelo ser humano, se não for pela mediação dos símbolos de sua cultura.

Mediante a isso, Sousa Santos instiga o surgimento de um novo curso em processo de indiferenciação entre as ciências naturais e as ciências sociais sob a égide desta última, designando-se novas ciências. Essas novas ciências desenvolveram-se em meados do século XX, e são anti-reducionistas, em vez do simples, o complexo, em vez da reversibilidade, a irreversibilidade, em vez de continuidade, a descontinuidade, em vez da certeza, a incerteza, em vez da separação do sujeito e objeto, o objeto que é sujeito, em vez da separação entre observador e observado, o observador na observação.

Atendendo a essa pequena contextualização da ciência, o autor enquadra as questões dos saberes: saberes científicos oriundos da ciência moderna, a ecologia de saberes, segundo Sousa Santos, nada mais é que um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Essa ecologia estrutura-se em dois pressupostos: 1º não há epistemologias neutras; 2º reflexões epistemológicas devem incidir nas práticas de conhecimento e seus impactos em outras práticas sociais. Quando se fala de ecologia de saberes, entende-se como ecologia de práticas de saber.

Esta ecologia tem como ponto de partida a modernidade ocidental que se constitui na base de duas epistemologias: conhecimento-regulação e conhecimento-emancipação. No conhecimento-regulação, a ignorância é concebida como caos e o saber como a ordem, já no conhecimento-emancipação, a ignorância é concebida como colonialismo e o saber como solidariedade. Neste processo, a ciência moderna, inicialmente um tipo de conhecimento entre outros, assumiu uma preponderância total, reclamando para si o monopólio do conhecimento válido e rigoroso, o que ocorreu com a consagração da epistemologia positivista e a descredibilização de todas as epistemologias alternativas. A ciência moderna arrastou, marginalizou, descredibilizou todos os conhecimentos não científico que lhe eram alternativos.

A partir desse processo Sousa Santos (2008a), faz um trocadilho com as palavras epistemologia e suicídio (epistemicídio), referindo-se a maneira como se deu esse processo de preponderância total da ciência moderna, por isso, a palavra epistemicídio surge para designar o modo como algumas formas de saber foram destruídas.

Com os avanços tecnológicos, ocasionaram a propagação da vida do capitalismo, permitindo transformações sociais que beneficiaram a humanidade em seu conjunto. O autor ainda coloca que não consegue imaginar horizontes não capitalistas no marco exclusivo da ciência, por mais convincentes que sejam as epistemologias da diversidade e da pluralidade. “ Como recurso exclusivo à ciência moderna ocidental, a diversidade e a pluralidade possíveis ou credíveis serão sempre as que são compatíveis como o desenvolvimento capitalista” (SOUSA SANTOS, 2008a, p.155).

No início do século XXI, pensar e promover a diversidade e pluralidade, para além do capitalismo, e a globalização para além da globalização neoliberal, exige que a ciência seja não negligenciada, configurada numa constelação mais ampla de saberes, onde coexista com práticas de saberes não científicos que sobreviveram ao epistemicídio. A ecologia de saberes parte do pressuposto que as práticas de relação entre os seres humanos e, entre eles e a natureza, participa de mais de uma forma de saber e, portanto, de ignorância. As crises e as catástrofes que decorrem eventualmente de tais práticas, são socialmente aceitos como custos sociais e sua superação reside em novas práticas científicas.

Como o conhecimento científico não está atribuído socialmente de forma equitativa, as interações no real que privilegia os grupos sociais que detêm o acesso ao conhecimento científico. A injustiça social se assenta na injustiça cognitiva. A ecologia de saberes é a epistemologia da luta contra a injustiça cognitiva.

2.2 Caminho Metodológico

O presente estudo está vinculado à linha de pesquisa “Práticas Socioculturais e Sociedade Contemporânea”, que objetiva discutir as diferentes faces da formação e desenvolvimento humano. Esta linha de pesquisa aborda muitos aspectos relacionados à “cultura” que vem a sofrer variações de significados entre povos e sociedades, e como práxis, questões religiosas, crenças, costumes, etc. Para Bauman, “a cultura é um modo de práxis humana em que o conhecimento e interesse são uma coisa só” (2012, p.296).

Esta dissertação é de natureza qualitativa, já que este método está intimamente relacionado com as questões humanas, sociais, culturais, pessoais, entre outras, e vêm sendo bastante utilizado em pesquisas na área da Educação Física especificamente na escola, por ser uma pesquisa de caráter humanístico, onde as experiências das pessoas contribuem para torná-la mais fidedigna da realidade vivenciada por um determinado grupo de pessoas ou população.

O método utilizado foi de Pesquisa-ação, por ser este um método que busca compreender uma realidade social, com a possibilidade de resolução de um problema coletivo através de uma intervenção, gerando uma ação, que atende aos objetivos deste estudo. Este estudo ainda contou com a apresentação de dois gráficos, meramente ilustrativos.

Realizado na Escola Estadual de Educação Básica Nicolau Araújo Vergueiro, localizada na Rua Paissandú, 1839, centro, na cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, o estudo teve como finalidade investigar como os professores enxergam à docência na Educação Física escolar, e qual a apropriação o professor de Educação Física tem frente aos conhecimentos específicos, científicos e críticos.

Após apresentação do projeto de pesquisa, foi obtida junto à direção da Escola Estadual de Ensino Básico Nicolau Araújo Vergueiro, a carta de autorização para a realização deste trabalho, (APÊNDICE A).

Mediante a autorização da direção da escola, iniciou-se a pesquisa. Os professores foram convidados a participarem do estudo, lhes foi apresentado o projeto, seus objetivos, possíveis riscos, benefícios, foi-lhes esclarecido a possibilidade de desistência ao longo do estudo bem como a inexistência de qualquer tipo de remuneração para participar da pesquisa. Aos que aceitaram e concordaram com os termos da pesquisa fora apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Neste mesmo documento, além de todas as informações prestadas aos pesquisados referente ao projeto, foi disponibilizado o contato dos pesquisadores para que a qualquer tempo os participantes pudessem sanar dúvidas. Depois do aceite os mesmos assinaram e receberam uma cópia do documento (APÊNDICE B e C).

Esta pesquisa tem como população o universo de professores atuantes na Escola Estadual de Educação Básica Nicolau Araújo Vergueiro que tem 43 professores. A amostra composta pelos professores que aceitaram participar do estudo foi dividida em dois grupos – Grupo 1, composto por professores das mais diversas áreas do ensino exceto, os professores de Educação Física, totalizando neste grupo 7 professoras participantes, e o Grupo 2 formado somente por professores de Educação Física com 3 professoras participantes.

A pesquisa foi desenvolvida da seguinte forma: o Grupo 1, composto por professoras de diferentes áreas, responderam a um questionário com questões fechadas e abertas, referentes a seu entendimento acerca do ensino e aprendizagem desenvolvidos na área da Educação Física escolar como também a relação deste com sua prática pedagógica (APÊNDICE D).

Já o Grupo 2 formado pelas professoras de Educação Física, participou de uma dinâmica onde se usou a metodologia de Grupo Focal. Esta ferramenta tem como objetivo extrair ao máximo a opinião, o relato de experiências e posicionamento das professoras, possibilitando também a reflexão das mesmas sobre as questões que abrangem o conhecimento e os problemas vivenciados na escola.

A dinâmica de Grupo Focal consistiu em um único encontro, realizado na própria escola investigada. O grupo contou com um mediador (a própria pesquisadora) e dois relatores, o mediador conduziu o grupo, baseado em roteiro com perguntas norteadoras para que ocorresse o debate sobre o assunto estudado. Os relatores fizeram a transcrição imediata dos relatos que ocorriam, como também captaram os aspectos gerais que o grupo apresentou. Foi solicitada a permissão da gravação em áudio, para que posteriormente fossem tabulados os relatos em forma de dados para análise da pesquisa, onde todos concordaram com a gravação (APÊNDICE E).

Após as atividades iniciais, todas as professoras participantes da pesquisa foram convidadas a participarem de uma oficina, que teve como proposta trabalhar algumas ferramentas de ensino que possibilitem mudanças positivas. Nesta oficina foi trabalhado a criação de um blog interdisciplinar, apresentando as professoras a possibilidade de unir seus conhecimentos com o uso de ferramentas tecnológicas, bastante familiares aos estudantes.

Por fim, foi aplicado a essas mesmas professoras questionário com questões abertas, com o intuito de identificar possíveis mudanças ocorridas após momento de reflexão propiciado pelo primeiro encontro, com a realização do Grupo Focal e/ou aplicação do questionário inicial, bem como a realização da oficina.

A importância da oficina para este estudo está expressa na colocação de Paviani e Fontana, “uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseadas no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos” (2009, p. 78).

Dessa forma, os dados da pesquisa foram analisados de forma qualitativa por meio de análise de conteúdo. Para a realização da mesma, foram construídas matriz de análise a partir dos objetivos e questionamentos levantados na proposta (APÊNDICE H).

A análise de conteúdo conforme Bardin (2011) é, "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitiam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens" (BARDIN, 2011, p. 48).

3 CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE AO LONGO DA HISTÓRIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS CONSTRUÇÕES DE PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Neste capítulo, iremos apresentar as principais características das sociedades modernas e pós-modernas, como também iremos conceituar uma e outra, em seus contextos históricos, referenciando-os com as mudanças nos estilos de vida, comportamentos, entre outros, e a relação destas com o ensino de Educação Física, e as mudanças vigentes a partir de cada período.

3.1 O mundo Moderno e Pós-Moderno

Na luz da Revolução Industrial surge uma nova formação social, denominada burguesia, a essa sociedade burguesa que possuía seus pilares alicerçados na visão mecânica do mundo e das coisas, tinha como símbolo desta era a máquina, e passa, porém, a atingir seu ápice no século XIX sendo servida e promovida pela ciência. Essa revolução abriu caminhos para o desenvolvimento e busca por novas tecnologias, assim o mundo moderno e pós-moderno são marcados pelo uso das máquinas para o desenvolvimento político, econômico e social, mas com pensamentos diferentes de ver e viver o mundo (FENSTERSEIFER, 1999).

A Revolução Industrial é tida como ponto de partida para as mudanças sociais do mundo moderno, observa-se nesta época uma forte dominância do Capitalismo como potência econômica, ficando ainda mais fortificado no Pós-Guerra Fria, onde os Estados Unidos da América impõem-se como uma das maiores potências mundiais, sendo esta última, um dos estopins mais fortes para as mudanças que ocorreriam na sociedade mundial. Com o domínio do Capitalismo surge novas esperanças para o mercado econômico, já que o estímulo viria do trabalho e da indústria, segundo Fensterseifer (1999) o homem foi exposto a essa dominância das máquinas e com isso pontua a analogia de corpo-máquina como:

Não é difícil perceber esta analogia de corpo-máquina, em situações como as do processo produtivo, onde o ideal passa a ser o trabalhador que mais se assemelha à máquina, a qual executa seu movimento rapidamente, sem esboçar qualquer reação, muito menos oferecer resistência, paradoxo que tem seu deslanche na figura do robô (FENSTERSEIFER, 1999, p. 29).

Neste sentido, percebe-se na modernidade a importância dada ao industrialismo, a busca pelo capital e pela produção em massa, criando assim, um ser humano mecânico que realiza suas atividades repetidamente, e que segue uma rotina pautada na produção e no consumo. E quando observado o tipo de relação social que nasce nesta época (mecânica), encontramos o individualismo como uma das características mais marcantes na sociedade moderna e que se faz muito presente atualmente. O individualismo prospera à medida que cresce a perspectiva do trabalho em massa, deixando as pessoas expostas mais tempo à mercê do trabalho, o que também influenciou de forma indireta em outras mudanças no comportamento social moderno (FENSTERSEIFER, 1999).

Essa mudança de comportamento que se dá a partir da Era Industrial, afeta não só nas diferentes formas de agir, mas também nas formas de se relacionar culturalmente, acometem todas as classes sociais, pois o engajamento de todos os grupos sociais ao qual o ser humano esteja envolvido acaba por ser atingido pelas decorrências do mundo moderno. De acordo com Neira e Nunes (2009),

Nos últimos anos, as teorias social e cultural têm enfatizado como o deslocamento das estruturas e das referências que tradicionalmente ancoravam o indivíduo no sistema social, como, por exemplo, o trabalho, a família, a ciência e a religião, influenciam o processo de transformação da sociedade. As mudanças vêm sendo amplamente expostas nos meios de comunicação de massa que, ao facilitar uma exposição contínua de modos e comportamentos diversificados, oferecem constantemente uma visão de homem múltipla, plural e paralelamente fragmentária (NEIRA; NUNES, 2009, p. 141).

Neira e Nunes (2009) pontuam que as mudanças sociais e culturais se tornam mais intensas desde a Segunda Guerra Mundial. Decorrentes das várias transformações nos modos de produção, e também de uma nova distribuição de forças políticas e econômicas e das alterações nas relações socioculturais mundiais, tudo isso tem proporcionado grandes deslocamentos de diversas populações pelo globo, geralmente associados às guerras civis, desemprego, fome, miséria e cataclismo. O fim da Guerra Fria se deu com o declínio do comunismo de Estado da antiga União Soviética, sob a liderança dos Estados Unidos da América que tinha um projeto que previa uma nova ordem mundial, desconsiderava fatores internos inerentes ao desenvolvimento e controle de diversas etnias que compunham os países do denominado Segundo Mundo.

Ainda como característica da sociedade moderna, observamos o rompimento com o tradicional, como a fé com a crença, a ruptura do velho como o novo, do passado com o futuro. Desta maneira Fensterseifer (1999) aborda que a modernidade traz consigo, essa dualidade de matéria/espírito e objeto/sujeito. E completa que, “é óbvio que esta centralidade deriva não mais de Deus, mas deste elemento que dá ao homem o poder de constituição a atribuição de sentido a tudo “o que é”: a razão” (FENSTERSEIFER, 1999, p. 23).

Então, dessa forma, fundamenta-se na ciência essa busca pela razão, a razão científica, exatidão de tudo, como na matemática, só que nem tudo pode ser previamente calculado ou possuir uma exatidão, como os estudos que envolvem a relação humana, investigar comportamentos, entender um caso de vida, por exemplo, são coisas impossíveis de se encontrar nas ciências exatas.

De acordo com Neira e Nunes (2009) o projeto da modernidade caracteriza-se pela relação entre “regulação” e “emancipação”. Este projeto buscou separar o sujeito e suas dimensões afetivas da razão, onde a regulação deu-se entre o equilíbrio de três princípios: o Estado, o mercado e a comunidade, visando o controle dos comportamentos sociais para garantir o exercício da cidadania e a participação coletiva em um Estado centralizado e democrático, cujo o mercado proporcionasse oportunidades iguais aos cidadãos. Os autores pontuam que o pilar da emancipação é construído por três pilares de racionalização da vida coletiva: a racionalidade moral-prática do direito moderno; a racionalidade cognitivo-experimental da ciência moderna e da técnica e a racionalidade estético-expressiva das artes e da literatura moderna. Neste projeto moderno, somente a racionalidade podia gerar melhorias sociais e promover o progresso.

Explicam ainda, que ao isolar a razão do sujeito, o projeto eliminou as particularidades individuais e coletivas, voltando-se para a busca do conhecimento universal de todos os fenômenos e de si mesmo. À medida que a modernidade se identificou com o Capitalismo, o pilar da regulação foi abalado e padeceu forças entre mercado, Estado e comunidade, pendendo para o princípio do mercado, em detrimento do Estado e da comunidade. Já na emancipação o princípio da racionalidade cognitivo-experimental da ciência e da técnica sobrepôs-se aos demais princípios.

Descartes apud Neira e Nunes (2009) pontuam que: Esse método passa a garantir o isolamento entre o sujeito e objeto, explicando de forma simples o método moderno, o que segundo Descartes consistia em emprego de uma linguagem matemática, extraída das relações construídas pela cultura da época; em uma visão mecanicista do Universo onde existiam leis a serem desvendadas pelo homem, o que lhe daria o poder de fazer previsões sobre a natureza e

sobre a humanidade; em uma visão reducionista de fragmentar em partes cada vez menores o fenômeno a ser controlado/investigado, mediante a concepção de que o conhecimento das partes poderia contribuir como conhecimento do todo.

Para tanto, na modernidade só seria aceito como conhecimento, aquele que estivesse fundamentado nos critérios do método e da racionalidade científica. Em contrapartida, a pós-modernidade, tem seu projeto pós-moderno fundamentado em uma ciência ancorada, tanto nas construções teóricas quanto os procedimentos científicos provenientes das interpretações pautadas nas Ciências Humanas (NEIRA; NUNES, 2009).

De maneira geral, podemos dizer que a modernidade tem seu marco inicial a partir da Revolução Industrial e a pós-modernidade tem seu início segundo Santos (2004), por volta de 1955, para vir à luz lá pelos anos 60. Nesse período, realizações decisivas irromperam na arte, na ciência e na sociedade (SANTOS, 2004, p. 20). Veríssimo (1997) coloca que para diferenciar-se da Modernidade falida, autodenomina-se pós-modernidade. “Esta compreende não só condições sociais diferenciadas, como também novos modelos ou propostas interpretativas do social” (VERÍSSIMO, 1997, p. 165), o mesmo autor discorda que tenha havido uma ruptura entre a modernidade e pós-modernidade.

O pós-modernismo pode ser compreendido como um conjunto variado de perspectivas que abrangem uma diversidade de campos intelectuais, políticos, estéticos e epistemológicos que, em grande parte, visam romper com as noções de teoria, método e sistematização. Em termos sociais e políticos, o pós-modernismo toma como referência uma transição entre, de um lado, a modernidade, iniciada com a Renascença e consolidada no Iluminismo e, de outro, a pós-Modernidade, iniciada em algum ponto da metade do século XX (NEIRA; NUNES, 2009, p. 156).

Já Bauman (2001), compara a mudança de uma para outra como: "ela parece "pesada" (contra a "leve" modernidade contemporânea), melhor ainda "sólida" (e não "fluida", "líquida" ou "liquefeita"). Condensada (contra a difusa ou "capilar"); e finalmente "sistêmica" (por oposição a "em forma de rede") (BAUMAN, 2001, p. 33). Ainda sobre o livro *Modernidade Líquida*, ao qual fora feita a citação a cima de Bauman (2001), o autor ao comparar a modernidade com a pós-modernidade, faz relação com os estados físicos da matéria e os faz dessa forma para demonstrar as transformações sociais ocorridas a partir do mundo moderno, ou seja, o individualismo, a emancipação, o tempo/espaço, o trabalho e o mais importante o consumo.

Para Santos (2004) o pós-modernismo é uma continuidade do modernismo, coloca como exemplo o individualismo que nasceu com o modernismo, mas o exagero narcisista é um acréscimo advindo do pós-moderno. Mostra-se em sua fala a diferença entre um e outro como:

Um filho da civilização industrial, mobilizava as massas para a luta política; o outro, florescente na sociedade pós-industrial, dedica-se às minorias — sexuais, raciais, culturais —, atuando na micrologia do cotidiano. Por ora, contentemo-nos com saber que o pós contém um des — um princípio esvaziador, diluidor. O pós-modernismo desenche, desfaz princípios, regras, valores, práticas, realidades (SANTOS, 2004, p. 18).

Nesta diferenciação podemos observar que o pós-moderno acarreta em sensações e simbologismos que proporcionam prazer para o ser humano, mesmo que com isso tenha que se alienar e romper com crenças e religiões. O ser pós-moderno é marcado por simbolismos, tudo gira em torno de tempo e espaço, ou seja, o homem pós-moderno tem sua vida regrada em compromissos pré-agendados, corre contra o tempo, que por sinal passa voando. Está sempre em busca de uma vida melhor e com mais conforto, e o consumo está atrelado com este novo modo de viver. O consumo se tornou necessário e imprescindível para que o ser humano se sinta feliz e realizado, caracterizando-se como o primeiro aspecto cultural forte em nossa sociedade. O que prevalece é o consumo pelo consumo, ou seja, quanto mais eu adquiro mais eu quero obter (FENSTERSEIFER, 1999; NEIRA; NUNES, 2009).

Fensterseifer (1999) traz uma questão levantada por Chauí (1992), de por que os pós-modernistas na sua crítica ao logocentrismo da razão, do Iluminismo, da Ilustração, do Marxismo, acham que são tão inovadores? A resposta, segunda a autora, está no que podemos chamar de acumulação flexível do capital. Que ainda coloca,

A acumulação flexível do capital caracteriza-se por “turn-over” extremamente veloz na produção no consumo. Quanto a produção, evita-se o estoque, a produção em larga escala e a formação de uma organização conglomerada horizontal e vertical da produção, optando por um modo de organizá-la. Quanto ao consumo, a velocidade do “turn-over” é garantida pela redução da durabilidade dos produtos, e tornam-se descartáveis (FENSTERSEIFER, 1999, p. 85).

Os autores Neira e Nunes (2009) esclarecem que outro elemento decisivo que implica nas transformações sociais é a atual “globalização”, porém as transformações não são apenas

econômicas, dados que envolvem aspectos políticos, sociais e culturais. Elucidam ainda, nos pensamentos de Bauman (1999), que os efeitos da globalização não são universais, podendo ter o efeito tanto de unir como separar. A globalização tem aberto, cada vez mais, um fosso entre os que têm e os que não têm, valorizando as tecnologias informacionais, as imagens, o individualismo e o particular, em troca do declínio do espaço público. E que, “a liberdade de movimento, atrelada ao mais alto nível de consumo de mercadorias, sempre causa uma distribuição desigual, transformando-se no principal fator de estratificação dos tempos pós-modernos” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 147).

Resumidamente a globalização tem o efeito de eliminar a distância e o tempo, o que possibilita tornar o mundo mais próximo, com o suporte advindo dos meios de comunicação em massa e com a expansão da internet, as informações são tidas em tempo real nos mais diversos países ao longo do globo, correndo o risco de homogeneizá-lo, o que permitiria perceber as contradições e desigualdades sociais.

No âmbito global, a tentativa de universalizar sentidos abriu portas para que as sociedades tribais, regionais e nacionais, compreendendo sua cultura, línguas e dialetos, religiões e crenças, tradições e utopias, não se dissolvem, mas se autorrecriassem. Não é à toa que novas formas de organização familiar, de sustento, de seitas, de grupos e de buscas por prazer têm surgido e sido recriadas com incrível velocidade (NEIRA; NUNES, 2009, p. 146).

Ainda de acordo com Neira e Nunes (2009), a atual globalização desobrigou a sociedade das preocupações historicamente construídas ao longo da existência humana, entre elas, colocam o diálogo produtivo, o encontro de alternativas coletivas, a obrigação com as gerações futuras e com a autorreprodução das condições de vida e trabalho. Fazem uma comparação da globalização com a contemporaneidade, em que a última tinha a necessidade de construir ou contribuir para um cotidiano e para a perpetuação da comunidade, já a primeira e mais atual, os proprietários ausentes são livres de responsabilidade quando exploram até a última árvore, até a última gota de petróleo ou de suor.

Santos (2004) aborda em sua fala sobre a falta de valor que os pós-modernistas apresentam no seu cotidiano, o egocentrismo, a falta de moral e valores, o ser humano não pensa mais com racionalidade, é influenciado por um sistema que só visa lucro e poder. O homem pós-moderno é narcisista, é egoísta, ama a si mesmo mais do que qualquer outra pessoa,

não se importa com o que acontece ao seu redor, importa-se apenas com coisas de seu interesse ou que afetem sua própria vida. Classifica ainda as massas, como:

A massa pós-moderna, no entanto, é consumista, classe média, flexível nas idéias e nos costumes. Vive no conformismo em nações sem ideais e acha-se seduzida e atomizada (fragmentada) pelos mass media, querendo o espetáculo com bens e serviços no lugar do poder. Participa, sem envolvimento profundo, de pequenas causas inseridas no cotidiano — associações de bairro, defesa do consumidor, minorias raciais e sexuais, ecologia. A esta mudança os sociólogos estão chamando deserção do social. É como tornar deserta uma região. Pela desmobilização e a despolitização, o neo-individualismo pós-moderno, que tende ao descompromisso, ao não tenho nada com isso, vem esvaziando as instituições sociais (SANTOS, 2004, p. 90).

Por outro lado, em vez de crer e atuar na história, os indivíduos estão se concentrando em si mesmos, hiperprivatizando suas vidas. Eles investem em saúde, informação, lazer, aprimoramento pessoal. Santos faz um comparativo entre os dois períodos aqui apresentados como: A massa moderna queria a história quente, combativa; a pós-moderna quer esfriar a História, congelá-la numa sucessão de instantes isolados e sem rumo (SANTOS, 2004, p. 91).

Em consonância com Neira e Nunes (2009) os autores fazem uma observação de que mesmo que não seja aceito certos elementos da perspectiva da pós-modernidade, não é difícil verificar a velocidade com a qual seu pensamento vem invadindo a cena social e cultural contemporânea.

Os “novos” meios de comunicação e informação, por exemplo, parecem corporificar muitos elementos referentes ao pós-modernismo: simulacro, fragmentação, ironia, hibridismo, pequenas narrativas, mistura de gêneros etc. Nos diversos movimentos sociais e culturais, nas comunidades virtuais e nas diversas “tribos”, observa-se a emergência de certa identidade pós-moderna: descentrada, múltipla, fragmentada (NEIRA; NUNES, 2009, p. 165).

Por fim, as influências no comportamento social acarretado pelas mudanças decorrentes do mundo pós-moderno, também vêm a afetar o ensino de modo que todo o regimento social passa a se adequar as demandas sociais de cada época. Para a Educação Física, Neira e Nunes (2009) essas transições no ensino se valem pelo fato de: “O currículo da Educação Física impregnou-se de todas as inquietações das diversas épocas e, entre as muitas frentes (...), ora requer auxílio da psicologia cognitivista, ora recorre às correntes neomarxistas,

ou ainda interpõe-se valendo de reflexões socioculturais” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 91). No ensino de Educação Física escolar, vemos através de sua história mudanças dramáticas em seu contexto educativo onde, ora vem a atender a medicina no intuito de melhorar as condições de higiene e ora passa a atender ao militarismo operando na visão de garantir um exército forte e corpos saudáveis.

3.1.1 Pós-Modernidade, Educação e Educação Física

Sob a égide dos pensamentos modernos e pós-modernos, as ideias destes acarretaram importantes implicações para o ensino e conseqüentemente para a prática pedagógica. Tais mudanças idealizadas na transmissão de conhecimentos científicos, pretendiam disseminar os princípios liberais de igualdade e cidadania no projeto moderno, já no projeto pós-moderno passa a atacar a própria ideia de educação.

O abalo dos princípios da modernidade fez que a educação se defrontasse com desafios inesperados. Por não poder mais ancorar seus objetivos e práticas nas certezas (hoje, incertezas), do projeto moderno, a educação tem saído em busca de novas formas de legitimação em uma sociedade marcada, pela velocidade das mudanças e pela desconfiança (NEIRA; NUNES, 2009, p. 166).

O processo educativo tem seu marco segundo Neira e Nunes (2009), na transição da Idade Média para a Idade Moderna, transformando definitivamente o ensino e conseqüentemente o que acontecia no interior da escola. Para eles, a escola neste primeiro momento, sede as influências religiosas, restritas ao âmbito privado. Já o movimento da Reforma Protestante foi o pioneiro ao tentar implementar a escola primária para todos, onde Martinho Lutero defendia a educação universal e pública como dever do Estado, onde os reinos germânicos foram os primeiros a promover esse projeto de educação pública. Esses projetos pioneiros tinham a presença de religiosos no ensino, objetivavam propagar a fé religiosa e opor-se ao ensino jesuíta. Os autores reforçam que o modelo de ensino público, são frutos das mudanças econômicas e sociais vigentes na Europa da época.

A partir da Revolução Industrial e Francesa, estabelece-se uma nova formação social, uma dominante liderada pela burguesia e outra dominada compreendida pelo proletariado, desta relação surge um novo tipo de trabalhador, o assalariado. Essa relação só foi possível por que o homem passou a deslocar-se do campo para as cidades, e se sujeitava aos mecanismos do

mercado capitalista, e esse visava garantir uma maior produção para conseqüentemente acumular o máximo de capital, explorando por completo o trabalhador.

Mediante a isso, ocorreram diversas reformas sociais que buscavam atender aos interesses da burguesia, surgindo então a necessidade de controlar as massas e, para que fosse garantido a soberania nacional, era necessário a transformação do súdito feudal em cidadão, como colocam Neira e Nunes (2009), “é aí que a escola recebe um papel de destaque. O ensino universal e obrigatório promovido por um sistema nacional seria a garantia para a construção da unidade em uma sociedade marcada pela divisão de classes” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 28).

Desta forma, o ensino passa a tender aos interesses econômicos e políticos da sociedade “dominante”, propondo garantir uma sociedade igualitária, onde todos teriam o direito a educação. Essa visão de igualdade era somente um artifício para assegurar o controle das massas, visto que na prática não foi assim que se sucedeu. A escola então passa ter perspectivas diferentes, no olhar do empresário a escola proporcionaria uma maior aceleração na produção. Já para as classes médias, essa seria a oportunidade de promoção social pela ocupação de cargos mais qualificados. Para a classe de trabalhadores, uma maneira de prosperar e melhorar de vida. Para tanto, de modo geral, a escola neste período (moderno) tende a promover a visão de espaço qualificador de meios de produção, já que a visão por cada uma das classes é de ascensão no mercado de trabalho (NEIRA; NUNES, 2009).

Isto posto, no Brasil a escolarização manteve-se limitada a alguns segmentos da sociedade até o início do século XX. A escola era voltada apenas a elite, tinha como objetivo formar homens para ocuparem cargos de prestígio da época.

Assim como na Europa, no Brasil, o avanço do capitalismo e a consolidação das políticas liberais fomentaram uma maior demanda na produção e, por conseguinte, na mão de obra qualificada. Ao longo dessa trajetória, surgiram novos postos de serviços que requisitavam conhecimentos especializados. Para atender as mudanças, o ensino técnico foi incrementado com a fundação de escolas profissionais, inicialmente no interior das indústrias, mas que, com o tempo, passaram a configurar unidades independentes pertencentes às redes públicas ou privadas de ensino (NEIRA; NUNES, 2009, p. 29).

Logo percebemos que a economia e seus processos de transformações atingem diretamente a educação. A partir da globalização, várias sucessões de ocorrências econômicas, políticas e sociais, afetaram o ensino pelo globo. Se antes o ensino público visava formar um trabalhador disciplinável e confiável, um cidadão com possibilidades de ascensão econômica, a

nova ordem capitalista e globalizada, exige trabalhadores com capacidade de aprender rápido, trabalhar em equipe, e que se adapte as rápidas transformações e as novas demandas, um cidadão concorrente, para um mercado exigente, competitivo e criativo.

Nesta perspectiva de formar cidadão disciplinado, competitivo, é que na Educação Física, nascem princípios diferentes para atender a demanda social de cada época. Mediante a inclusão da Educação Física na escola a partir da metade do século XIX, no Brasil, essa buscava sua legitimação, segundo Neira e Nunes, “sua principal preocupação voltava-se para a ortopedia como arte da correção das deformações que assombravam setores privilegiados da sociedade” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 64). Além disso, sua prática tinha finalidades de prevenção a doenças decorrentes da crescente urbanização das cidades.

Desta maneira, a Educação Física vincula-se aos princípios da medicina, quando adquirida para si os conceitos de saúde e prevenção a doenças. “No século passado, a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e à classe médica. Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades, quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada” (BRASIL, 1997, p. 19). E ainda, com o surgimento da preocupação em preencher o tempo livre dos alunos é que surge o ensino do esporte no Brasil, vinculado na escola como símbolo de perseverança, luta e vitória. Tornando assim, o ensino do esporte em competitividade dentro da escola.

Feita essa relação do surgimento do esporte como conteúdo da Educação Física, que procura esboçar no aluno um espírito de vitória e competitividade, fica nítida as influências da sociedade moderna e pós-moderna no ensino de Educação Física, visto que a competitividade nasce da modernidade e toma grandes proporções na pós-modernidade, formando uma pedagogia técnica, sob essa influência o ensino era visto como uma maneira de se formar mão-de-obra qualificada. Era a época da difusão dos cursos técnicos profissionalizantes (BRASIL, 1997).

Ainda mais, Neira e Nunes (2009), colocam que a partir da Pedagogia Tecnicista, a Educação Física passa a se caracterizar pela proliferação de obras manuais que apresentavam, passo a passo, as aulas prontas, restando ao professor o papel de minimizar os problemas disciplinares ou estruturais e colocar em prática o currículo ideal.

Em consonância, percebe-se que a construção de valores em cima da Educação Física fora feita para atender objetivos de uma classe que obtinha o poder, o poder de decisão do que seria necessário para o currículo desta matéria, e desta forma também criar regras e os passos que o professor deveria seguir, limitando dessa forma, o poder do professor em tomar atitudes

e decisões acerca do que ensinar e como ensinar. Por sua vez, acaba a limitar-se a participação do aluno nas aulas.

Em uma sociedade onde, “O governo fornecia manuais para que os professores aplicassem as atividades nas aulas, visando garantir a educação dos corpos como forma de controle social e afirmação de um modelo societário” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 65). Fica ainda mais evidente que a Educação Física tenha sido usada de maneira a sustentar e manter a hierarquia, já que neste tipo de sistema capitalista sempre terá o oprimido e opressor, ou seja, a distinção por classes sociais e a relação de poder, como o chefe e subordinado.

Posto isso, as várias mudanças de paradigmas no ensino de Educação Física no Brasil, passaram por modificações implicadas pelos períodos históricos que compreendem a modernidade e a pós-modernidade, desde seu reconhecimento como disciplina curricular no ensino, a Educação Física procura adaptar-se as mudanças decorrentes do mundo capitalista, moderno, pós-moderno e globalizado.

Abordando uma visão mais recente da Educação Física, fica claro a necessidade desta de encontrar caminhos que levem a busca por uma sociedade mais justa e igual. Podemos colocar como exemplo da contextualização as mudanças ocorridas nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que passam a abordar em seu documento os “temas transversais” relacionados a área da Educação Física, colocados como temas de urgência que compreendem: ética, saúde, valores e conceitos, procedimentos, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual, trabalho e consumo.

Observamos que o último tema se refere ao trabalho e ao consumo, ambos característicos do Capitalismo, sendo bem marcante essa urgência em debater assuntos que referenciam as mudanças pós-modernas dentro da escola (BRASIL, 1998). Como já abordamos, o individualismo passou a caracterizar o homem moderno, e com isso, a disciplina de Educação Física na escola passa a desenvolver trabalhos que busquem valorizar o outro, criando regras de convivência, o que a fez adquirir características de uma disciplina disciplinadora.

3.2 As principais questões sociais que a sociedade democrática enfrenta

Neste capítulo será abordado os fatores que levaram a sociedade assumir o caráter democrático, bem como suas imposições e implicações para a vida pós-moderna. Sendo assim, será discutido o papel da cultura frente aos problemas enfrentados pela sociedade atualmente como: fome, miséria, desemprego, violência, precariedade na saúde, e de que forma a escola vem a trabalhar essas questões, após ser direcionada para uma visão democrática.

Surge a partir do pós-segunda guerra mundial o conceito de democratização, que procurava trazer liberdade nas tomadas de decisões e também na participação do povo de forma conjunta. Carvalho (2004), coloca que “democracia pressupõe participação igualitária do povo nas decisões quanto a sua vida. Em sua radicalidade, Democracia constitui um modo de organização da vida social, uma forma de sociabilidade” (CARVALHO, 2004, p. 2). Ainda segundo Carvalho (2004), a democracia, representa uma gramática social e cultural, regulando a vida social, na perspectiva da liberdade e da igualdade, garantindo possibilidades efetivas de participação no respeito à pluralidade de expressões culturais. “A rigor, a Democracia é uma forma sócio-histórica que pressupõe ruptura e construção. Logo, não pode ser reduzida a uma simples obra de engenharia institucional ou a um mero arranjo formal de legitimação de governos” (CARVALHO, 2004, p. 3). Ela se configura em novas determinações, novas leis e novas normas, capaz de gerar uma nova gramática societária, fundada na igualdade e na liberdade (CARVALHO, 2004).

Nessa busca permanente, via caminhos incertos e, sempre, “em aberto”, a democracia é objeto de reflexões e debate em diferentes tempos históricos. No âmbito da ciência e da política, muito se tem discutido sobre as exigências, as possibilidades e a viabilidade da democracia em formações sociais distintas. [...] No “Contrato Social”, sustenta a tese de que “só poderia ser democrática a sociedade onde não houvesse ninguém tão pobre que tivesse necessidade de se vender e ninguém tão rico que pudesse comprar alguém” (CARVALHO, 2004, p. 3).

Conforme Sousa Santos (2003), o sistema político brasileiro foi instável durante a maior parte do século XX, em decorrência da competição entre as elites e estiveram sujeitos a algum tipo de questionamento antidemocrático.

Vargas (1950-1954) enfrentou uma rebelião organizada pela força aérea e não completou seu mandato; Kubitschek (1955-1965) precisou do apoio das forças armadas para tomar posse e enfrentou uma rebelião militar durante seu mandato; Jânio Quadros renunciou depois do golpe contra o Congresso por ele patrocinado falhou e, finalmente, João Goulart, foi deposto por um golpe militar. Entre 1964 e 1985, o país sofre a sua pior experiência autoritária: o Congresso foi fechado duas vezes pelo regime autoritário – uma em 1968, e a outra 1977. As eleições presidenciais foram suspensas, assim como, a partir de 1968 a maior parte das garantias civis (SOUSA SANTOS, 2003, p. 569).

Desta forma, nos anos 60, o modelo hegemônico de democracia, a democracia liberal, parecia destinado a ficar confinado a um pequeno canto do mundo, por outro lado, fora da Europa Ocidental e América do Norte, existiam outras práticas políticas que reivindicam o estatuto democrático e o faziam a luz de critérios autônomos e distintos dos que subjaziam à democracia liberal. À medida que essas práticas foram perdendo força, foi-se imposto o modelo de democracia liberal, como modelo único e universal e sua consagração foi consumada pelo Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (SOUSA SANTOS, 2003).

Sousa Santos (2003), ainda complementa que no século XX foi efetivamente um século de intensa disputa em torno da questão democrática. Essa disputa travada, ao final de cada uma das guerras mundiais e, ao longo do período da guerra fria, envolveu dois debates principais: na primeira metade do século, o debate centrou-se em torno da desejabilidade da democracia. O segundo permeou a discussão em torno da democracia na pós-segunda guerra mundial, trata-se de um debate acerca das condições estruturais da democracia, que foi também um debate sobre compatibilidade ou incompatibilidade entre democracia e capitalismo.

A tensão entre democracia e capitalismo implicava que uma vez resolvida a favor da democracia, colocaria limites a propriedade e implicaria em ganhos distributivos para os setores sociais desfavorecidos. Os marxistas entendiam que nas sociedades capitalistas, não era possível democratizar a relação fundamental em que se assentava a produção material, a relação entre o capital e o trabalho (SOUSA SANTOS, 2003).

Sousa Santos (2003) afirma ainda que, a teoria hegemônica da democracia no momento que se reabre o debate democrático com o fim da guerra fria e o aprofundamento do processo de globalização, se encontra frente ao conjunto de questões não resolvidas que remetem ao debate entre democracia representativa e democracia participativa. O autor ainda reforça que a democracia participativa se implica no fato de que os cidadãos não se sentirem representados por aqueles que elegeram. A mesma é considerada um dos grandes cinco campos sociais e políticos onde, no início do novo século, se está a reinventar a emancipação social.

O Brasil vem a tornar-se um país democrático com o fim da Ditadura Militar, tendo como definição de democracia: "Governo em que o poder é exercido pelo povo", "sistema governamental e político em que os dirigentes são escolhidos através de eleições populares (...)" e "regime que se baseia na ideia de liberdade e de soberania popular; regime em que não existem desigualdades e/ou privilégios de classes" (Dicio - Dicionário online de Língua Portuguesa). Ainda Pereira (1989) complementa,

O processo de redemocratização que ocorreu no País entre meados dos anos 70 e 1984 foi o resultado de um profundo processo político. A democracia resultante não é um presente ou uma concessão do regime militar, mas sim uma conquista da sociedade civil. Baseou-se na consolidação de um tipo moderno de capitalismo, que dispensa o uso da violência direta para apropriação do excedente (PEREIRA, 1989, p. 48).

Pereira (1989) faz essa afirmação devido à demora de consolidar-se a democracia no Brasil, deixando claro que esse processo foi conquistado pela sociedade civil. Fica bastante evidente no texto "Ideologias econômicas e democracia no Brasil", Pereira (1989), que apesar do texto ser escrito apenas três anos após a democracia estar estabelecida, pouca coisa havia mudado com relação às questões sociais no país.

Tratou-se do caso mais longo de transição democrática: um processo lento e gradual de liberalização, em que se transcorreram 11 anos para que os civis retomassem o poder e outros cinco anos para que o presidente da República fosse eleito por voto popular (KINZO, 2001, p. 04).

Uma das conquistas mais significativas advindas da democracia para o meio social é o estabelecido na constituição brasileira, Art. 5º "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade" (Brasil, 1988).

Essa constituição foi decretada em 1988, e mesmo estando esclarecida e regente, a mesma não se faz nos dias atuais, ainda encontramos distinções na sociedade democrática brasileira. Um exemplo mais claro e visível para todos é o caso de os homens ainda receberem salários maiores que as mulheres para exercerem o mesmo cargo. Segundo Chies (2010), as

diferenças de gênero, até mesmo em uma mesma profissão, determinam de certa maneira, as relações de poder.

Se a subordinação da mulher ao homem é um ponto fixo na mentalidade de uma sociedade, independente de qual profissão que esses venham a se confrontar no campo do trabalho, de médicos a funcionários de limpeza, a mulher, por via de regra social, será menos valorizada nesse quadro, o que inevitavelmente indica que homens e mulheres não podem ter a mesma identidade mesmo que atuantes em uma mesma profissão. Pontos em comum nessa relação surgem, pois falamos de uma mesma profissão, mas existem diferenciais marcados pela questão de gênero (CHIES, 2010, p. 510).

Para Chies (2010), essa distinção de gêneros é decorrente do preconceito em relação às mulheres, que permeia nossa sociedade pelo medo de que a estrutura social, por mais tempo presente em nossa sociedade como pilar da dominação entre os gêneros, se desmantele como um ‘castelo de areia’. “A transformação dos papéis sociais das mulheres leva à reformulação das relações sociais na família, no trabalho, na política, etc. Os pilares da esfera pública e privada devem ser repensados como construções arcaicas e inapropriadas pelas novas funções que essas passam a abrigar” (CHIES, 2010, p. 512).

Nesta perspectiva é que se vem buscar na constituição brasileira a garantia dos direitos de igualdade, seja ele de gênero, de cor, de religião, etc. Em busca também de liberdade, do direito à vida, do direito à moradia, é eis que os direitos humanos surgem desta premissa, que passa a garantir ao ser humano direitos e liberdades básicas. Magri define direitos humanos como,

Os direitos humanos foram construídos com base na ideia de dignidade da pessoa humana, ou seja, de que todo o ser humano, independentemente de qualquer condição pessoal, deve ser igualmente reconhecido e respeitado, não podendo ser tratado como instrumento, mas, sim, como fim de toda a organização social e política na sociedade (MAGRI, 2012, p. 46).

Podemos então resumir que, democracia é o poder do povo de estar no controle, poder escolher o seu presidente, ou seja, seu representante, e ao Estado cabe agir de forma a atender as necessidades da sociedade, principalmente garantir o bem-estar social, preservando os interesses de todos e não dando privilégios a alguns. Já com relação aos direitos humanos que

foram criados pela ONU (Organização das Nações Unidas), tem como compromisso, reafirmar os valores do ser humanos em sua plenitude, assegurando a dignidade e igualdade de todos.

Encontramos ainda como fator de desigualdade social, a distinção de classes que sempre estiveram presentes em nossa sociedade, onde pessoas são classificadas pela sua condição financeira, sendo dividida por classes sociais, podendo ser ricas, pobres ou classe média. A pobreza é o que mais tem preocupado os órgãos governamentais, “o conceito de pobreza relativa refere-se a desigualdade do acesso dos indivíduos e famílias a bens e serviços ou de disponibilidade de renda” (JANNUZZI, 2001, p. 44). Essas questões geram um ciclo, que parece difícil de solucionar, pois estão agarradas aos processos aos quais somos formados culturalmente, que provoca o preconceito, a ignorância, o desprezo e até mesmo o descaso com o outro ser humano.

Essas incumbências sociais, ao meu ver, são tidas como problemas governamentais. Nitidamente é percebido através de campanhas sociais que o problema é de todos, pois somos uma sociedade e como seres sociais devemos cuidar do outro e dos problemas que afligem nossos meios sociais. Culturalmente o ser humano tem apresentado melhorias nas formas de pensar e agir, agregando muito a sua forma de se expressar culturalmente a partir da pós-modernidade.

As desigualdades sociais estão fortemente relacionadas com os aspectos culturais que permeiam a nosso meio social, sendo muito resistente e muito presente nos dias atuais, são calçados na historicidade das formações sociais, por exemplo, no caso da beleza e do belo, quem dita o que é belo ou feio?

Para Bauman (2013), as regras para tais denominações advêm das classes superiores, mais abastadas, possuidoras do poder, restando aos menos afortunados apenas acatar tal posição, por muitas vezes acreditar que os que detém o conhecimento possuam maior capacidade para determinar o que é beleza ou feiura, tanto na arte como na natureza.

Bourdieu (2007) também aponta para essa direção, reforçando essa ideia do domínio da nobreza sobre os aspectos culturais, onde ele coloca que o “gosto” pelas coisas é preenchido pelo campo, tanto da classe dominante quanto da produção cultural. E isso se dá por dois motivos, afirma o autor. O primeiro porque o julgamento do gosto é a manifestação suprema do discernimento que, pela reconciliação do entendimento com a sensibilidade de compreender, e segundo porque todas as conveniências designam e impõem uma leitura formalista da obra de arte, tendo transformado o gosto em um dos indícios mais seguros da verdadeira nobreza.

O gosto classifica aquele que procede à classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas (BOURDIEU, 2007, p. 13).

Sabe-se que tanto a beleza quanto a feiura, possuem diante a diferentes olhares posições também opostas. Somente após a pós-modernidade, esses conceitos foram sendo reanalisados e até mesmo ganharam forças, pois tudo que era uma vez apreciado por uma população, tribo, religião, que não condizia com o que a nobreza praticava (culturalmente) era tido como vulgar ou feio. Nos dias atuais, essas concepções são classificadas como multiculturais, já que a mesma pessoa que aprecia música, arte, literatura clássica, tida como bela, destinada as elites, também conseguem apreciar músicas nativas, tradicionalistas, e trabalhos artísticos populares.

Essa cultura que por muito tempo impôs o que as elites classificavam como “bom” e “de qualidade”, destacando com “ruim”, “vulgar” e “de péssimo gosto”, aquilo que as pessoas comuns apreciavam. Para Bauman (2013), o termo cultura tinha a incumbência de tentar aproximar essas classes sociais.

O nome “cultura” foi atribuído a uma missão proselitista, planejada e empreendida sob a forma de tentativas de educar as massas e refinar seus costumes, e assim melhorar a sociedade e aproximar “o povo”, ou seja, os que estão na “base da sociedade”, daqueles que estão no topo (BAUMAN, 2013, p. 12).

Santos (1987), conceitua cultura como:

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. E uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS, 1987, p. 45).

Percebe-se nesta fala de Santos (1987) que a cultura não foi planejada, e sim, criada a partir das vivências humanas decorrentes da história e da formação social humana, e que cada tribo, região ou nação apresenta uma cultura diferente. Essas culturas foram formadas a partir das condições (tanto da natureza como das condições de poder) que cada povo foi exposto, na tentativa de extinguir as desigualdades.

Ainda sobre cultura, mas agora referente a cultura empregada na modernidade, Bauman (2013) coloca que estava cheia de intenções, uma delas compreendia em um acordo planejado e esperado entre os detentores do conhecimento e os ignorantes (aqueles assim descritos pelos audaciosos aspirantes ao papel de educador), direcionando para uma classe instruída, cuja a intenção dessa classe era a educação, o esclarecimento, a elevação e o esnobismo, que se alçava à condição de Estado soberano com o novo Estado que aspirava ao papel de curador, defensor e guardião da nação (BAUMAN, 2013, p. 13).

A formação do Estado-nação acarretou em uma nova teoria cultural revolucionária, atribuiu à sociedade “desenvolvida” a função de converter os demais habitantes do planeta, “a “cultura” foi transformada de estimulante em tranquilizante; de arsenal de uma revolução moderna em repositório para a conservação de produtos” (BAUMAN, 2013, p. 15).

Desta maneira, a cultura pós-moderna rompe-se com a cultura moderna e deixa de ter obrigações que antes eram impostas por seus criadores e operadores, “a cultura agora é capaz de se concentrar em atender às necessidades dos indivíduos, resolver problemas e conflitos individuais com os desafios e problemas da vida das pessoas” (BAUMAN, 2013, p. 17).

Resultados desta concentração para as necessidades individuais (o que é importante para cada um esquecendo o que é importante para o outro) é que surge a cultura destinada para as ofertas, e não mais em proibições, ou seja, uma cultura destinada ao consumo. Servindo tanto para divisão de classes como para o mercado de consumo.

Sua principal preocupação é evitar o sentimento de satisfação em seus antigos objetos e encargos, agora transformados em clientes; e, de maneira bem particular, neutralizar sua satisfação total, completa e definitiva, o que não deixaria espaço para outras necessidades e fantasias novas, ainda inalcançadas (BAUMAN, 2013, p. 21).

Ainda, é importante salientar que existe uma diversidade cultural tanto externa como interna, ter essa compreensão é de notória valência para que possamos nos encontrar como sociedade e até mesmo compreender melhor o mundo em que vivemos. Neste sentido, Santos

(1987), coloca que a diversidade cultural “se constitui de maneiras diferentes de viver, cujas razões podem ser estudadas, contribuindo dessa forma para eliminar preconceitos e perseguições de que são vítimas grupos e categorias de pessoas” (SANTOS, 1987, p. 19).

Esclarece também que a cultura pode ter duas faces, uma refere-se à alta cultura ou cultura dominante e outra refere-se a qualquer cultura. A primeira surge em oposição à barbárie, como marca das comandas dominantes da sociedade, a segunda é referente a cultura de qualquer povo, nação ou sociedade humana. Considera-se cultura todas as maneiras de existência humana (SANTOS, 1987).

Toda essa colocação sobre a cultura, é eis aqui que surge o entendimento sobre como se originaram as questões que envolvem as desigualdades sociais, a partir da lei do consumo e das raízes culturais, se originam o entendimento acerca de todas as carências que a sociedade vivencia atualmente.

Desta forma, o processo de democracia sucumbiu o papel de tentar amenizar as diferenças sociais que existiam pelo mundo, busca-se garantir os direitos e igualdades perante as leis e também coloca nas mãos do povo, o direito da escolha por um representante que venha a atender as necessidades de toda a sociedade. Os conceitos democráticos e de cidadania, vieram à tona no Brasil, somente após a ditadura militar com o estabelecimento da democracia. Esses conceitos foram incluídos nos currículos do ensino por todo o país.

3.2.1 A Escola Democrática e a Educação Física escolar

Vimos que o processo de democracia tinha como objetivo, promover uma igualdade entre as classes sociais e assim, tentando diminuir as injustiças sociais. É a partir dessa busca por uma sociedade mais igual que vem a se estabelecer os princípios de democracia na escola, que de acordo com Saviani (1999), é a partir da Escola Nova que surgem os primeiros princípios de democratização ou escola democrática, e vem a ganhar forças lá pela década de 30. Após a época 20 ser marcada pelo entusiasmo pela educação, onde se pensava a escola como instrumento de participação política, ou seja, uma função explicitamente política, a década de 30 é marcada pelo otimismo pedagógico, onde a escola nova tinha a função de recompor os mecanismos de hegemonia da classe dominante, o lema neste período era escola para todos.

Nesse sentido advogar escola para todos correspondia ao interesse da burguesia, porque era importante uma ordem democrática consolidada e correspondia também ao interesse do operário, do proletariado, porque para ele era importante participar do processo político, participar das decisões (SAVIANI, 1999, p. 63).

Saviani (1999) ainda complementa que quanto mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola e, quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática. Justamente pela acomodação da classe dominada (os operários e o proletariado) que achou que, pelo fato da educação ser para todos era a mesma educação ofertada para as crianças da elite burguesa, e pelo fato dessa classe dominada não enxergar a intenção que a burguesia tinha com isso. O mesmo autor coloca ainda que “o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação” (SAVIANI, 1999, p. 66).

Justamente porque o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas. Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação (SAVIANI, 1999, p. 66).

Em consonância com esse pensamento é que Bourdieu (2007) em sua obra a *Distinção*, faz uma colocação sobre a influência do grau de instrução das pessoas e a relação desta com a cultura que cada uma representa. Determina que as lacunas deixadas pelos aspectos culturais e suas implicações para distinção de classes sociais, é devido primeiramente, pelo grau de instrução de determinada pessoa (anos escolares – quanto maior for o período de escolarização maior será o nível cultural deste), o segundo se refere ao grau de instrução familiar (se a família tem contanto ou entendimento ou gostos culturais – e também aos anos escolares dos familiares implicara diretamente nesta formação) e em terceiro lugar também deverá ser levando em consideração a profissão do pai.

Desta forma segundo Bourdieu (2007), o grau de escolaridade irá influenciar diretamente no refinamento cultural das pessoas, por que se entende que as pessoas com maior discernimento ou com maior nível escolar, possuem uma maior gama de entendimento cultural, assim também para quem possui uma profissão de nível ou prestígio. Com isso, vem-se reforçar as diferenças de classes e intensificando as injustiças sociais, até porque vivemos em uma

sociedade capitalista, onde os valores, sejam eles culturais ou não, estão intimamente ligados aos valores materiais, visto que para que uma pessoa possua o gosto por obras de arte, a mesma deve possuir condições financeiras para poder obtê-las.

Bourdieu (2007) ainda reforça a ideia de que a escola tem sim um papel importantíssimo para o refinamento cultural.

Quanto maior for o reconhecimento das competências avaliadas pelo sistema escolar, e quanto mais “escolares” forem as técnicas utilizadas para avaliá-las, tanto mais forte será a relação entre o desempenho e o diploma que, ao servir de indicador mais ou menos adequado ao número de anos de inculcação escolar, garante o capital cultural, quase completamente, conforme ele é herdado da família ou adquirido na escola; por conseguinte, trata-se de um indicador desigualmente adequado deste capital. A correlação mais forte entre o desempenho e o capital escolar como capital cultural reconhecido e garantido pela instituição escolar (responsável, de um modo desigual, por sua aquisição) observa-se quando, ao formular a pergunta sobre o nome dos compositores de uma série de obras musicais, a questão assume a forma de um exercício bastante escolar sobre os saberes muito semelhante aos que são ensinados pela instituição escolar e reconhecidos, formalmente, no mercado escolar. (BOURDIEU, 2007, p. 19).

Como tido nas palavras de Bourdieu (2007), a escola tem sim uma função cultural muito forte, no sentido de educar e refinar os gostos. Essa ideia de refinamento no processo de apreciação cultural na escola é muito moderna, sendo que cultura é tudo aquilo que é vivido por uma determinada população. Vemos atualmente em aulas de Educação Física escolar, aulas de dança, por exemplo, que desenvolvem trabalhos em cima das músicas de rap, hip-hop, samba, entre outras, e não somente sobre músicas clássicas, tidas como música de bom gosto e de alto refinamento cultural. Oliveira (2004) aponta também, que a Educação Física é cultura no sentido mais amplo, fertilizando o campo de manifestações individuais e coletivas.

Mas nem sempre o processo educativo apresentou-se dessa forma, por muito tempo, antes do processo de democratização, a educação na escola tinha um caráter reprodutor, o processo baseava-se em centrar a educação no professor e no aluno. Na Educação Física havia manuais com aulas prontas, onde cabia ao professor apenas reproduzir as atividades previstas nas apostilas. Somente após o processo de democratização, o ensino caracterizou-se como libertador.

No Brasil, com a abertura democrática efetiva nos anos 1980, a luta operária ganhou força, passando a generalizar-se por outras categorias profissionais e, entre elas, o Magistério. Nessa década, os profissionais da educação se empenharam para obter o direito e dever de participar na definição da política educacional e na luta pela valorização da escola pública (NEIRA; NUNES, 2009, p. 80).

Por consequência, as lutas pelo reconhecimento da escola pública geraram várias conquistas, entre elas destaca-se a gestão democrática e a autonomia para a elaboração do projeto pedagógico da unidade escolar. Ainda que neste processo libertador advindo com o processo democrático, fez com que crescesse o movimento libertador na pedagogia, afirmando que a educação não estava mais centrada no professor ou no aluno, mas na formação do homem (Neira; Nunes, 2009), os mesmos autores reforçam que neste período, atuar pedagogicamente seria contribuir para transformação da própria sociedade.

A Educação Física, no período da década de 80, a partir do debate sobre o sentido e o significado que a mesma tinha, precisou segundo Neira e Nunes (2009), entrar em crise para, “passa assumir para si uma nova responsabilidade: formar o cidadão e a cidadã para usufruírem, participarem e reconstruírem uma parcela da cultura mais ampla, a cultura corporal do movimento” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 82). Ainda sobre a crise, Betti (2009) complementa que,

“[...] as questões de sua limitação conceitual foi tema central, tanto nas obras/autores que vincularam mais estritamente a Educação Física à Educação (quer no sentido amplo do termo, quer no sentido da educação escolarizada), quanto nos que buscaram operar uma distinção entre a Educação Física e os fenômenos socioculturais do esporte, da dança e do lazer” (BETTI, 2009, p. 24).

Diante da expressão de “crise” eis que surge uma nova forma de pensar a Educação Física, com uma disciplina que busca desenvolver todas as dimensões humanas. Neira (2011) coloca que, “no currículo cultural da Educação Física os estudantes são levados a refletir sobre as práticas corporais produzidas pelos distintos grupos que compõe a sociedade e os significados que lhes são atribuídos, por eles próprios ou pela cultura hegemônica” (NEIRA, 2011, p. 60).

Nesta continuidade, a escola e mais precisamente a Educação Física, passam a centrar-se no exercício da cidadania, na formação social do homem com mundo que o cerca, conceituando os aspectos culturais em sua plenitude, ou seja, desenvolvem trabalhos de

reconhecimento cultural. Neira (2011), aborda o currículo cultural da Educação Física, e o reconhece como:

No currículo cultural, os professores adotam como ponto de partida para o trabalho pedagógico a “prática social” das manifestações da cultura corporal. A partir dela, proferem uma séria e compromissada análise sócio-histórica e política. Os trabalhos se iniciam com a noção que os alunos e o professor possuem da manifestação cultural corporal pelo formato acessado no cotidiano. Ou seja, o ponto de partida é a ocorrência social da brincadeira, do esporte, da dança, da ginástica ou da luta (NEIRA, 2011, p. 95).

Cabe então a escola e ao professor, garantir esse entendimento da historicidade dos processos culturais, bem como, as formas com que as pessoas estabeleceram relações, e por qual razão tomaram-se atitudes como distinção de raças, de sexo, de costumes, etc. Entender também, por exemplo, qual a relação histórica e social das danças indígenas que por trás de muitas danças havia também muitos movimentos corporais simbólicos, como a dança da chuva, do acasalamento, e assim por diante. Mediante a isso, o aluno poderá tomar suas próprias decisões e ter um maior discernimento crítico sobre os assuntos que assolam a sociedade. Lauxen reforça essa ideia de que, “a educação precisa ser compreendida em suas múltiplas relações (sociais, políticas, econômicas, culturais, ideológicas, históricas)” (LAUXEN, 2004, p. 25).

Observa-se a partir daí, que as relações entre as nossas práticas culturais e as dos outros estão carregadas de estereótipos e ambiguidades. Somos rotulados por nossas diferenças, somos discriminados por elas também, a forma com que nos relacionamos também pode ser vista com estranheza. Desta forma, trabalhar os aspectos culturais na escola pode ser uma forma de diminuir ou até mesmo erradicar os preconceitos, as indiferenças, e as desigualdades. “Numa sociedade em que a consciência das diferenças se faz cada vez mais forte, é primordial que os professores e alunos questionem como algumas manifestações culturais corporais se tornam legítimas, enquanto outras não” (NEIRA, 2011, p. 60).

Partindo desse questionamento sobre a legitimação ou não das manifestações culturais corporais, Neira (2011), coloca que o currículo cultural tem o poder de desmistificar essas diferenças, da seguinte forma:

O currículo cultural da Educação Física, ao comprometer-se com a desconstrução de estereótipos e representações distorcidas dos estudantes não se limita à troca de comentários e impressões pessoais sobre o objeto de estudo. O que se propõe é o desenvolvimento de práticas que fomentem o compromisso político e social de inclusão dos sujeitos discriminados e a intervenção docente em situações de conflito (NEIRA, 2011, p. 97).

Desse modo, a Educação Física tem sim característica social muito forte na escola, pois é uma disciplina capaz de estabelecer uma maior relação de contato social através do toque, da dança, da música, dos jogos, ou seja, as mais diversas modalidades presentes nesta área faz com que o aluno não somente aprenda a incluir, mas ele tem a possibilidade de sentir, de reproduzir, de criar e recriar, as mais diversas sensações, e assim, poderá entender sua real participação e dever social com os colegas e com a comunidade.

3.3 Educação Física como prática social: a contribuição da Educação Física para o desenvolvimento social e a cidadania

O processo de democratização na escola foi fundamental para que o ensino, principalmente na área da Educação Física escolar, fosse um ensino libertador, onde os professores passaram a possuir maior autonomia para desenvolver conteúdos e também uma maior participação no projeto político pedagógico da escola.

Dessa forma, o ensino de Educação Física no âmbito escolar assumiu uma característica importante de cunho social, desenvolvendo conteúdos que possibilitem aos alunos a conquista pela cidadania, tornando-se assim uma educação voltada para as práticas sociais. Por práticas sociais podemos compreender qualquer manifestação cultural que uma determinada comunidade pratica ou vivencia, ou seja, refere-se a forma como se estrutura uma sociedade, por meio de seus costumes, crenças e regras. Práticas sociais são nada mais que as relações sociais do homem com a natureza e sua comunidade. Assim, “Cultura e práticas sociais aparecem com uma estreita relação, sendo as práticas orientadas pela cultura, ao mesmo tempo em que contribuem para reformulá-la” (SOUZA; LUCAS; TORRES, 2011, p. 226).

Diante disso, pensamos que a Educação Física é por si só uma prática social, orientada muitas vezes pelos aspectos culturais. No caso do Brasil, a Educação Física na escola é muito imbricada no desenvolvimento esportivo, mais ainda direcionado ao futebol que é um esporte muito enraizado na cultura do povo brasileiro, como também é praticado pelas mais diversas classes sociais, e é por meio do esporte que o aluno constrói seus mecanismos de relacionamento, estabelece relações com o outro e assim, interagindo com o meio ambiente.

A Educação Física escolar deve orientar o aluno tanto ao fazer, como para o compreender o porquê se está fazendo. É uma área do conhecimento que abrange tanto os saberes humanos como os saberes sociais, sendo esta uma disciplina onde há liberdade de movimento, de expressão corporal, de realizações sociais e de socialização, tudo isso a torna tão completa e tão rica. Brasil, citado por Darido et al (2001), afirma que o papel e a responsabilidade da Educação Física na escola deve ser:

Eleger a educação física com eixo norteador significa entender que a educação física na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de: - participar de atividades corporais adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; - conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal; - reconhecer com elemento integrante do ambiente adotando hábitos saudáveis relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de melhoria da saúde

coletiva;- conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais, compreender sua inserção dentro da cultura que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; - reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades de lazer (DARIDO et al, 2001, p. 19).

Para Oliveira (2004) a característica essencial da Educação Física é o movimento, reafirmando que não existe Educação Física sem movimento, e é isso que a diferencia das demais disciplinas, pois a mesma desenvolve potencialidades humanas, e enquanto fenômeno social, ajuda esse homem a estabelecer relações com o grupo a que pertence.

Freire (1997) em seu livro *“Educação de corpo inteiro: Teoria e prática da Educação Física”*, faz uma afirmação que não somente de movimento se faz a Educação Física, em suas palavras, “talvez Educação Física seja não só uma educação do ou para o movimento, mas também uma educação para o não-movimento. Ou seja, pode-se pensar num certo conceito de Educação Física em que o não-fazer seja tão importante quanto o fazer” (FREIRE, 1997, p. 83). O autor ainda coloca que,

[...] Educação Física não é apenas educação do ou pelo movimento: **é educação de corpo inteiro**, entendendo-se, por isso, um corpo em relação com outros corpos e objetos, no espaço. Educar corporalmente uma pessoa não significa provê-la de movimentos qualitativamente melhores, apenas. Significa também educá-la para não movimentar, sendo necessário para isso promover-se tensões e relaxamentos, fazer e não-fazer (FREIRE, 1997, p.84).

Nesse sentido, entende-se que esta disciplina não é inteiramente prática, mas também teórica, sendo importante estar fundamentado os jogos, danças, lutas e todas as atividades envolventes no currículo da área. Segundo Freire (1997) ainda, “quem faz é o próprio corpo, quem pensa é também o corpo. As produções físicas ou intelectuais são, portanto, produções corporais. Produções essas que dão nas interações do indivíduo com o mundo” (p. 134).

Freire (1997) ressalta que as nossas experiências iniciais de interações com o mundo que temos, acontece logo que nascemos e a primeira forma de conhecimento que adquirimos é o contato com o seio da mãe, sendo também as primeiras experiências afetivas, constituindo por assim, a habilidade de sugar. Essas interações que o autor descreveu, ocorrem todas juntas, sem intervalo de tempo. Por essa razão, não se pode separar corpo e mente, ou seja, a Educação Física não trabalha somente com o corpo, mas com o conjunto de produções corporais.

A Educação Física é uma área de conhecimento tão abrangente que possibilita não apenas o bem-estar físico e emocional, ela também torna possível a emancipação do ator social. Esta por sua vez, vem sendo compreendida de forma errônea, com relação a sua importância no processo educativo dentro do ambiente escolar, sendo rotulada ou confundida como recreio ou momento de lazer para os alunos. O que não é entendida é que nesta fase escolar é que devemos aprimorar habilidades físicas como salto, corrida, pegar, lançar, quicar bola. Desenvolve-se também nesta fase a coordenação motora, o equilíbrio e firmamos também os relacionamentos sociais, onde o professor de Educação Física é a peça fundamental para que esta disciplina venha a ser vista como uma ciência social educativa, no sentido de desenvolvimento pessoal e em grupo, sendo que esta disponibiliza espaço para a integração social dentro da escola, como nas palavras de Freire (1997).

Em relação ao seu papel pedagógico, a Educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola, e não desintegrada dela. As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, sem dúvida, mas deve estar claro quais serão as consequências disso do ponto de vista cognitivo, social e afetivo. Sem se tornar uma disciplina auxiliar de outras, a atividade da Educação Física precisa garantir que, de fato, as ações físicas e as noções lógico-matemáticas que a criança usará nas atividades escolares e fora da escola possam se estruturar adequadamente (FREIRE, 1997, p. 24).

Assim sendo, para o Conselho Federal de Educação Física essa disciplina pode ser entendida como:

Entende-se a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, capacitando-o para usufruir os jogos, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (CONFED, 2002, p. 4).

A Educação Física contribui para a formação do cidadão quando: busca a integração do grupo, quando não permite a exclusão, quando organiza conteúdos direcionados para determinada comunidade, quando reconhece o espaço de produção do conhecimento, enfim, quando permite a troca de valores culturais sem exclusão. Além disso, “[...] busca o desenvolvimento da autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação de valores e princípios democráticos” (BRASIL, 1998, p. 30).

No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a análise crítica dos valores sociais, como os padrões de beleza e saúde, desempenho, competição exacerbada, que se tornam dominantes na sociedade, e do seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social (BRASIL, 1998, p. 31).

E mais, os educandos devem ter a compreensão que o esporte e as demais atividades corporais não são um privilégio apenas dos esportistas profissionais ou das pessoas em condição de pagar por academias ou clubes. Dar valor a essas atividades e reivindicar o acesso a centros esportivos e de lazer, é um posicionamento que pode ser adotado a partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física (BRASIL, 1998).

Dessa forma, a Educação Física torna-se indispensável ao currículo escolar, pois o esporte, o jogo, as brincadeiras, etc., são fundamentais para o desenvolvimento físico tanto motor quanto intelectual, é através deles que possibilitamos o desenvolvimento da cidadania, do ser crítico e emancipatório, proporcionando as trocas culturais e oportunizando as relações sociais.

Ainda, no Brasil a Educação Física, no seu contexto histórico vem sofrendo modificações em suas concepções de desenvolvimento humano e social, principalmente em objetivos, ora são marcadas por tendências higienistas, outrora militar, pedagógica, competitivista e popular. Na década de 30 sobre a forte influência nazista ganha espaço a ideia de eugeniação das raças à Educação Física, que em seguida perde forças a partir do surgimento do Estado Novo, e a preocupação passa a ser em preparar operários fortes para o mercado em ascensão e também, na mesma época teve como base de ensino o militarismo. Como é afirmado nos PCNs;

No século passado, a Educação Física esteve estreitamente vinculada às instituições militares e à classe médica. Esses vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada (BRASIL, 1997 p. 19).

A influência militar foi importante para Educação Física ser reconhecida como disciplina, o ensino militar possibilitou na época uma educação mais rígida, o professor era tido como autoridade maior, as aulas eram cansativas centradas no desenvolvimento da força. Ao

longo dos anos a Educação Física passa a ser repensada e sobre influência de outras áreas do conhecimento.

Na década de 60, no Brasil, a Educação Física era marcada pelo discurso pedagógico, somente então passa a ganhar espaço no teorizar científico sendo então designada como Ciência do Desporto, resultando do fato de o esporte tornar-se fenômeno dominante nesta área. Toda a produção acadêmica era voltada ao esporte, Bracht (1999), complementa:

É fácil perceber que a educação física enquanto prática pedagógica quase que desaparece do horizonte de preocupações deste teorizar, com exceção das preocupações como as que buscavam identificar o método mais eficiente para ensinar determinada destreza (esportiva) (BRACHT, 1999, p. 22).

A partir do acúmulo de discussão, produção e formação de professores com influências de outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais e Humanas, a produção do conhecimento em Educação Física tomou outro rumo histórico e passou, a partir dos anos de 1980 predominantemente, a tecer uma crítica severa aos materiais e produções que tinham por objeto a determinação de práticas padronizadas e direcionamento do fazer pedagógico. (BRASILIA, 2006, p. 213).

Em 1996 surgiu a lei que irá amparar a Educação Física como disciplina obrigatória nos currículo do ensino fundamental e médio como diz na Lei nº 9.394/96 dispõe no Art. 26, parágrafo 3º “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa para alunos: que cumpram jornada de trabalho igual ou superior que seis horas, ter mais de trinta anos, estar prestando serviço militar, amparado por Decreto-Lei n 1.044 ou que tenha prole” (Brasil 1996). Ou seja, legalmente a Educação Física tem respaldo para fazer parte da grade curricular escolar, desempenhando papel de significativa relevância na formação do indivíduo. (DIAS; CORREIA, 2013, p. 279).

No currículo escolar, a Educação Física vem ao longo dos anos, lutando pelo espaço que a mesma deve ter na escola, desde as mudanças drásticas de períodos escolares até mesmo a sua real importância para o desenvolvimento do aluno. Com isso, a Educação Física escolar tem em sua história várias mudanças que foram repensadas conforme a necessidade de cada época. Hoje ela é entendida não somente como uma disciplina que educa corpos, mas também

como uma disciplina educativa e formativa de indivíduos, transformando corpos e mentes, desenvolvendo o sujeito como um todo.

Essa união de corpo e mente é entendida na forma de que o aluno deve entender o que está fazendo, qual o objetivo de determinada atividade e também de tomar posicionamento com relação a mesma. A execução de um determinado movimento deve conter um significado para o aluno, simplesmente não tem como o aluno se abster do que está a sua volta (FREIRE, 1997).

Mas por muito tempo houve essa separação de corpo e mente como afirma Mello, et. al. (2012):

[...] o corpo é visto como “o outro da razão”, algo que precisa ser domesticado e docilizado para não atrapalhar os desígnios intelectuais. Assim, caberia à Educação Física, no contexto escolar, gastar a energia acumulada para que os corpos fiquem atentos e quietos em sala de aula e proporcionar aos professores das outras disciplinas um momento de descanso (MELLO et al, 2012, p. 451).

Essa separação de corpo e mente, frente ao desenvolvimento humano, social, cultural e intelectual era aceito como algo natural onde as crianças cansadas das aulas maçantes, ficavam horas sentadas em fileiras copiando matéria do quadro negro, e necessitavam descarregar as energias, mexer o corpo e era neste momento que a Educação Física participava do contexto escolar com o intuito de cansar as crianças para que ao regressarem para a sala de aula voltassem à atenção para aula. Hoje em dia sabe-se que a Educação Física não pode ser pensada apenas em significações corporais, mas sim como um todo (corpo e mente) (FREIRE, 1997; MELLO et al, 2012).

Superando essa antiga concepção agregada a forma de “ensinar” ou “educar” a Educação Física, é que o ensino passa então a focar-se no corpo como um todo, e não mais como peças desmembráveis. O ensino volta-se aos conceitos de psicomotricidade, que vem a auxiliar a Educação Física na educação infantil, visto que, a criança em cada faixa etária, desenvolve-se habilidades características para cada fase da vida.

A Educação Física vem ganhando espaço na área da educação infantil por auxiliar no desenvolvimento de habilidades que antes não eram trabalhados na escola, já que esta disciplina traria um maior desenvolvimento para a motricidade nesta fase da vida da criança.

Ainda com relação ao ensino para a educação infantil, a Educação Física se faz muito importante, por que a criança nesta fase escolar irá desenvolver-se por meio do ato de brincar,

e trabalhar brincadeiras que as façam pensar e tomar decisões são muito importantes neste período ou fase escolar (FREIRE, 1997).

A escola tem como prioridade na educação a aprendizagem cognitiva como a alfabetização, sendo deixada para segundo plano a aprendizagem motora que nas séries iniciais são de suma importância para o desenvolvimento da coordenação motora, do desenvolvimento lúdico, desenvolvimento de autonomia e atitudes, entre outras. Mello, et al (2012), aborda que a Educação Física na educação infantil rompe com lógica escolarizante que prioriza a alfabetização, como afirma:

Contudo, no início do processo de desenvolvimento infantil, essa leitura de mundo é mediada, fundamentalmente pela ação motora da criança em seu contexto cultural, pois o movimento é a principal linguagem de que a criança pequena dispõe nos anos iniciais de sua vida, e a Educação Física, como área do conhecimento que trata das manifestações da cultura de movimento, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento infantil (MELLO, et al. 2012, p. 443).

Freire (1997) também acredita que essa linguagem corporal que a criança pequena dispõe é transferida para o brinquedo em sua forma, o ato de brincar e manipular um brinquedo também é uma forma de se comunicar, se comunicar com o mundo criando e recriando, brincando muitas vezes de ser adulto, e isso é muito significativo para as crianças na primeira infância, mais precisamente para o desenvolvimento social das crianças durante o ensino na educação infantil, visto que a criança, em sua primeira infância é muito centrada nela mesma.

O conhecimento do mundo da criança nesse período depende das relações que ela vai estabelecendo com os outros e com as coisas. Navega ainda em águas rasas, pouco se distanciando da costa. O que conhece de si e das coisas é insuficiente para estabelecer relações de grupo e, por isso, centra seu brinquedo em sua própria atividade, em seus interesses (FREIRE, 1997, p. 19).

A criança precisa entender o mundo, e é pelas as experiências de vida a melhor forma de experimentar e vivenciar o mundo em que está inserido. O ato de brincar já é um processo de desenvolvimento social, pela brincadeira a criança cria regras de convivência social, toma atitudes e convicções.

É ainda, no ambiente escolar que aprendemos a nos socializar com o outro, trocar experiências e vivenciar novas culturas, respeitando regras, respeitando o outro, respeitando o espaço de convívio comum.

Com isso, Ehrenberg (2014), ressalta que a escola é um espaço socialmente determinado para socializar o patrimônio cultural historicamente acumulado, ou seja, as vivências culturais. Estando a Educação Física inserida nesse espaço, deverá ter como função social, proporcionar uma reflexão pedagógica acerca das formas de representação simbólica das realidades vividas pelo homem. Nesse sentido, a Educação Física é responsável na escola pela compreensão da cultura corporal como uma produção histórica, social e política do homem (EHRENBERG, 2014). Com isso, uma das perspectivas da Educação Física é formar cidadãos capazes de conhecer, reconhecer e transformar o seu meio social pela via da cultura corporal. Através dos movimentos corporais o ser humano pode sentir e pensar sobre o mundo que o cerca. Podemos assim dizer que a construção social se dá também através da linguagem corporal.

Enfim, a importância da disciplina de Educação Física para os alunos é no sentido de vir a contribuir na formação de cidadãos críticos capazes de compreender e transformar o mundo e a sociedade a qual estão inseridos.

3.4 A trajetória histórica da Educação Física e sua relação com as práticas socioculturais das sociedades de cada época

Historicamente, a Educação Física passa a ser reconhecida como objeto de estudo, a partir da compreensão e da relação que se faz mediante aos aspectos culturais vivenciados pelo ser humano no seu passado. O ser humano sempre se utilizou das linguagens corporais para expressar suas emoções e sentimentos, ou seja, falar através dos movimentos corporais muito antes de entender a função e a aplicação dos movimentos praticados. Em tempos passados, povos criaram modalidades esportivas ou expressivas para diversas finalidades. Na China, surge com finalidade higiênica e terapêutica, além do caráter guerreiro. Na Índia surge a yoga, e os exercícios físicos eram tidos como doutrina. No Egito, na ginástica egípcia valorizava-se as qualidades físicas, tais como ainda hoje se conhece como: equilíbrio, força, flexibilidade e resistência. Na Grécia, nomes como Sócrates, Platão, Aristóteles, e Hipócrates contribuíram e muito para a atividade física e a Pedagogia atribuindo conceitos até hoje aceitos na ligação corpo e alma através das atividades corporais e da música (CAMPOS, 2006, p.07).

No Brasil a Educação Física se confunde em muitos momentos de sua história com as instituições médicas e militares. “Em diferentes momentos, estas instituições definem o caminho da Educação Física, delineiam o seu espaço e delimitam o seu campo de conhecimento, tornando-a um valioso instrumento de ação e intervenção na realidade educacional e social (...)” (SOARES, 2004, p. 69).

Essa intervenção no modo de comportamento social se fez necessária pelas condições existentes na época, e foi buscando-se nas instituições educacionais que a Educação Física serviu como forma ou tentativa de mudanças nos hábitos e comportamentos sociais, ligada a medicina, por exemplo, limitou-se a difundir a promoção da saúde como Fensterseifer (1999) relembra que nesta época, onde os recursos de saneamentos não existiam, esgotos eram a céu-aberto, havia bichos caminhando entre os comerciantes que vendiam carne, vegetais, alimentos da época, junto a sujeira, entre outros fatores, surge essa necessidade de conscientizar a população a hábitos mais saudáveis, para que com isso, viessem a prevenir algumas doenças.

A Educação Higienista, que tinha como finalidade até a década de 30, disseminar hábitos de higiene, vinham a atender as preocupações das autoridades, em garantir condições de saúde para a população branca. “Foi dessa forma que se utilizou a escola para disseminar hábitos de higiene e a Educação Física como a disciplina que melhor viabiliza tal prática” (CAMPOS, 2006, p. 23).

Segundo Soares (2004), foi tentando melhorar a saúde da população, em especial da elite, que o método higienista buscou valer-se da ginástica, pois com ela julgavam poder responder à necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante e a raça branca, atribuindo-lhe superioridade. A mesma autora, elucida ainda que, esse método reforçou o preconceito e o racismo, contribuindo para a manutenção dos polos de exploração de uma formação social escravista. E por consequência, o desempenho da ciência que por comparações generalizadas, “comprovava” segundo a autora, a superioridade da raça branca em relação a raça negra, assim como o homem em relação à mulher.

A Educação Física passou assumir um caráter de formação familiar perfeito, onde a raça branca poderia assim garantir sua supremacia, e mais a Educação Física passaria a garantir ao Estado uma sociedade mais higiênica e possuidora de novos hábitos.

Assim, a perspectiva da Educação Física Higienista, vislumbrava a possibilidade e a necessidade de resolver o problema da saúde pública pela educação. A ideia central é a disseminação de padrões de conduta, forjados pelas elites divergentes, entre todas as outras classes sociais (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 17).

Após anos vigentes, a Educação Higienista é substituída, por certa maneira, pela Educação Física Militarista que vigora na década de 30 e se estende até 1945, essa objetivava impor para toda a sociedade, uma conduta disciplinar baseada nos conceitos militares.

Na década de 30, no Brasil, dentro de um contexto histórico e político mundial, com a ascensão das ideologias nazistas e fascistas, ganham força novamente as idéias que associam a eugenia da raça à Educação Física. O exército passou a ser a principal instituição a comandar um movimento em prol do “ideal” da Educação Física que se mesclava aos objetivos patrióticos e de preparação pré-militar. O discurso eugênico logo cedeu lugar aos objetivos higiênicos e de prevenção de doenças, estes sim, passíveis de serem trabalhados dentro de um contexto educacional (BRASIL, 1997, p. 20).

Ghiraldelli Júnior (1991) aponta que o objetivo fundamental da Educação Física Militarista é a obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. “Para tal concepção, a Educação Física deve ser suficientemente rígida para “elevar a Nação” à condição de “servidora e defensora da Pátria” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 18).

Nesta tendência a ginástica, o desporto e os jogos recreativos só teriam utilidade se fossem para eliminar os fracos ou incapacitados físicos. A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada compõe a plataforma básica da Educação Física Militarista (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991). Darido (2003) conclui que ambas as concepções: higienista e militarista consideravam a Educação Física como disciplina essencialmente prática, não havia embasamento teórico, por isso, não havia distinção evidente entre a Educação Física e a instrução física militar.

Nos anos seguintes entre 1945 até 1964, a Educação Física surge com uma nova abordagem a Pedagogista, essa surge a partir da necessidade de recriar a Educação Física, deixando de ser apenas higienista ou militarista, assumindo um papel pedagógico na escola. Ghiraldelli Júnior (1991) explica que essa é a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar, não somente como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física como prática educativa. Segundo o autor, advoga para a “educação do movimento”.

Nesta concepção a preocupação é que os jovens estejam frequentando as escolas, já aqui diferentemente do militarismo, a ginástica, o desporto, a dança, são os meios de educação do alunado. São instrumentos capazes de levar a juventude a aceitar as regras de convívio democrático e de preparar as novas gerações o altruísmo, o culto a riquezas nacionais (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991).

Pós 1964, a tendência era Educação Física Competitivista, o esporte passa a ser competitivo nas escolas, e o treinamento esportivo passa a ser parte das aulas. O objetivo da Educação Física visa a preparação de aluno atletas, e as aulas destinadas as práticas esportivas eram baseadas em movimentos repetitivos e gestos mecânicos. Conforme Ghiraldelli Júnior (1991), essa concepção assim como a militarista também está a serviço de uma hierarquização e elitização social. Seu objetivo fundamental “é a caracterização da competição e da superação individual como valores fundamentais e desejáveis para uma sociedade moderna” (p. 20).

Assim, os governos militares ao assumir em 1965, passam a investir pesado no esporte na tentativa de fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, na medida em que ela participaria na promoção do país através do êxito em competições de alto nível. É neste período que surge a frase conhecida: “esporte é saúde”, ainda nesta época, o papel do professor passaria de professor-instrutor para professor-treinador (DARIDO, 2003). O esporte passa a determinar o conteúdo de ensino da Educação Física na escola, com relação aos conteúdos como: ginástica, treinamento, jogos recreativos, etc, esses ficam submetidos ao desporto de elite.

Após a II Guerra Mundial, nasce uma nova tendência, a Educação Física Popular,

Sustentava-se basicamente numa “teorização”, transmitida oralmente entre gerações de trabalhadores deste país. Não pretendia ser disciplinador de homens e muito menos estava voltada ao incentivo da busca de medalhas, servindo aos interesses daquilo que os trabalhadores historicamente vêm chamando de “solidariedade operária” (CAMPOS, 2006, p. 26).

A Educação Física Popular não está preocupada com a saúde pública, pois entende que tal questão não pode ser discutida independentemente do levantamento da problemática forjada pela atual organização econômica-social e política do país. Também não pretende disciplinar homens e muito menos está voltada para o incentivo de busca de medalhas. Ela é antes de tudo, ludicidade e cooperação, e aí o desporto, a dança, a ginástica etc. assumem um papel de promotores da organização e mobilização dos trabalhadores. Mais do isso, serve aos interesses dos trabalhadores, como eles chamam de “solidariedade operária” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991).

Desta forma, essas concepções nasceram das necessidades sociais ocorridas em cada período histórico, onde o passado e o futuro trilharam e irão trilhar o caminho da educação no Brasil. Ghiraldelli Júnior (1991), esclarece que o Brasil em 1921, adotou como método oficial de Educação Física, o regulamento nº 7, marcando o rompimento oficial da concepção Higienista e impulsionando a Educação Física Militarista. Enfoca ainda, que a concepção Higienista se fez necessária durante toda a Primeira República, onde esteve ligada as preocupações das elites com os problemas advindos da pequena industrialização do período final do Império e de toda a Primeira República.

Com os problemas advindos da crescente urbanização, trouxeram um monte de problemas para as elites brasileiras, como a aglomeração nos bairros dos operários, as doenças, tudo resultado de uma má organização social que fora criada as margens do processo industrial. Ghiraldelli Júnior (1991), afirma que o pensamento liberal atribuía a educação, o poder sobrenatural de reformar a sociedade. Deste modo, a Educação Física teria a incumbência de reeducar toda a população, principalmente os trabalhadores, condicionando-os para os hábitos higiênicos e saudáveis.

A partir daí a concepção Higienista é absorvida por grande parte pela concepção Militarista, com os esforços de formar profissionais na área da Educação Física, o Brasil republicano busca nos treinamentos das instituições militares essa formação.

A primeira instituição prioritariamente voltada para a formação de professores de Educação Física foi a Escola de Educação Física do Exército, fundada em 1933. Antes disso o mercado de trabalho nessa área era parcialmente suprimido pelas escolas de Educação Física da Força Policial de São Paulo e pelo Centro de Esportes da Marinha, no Rio de Janeiro. Tudo isso, de fato, contribui decisivamente para a incorporação de regras e princípios provindos de meio militar na Educação Física brasileira (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 37-38).

Tinha como pano de fundo impor à sociedade um sistema autoritário e de classes, esse sistema baseado no militarismo estendeu-se até a Segunda-Guerra Mundial, onde o Brasil participou da guerra ao lado dos aliados, e após sofrer grande abalo com a entrada do país no Conflito Mundial, o fim da guerra trouxe para o Brasil, o término do Novo Estado e a queda do Governo Vargas. No período que se iniciou após 1945, chamado de período democrático populista, se instaura uma nova concepção ideológica e com isso acarreta mudanças para a Educação Física escolar, com a abordagem pedagógica (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991).

Já 1961, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 4.024, que vem a estabelecer neste mesmo ano a Educação Física como matéria obrigatória nas escolas, nos ensinos primário e médio.

Já no período da Ditadura Militar no Brasil compreendido entre os anos de 1964 até 1985, enfatizou em seu currículo as disciplinas moral e cívica, que se apresentavam como estratégia para uma formação social mais devota ao seu país, com o fortalecimento do esporte a estratégia nesse período foi apoiar a competição, fazendo assim, as aulas destinadas a vitória.

Na década de 70, a Educação Física passa mais uma vez a assumir função social importante para a manutenção da ordem e do progresso, numa tentativa de desmobilização das forças políticas opositoras. "Nesse período estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo. Um bom exemplo é o uso que se fez da campanha da seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo de 1970" (BRASIL, 1997, p. 21). Ghiraldelli Júnior (1991) vai além:

Essa hierarquização desportiva só poderia ser alcançada através de “massificação” das atividades desportivas; os teóricos da Educação Física ligados à ditadura não escondiam, de forma alguma, os reais desejos de, pela “massificação” e pela hierarquização desportiva, inocular o germe da competitividade por toda a sociedade brasileira (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 44).

O esporte neste período, segundo coletivo de autores (1992), determina o conteúdo de ensino da Educação Física, o acarreta também numa nova relação entre professor e aluno, de

professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e aluno-atleta. Complementa que outras determinações do esporte podem ser observadas nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, os quais serviram para o reordenamento da Educação Física escolar. Esses princípios são desenvolvidos por meio da pedagogia tecnicista, muito difundido no Brasil, nos anos 70.

O regime militar, conforme Ghiraldelli Júnior (1991), é caracterizado pelo pacto entre burguesia industrial brasileira, os capitalistas internacionais e a tecnoburocracia militar civil. Mas foi por meio desse mesmo pacto que esse regime ruiu, e assim, as camadas populares aproveitaram-se exigindo a redemocratização do país. Com a eleição de 1984 coloca Tancredo Neves como Presidente e assim, marca o fim da Ditadura Militar no Brasil.

A Educação Física brasileira passa então no final de 70 e início de 80 a ser discutidas novas práticas alternativas. Em 1971, a Educação Física passou a ser amparada pela lei 5.692/71 e passou a ser considerada atividade prática voltada para o desempenho técnico e físico do aluno. Somente nesta época é que os cursos de Educação Física nas universidades ganham expansão, e começam a sofrer a influência de pensadores das ciências humanas. A década de 80 vem a ser marcada por essa influência, sendo denominada de revolucionária, crítica ou progressista e assim, marca-se o início da transformação da Educação Física no Brasil.

Também em oposição as correntes tecnicistas, esportivistas e biologistas surgem novos movimentos na Educação Física escolar na década de 80, na tentativa de romper-se com o modelo mecanicista. As concepções segundo Darido (2003) são: Desenvolvimentista, Construtivista-Interacionista, Crítico-Superadora, Sistêmica, Psicomotricidade, Crítico-Emancipatória, Cultural, aquela relacionada aos Jogos Cooperativos, Saúde Renovada e também aquela relacionada aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Os autores da abordagem Desenvolvimentista defendem a ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física. Sua função não é desenvolver capacidades que auxiliem na alfabetização e no pensamento lógico-matemático, embora possa ocorrer como subproduto da prática motora. A proposta desta abordagem também não é buscar na Educação Física solução para todos os problemas sociais do país, mas uma aula de Educação Física que privilegie a aprendizagem do movimento. A habilidade motora é um dos conceitos mais importantes dentro desta abordagem, pois segundo Darido (2003) é através dela que os seres humanos se adaptam aos problemas do cotidiano, resolvendo problemas motores. (DARIDO, 2003).

Assim, o principal objetivo nesta concepção é proporcionar ao aluno, experiências de movimento adequado ao nível de crescimento e desenvolvimento da criança e do jovem. Ainda

segundo Darido (2003), uma das limitações desta abordagem se dá pela pouca discussão ou importância dada sobre a influência do contexto sócio-cultural que está por trás da aquisição das habilidades motoras.

A abordagem Construtivista-Interacionista, é apresentada como uma opção metodológica, em oposição as linhas anteriores, especificamente à proposta mecanicista. Para Darido (2003), “a principal vantagem desta abordagem é a de que ela possibilita uma maior integração com uma proposta pedagógica ampla e integrada da Educação Física nos primeiros anos da educação formal” (p.7). Porém, ainda segundo Darido (2003), “o que pode ocorrer, com certa frequência, é que os conteúdos que não tem relação com a prática do movimento em si poderiam ser aceitos para atingir objetivos que consideram a especificidade do objeto, que estaria em torno do eixo corpo/movimento” (DARIDO, 2003, p. 7). Em suma, este método busca resgatar a cultura dos jogos e brincadeiras, valorizando as experiências dos alunos e sua cultura, nesta concepção é o aluno que constrói seu conhecimento a partir da interação com o meio, resolvendo problemas.

Na proposta construtivista o jogo, enquanto conteúdo/estratégia, tem papel privilegiado. É considerado o principal modo de ensinar, é um instrumento pedagógico, um meio de ensino, pois enquanto joga ou brinca a criança aprende. Sendo que esse aprender deve ocorrer em um ambiente lúdico e prazeroso para a criança (DARIDO, 2003, p. 8).

A abordagem Crítico-Superadora utiliza o discurso social, tem como base a justiça social. Essa pedagogia levanta questões de poder, interesse, esforço e contestação. Acredita que a pedagogia não deve tratar somente de questões de como ensinar, mas também sobre como adquirimos esses conhecimentos, valorizando a questão da contextualização dos fatos e do resgate histórico. É um projeto político-pedagógico, sendo político porque encaminha propostas de intervenção em determinada direção e pedagógico pois possibilita a reflexão sobre a ação dos homens na realidade (DARIDO, 2003).

Nesta concepção os conhecimentos devem ser transmitidos simultaneamente, ou seja, os mesmos conteúdos devem ser trabalhados de maneira mais aprofundada ao longo das séries, sem a visão de pré-requisitos. Já o processo avaliativo seguiu duras críticas, segundo Darido (2003), porque vem estimulando uma prática discriminatória aos interesses da classe trabalhadora.

A abordagem Sistêmica, Darido (2003) apresenta as ideias de Betti, que entende a Educação Física como um sistema hierárquico aberto, porque sofre influências da sociedade como um todo e ao mesmo tempo a influência. “Para a abordagem sistêmica existe a preocupação de garantir a especificidade, na medida em que considera o binômio corpo/movimento como meio da Educação Física escolar” (DARIDO, 2003, p. 10).

A finalidade aqui, conforme Betti citado por Darido (2003), seria introduzir o aluno no mundo da cultura física, formando um cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir e transformar as formas culturais da atividade física. Onde Betti também defende a Educação Física não-exclusão, segundo a qual nenhuma atividade pode excluir qualquer aluno das aulas de Educação Física propondo, o princípio da diversidade, uma Educação Física que não privilegie somente um tipo de atividade ou esporte.

A Psicomotricidade é a concepção que surge a partir da década de 70 com o intuito de contrapor-se aos modelos anteriores. Para Darido (2003) nesta concepção inaugura uma nova fase de preocupações para o professor de Educação Física que extrapola os limites biológicos e de rendimento corporal, passando a incluir e valorizar o conhecimento de origem pedagógica. A autora ainda salienta que, a psicomotricidade foi e é indicada não apenas para a Educação Física, mas para outras áreas também como: psicologia, neurologistas, psiquiatras, professores, coordenadores, entre outros profissionais que trabalham junto a crianças.

A educação psicomotora refere-se à formação de base indispensável a toda criança, seja ela normal ou com problemas, e responde as finalidades de; assegurar o desenvolvimento funcional tendo em conta a possibilidade de a criança ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se através do intercâmbio com o ambiente humano (DARIDO, 2003).

O discurso e prática da Educação Física sob a influência da psicomotricidade conduz à necessidade do professor de Educação Física sentir-se um professor com responsabilidades escolares e pedagógicas. Busca desatrelar sua atuação na escola dos pressupostos da instituição desportiva, valorizando o processo de aprendizagem e não mais a execução de um gesto técnico isolado (DARIDO, 2003, p. 9).

A abordagem Crítico-Emancipatória surge nos anos 80, ainda tentado se desvincular do lado esportivo. O ensino encaminha para o sentido de uma emancipação possibilitada pelo uso da linguagem. Darido (2003) descreve que a linguagem é importante no agir comunicativo e funciona como uma forma de expressão de entendimentos do mundo social. E mais, o papel do professor neste método, confronta num primeiro momento, o aluno com a realidade de

ensino e que são apresentadas por Darido (2003) em três fases: a descoberta dos alunos pelas próprias experiências manipulativas; as formas e os meios para uma participação bem-sucedidas em atividades de movimentos e jogos; a manifestação pela linguagem, o que experimentam e o que aprendem em forma de exposição; os alunos devem aprender a perguntar e questionar sobre suas aprendizagens e descobertas, com a finalidade de entender o significado cultural da aprendizagem.

Na abordagem Cultural, conforme Darido (2003), esta foi sugerida por Daólio em 1993, como uma crítica à perspectiva biológica, buscou basear-se numa perspectiva antropológica e denominou de “enfoque cultural”, cuja a principal vantagem não é a exclusão da dimensão biológica, mas a sua discussão vinculada ao surgimento da cultura ao longo da evolução. O autor, com o apoio de Mareei Mauss, procurou ampliar o conceito das técnicas corporais à prática da Educação Física, tendo concluído que se todo movimento corporal é considerado um gesto técnico, não é possível atribuir valores para esta técnica, a não ser dentro de um contexto específico. Toda técnica é cultura, porque é fruto de uma aprendizagem específica de uma determinada sociedade, num determinado momento histórico.

A abordagem do Jogos Cooperativos traz como proposta de ensino, uma Educação Física pautada na valorização da cooperação em detrimento da competição. Esses jogos trazem a sensação de vitória para todos os participantes. Para Darido (2003), embora essa proposta valoriza a busca por valores mais humanitários, a mesma parece não ter se aprofundado como deveria nas análises sociológicas e filosóficas subjacentes a construção de um modelo educacional voltado para a cooperação, além de não considerar os efeitos de um sistema capitalista sobre a competição/cooperação na sociedade contemporânea.

A abordagem da Saúde Renovadora surge como redefinição do papel dos programas de Educação Físicas na escola, agora como meio de promoção da saúde ou para um estilo de vida mais ativo. “Denomino esta proposta de saúde renovada porque ela incorpora princípios e cuidados já consagrados em outras abordagens com enfoque mais sócio-cultural” (DARIDO, 2003, p. 18).

Esta proposta também procura atender a todos os alunos, principalmente os que mais necessitam: os sedentários, os de baixa aptidão física, os obesos e os portadores de deficiência (DARIDO, 2003).

A última abordagem é a que diz respeito aos Parâmetros Curriculares Nacionais, conforme Darido (2003) o Ministério da Educação e do Desporto, por meio da Secretaria de Ensino Fundamental, reuniram em 1994, um grupo de pesquisadores para elaborar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), segundo a comissão organizadora, esses

documentos tem como função primordial subsidiar a elaboração ou a versão curricular dos estados e municípios, dialogando com as propostas e experiências já existentes, incentivando a discussão pedagógica interna as escolas e a elaboração de projetos educativos, assim como servir de material de reflexão para a prática de professores.

Além disso, propõe um relacionamento das atividades da Educação Física com os grandes problemas da sociedade brasileira, sem, no entanto, perder de vista seu papel de integrar o cidadão na esfera da cultura corporal, através do que denominam de temas transversais. Assim, a Educação e a Educação Física requerem que questões sociais emergentes sejam incluídas e problematizadas no cotidiano da escola buscando um tratamento didático que complete sua complexidade e sua dinâmica, no sentido de contribuir com a aprendizagem, a reflexão e a formação do cidadão crítico (DARIDO, 2003, p. 20).

Desta forma, para falarmos de currículo precisamos estabelecer primeiramente qual a relação da cultura nas práticas pedagógicas de ensino escolar, e qual a sua orientação para o ensino. Partimos da premissa que cultura é todo e qualquer processo simbólico que determinado grupo compartilha, fundamenta-se e se enraíza primeiramente no convívio familiar, se estendendo posteriormente ao convívio global. Todo esse processo cultural tem por trazer um processo também educativo, pois as crenças nascem desta relação íntima com o outro e com o mundo que o cerca (BRASIL, 1998; NEIRA; NUNES, 2009).

Neira e Nunes (2009) afirmam que a família e os grupos de iguais responsabilizaram-se por transmitir às gerações mais novas, os conhecimentos necessários a sobrevivência, a perpetuação dos saberes necessários à vida garantidos por essa via, gerava as condições necessárias para a continuidade da cada sociedade, o que denominou o progresso. “[...] educação e progresso implicam numa concepção de acúmulo dos conhecimentos produzidos que conduzem cada cultura a estágios diferentes dos anteriores com relação ao bem-estar social” (NEIRA, NUNES, 2009, p. 23).

Percebe-se então que culturalmente buscamos o bem-estar social, mas o que encontramos desde historicamente até mesmo nos dias atuais são que poucas pessoas ainda usufruem de um bem-estar, esse bem-estar social esteve por muito tempo atrelado as elites, pessoas que tinham o poder, dinheiro, ou seja, riquezas. Aos demais (os operários e a classe menos favorecida) restava apenas a conformação de sua posição social (subordinado) (BAUMAN, 2008).

Sabe-se que o modelo de escola no Brasil se baseou nos modelos europeus, e era destinada a elite. De modo geral, a grande transformação na educação advém da Revolução Francesa e Industrial, já que todo o processo educativo tinha como pano de fundo desenvolver uma sociedade trabalhadora e que atendesse a demanda econômica, ou seja, a educação teria que atender ao progresso, seja ele econômico ou político (NEIRA; NUNES, 2009).

A educação passa por várias mudanças de concepções no modo de ensino ao longo de sua trajetória, um modelo se destaca pela prática de ensino tecnicista que visava acolher todas as crianças, mesmo as de classes menos privilegiadas, mas por traz disso, tinha-se o interesse de qualificar o trabalho e mão-de-obra e não somente educar. Neira e Nunes (2009) colocam que, na elite o ensino baseava-se em preparar o aluno para uma profissão de prestígio e de cargo superior, já para os filhos da classe trabalhadora o ensino era público, tinha um caráter discriminatório, já que se fazia o uso de aplicações de provas anuais para verificar o grau de aprendizagem do aluno, o que poderia determinar o sucesso ou fracasso do mesmo, todo esse processo cooperava também com a desistência por parte dos estudantes. Neira e Nunes ainda complementam que esse sucesso ou fracasso está intimamente ligado a nova forma de capitalismo o monopolista que consolidou também a distinção entre ricos e pobres.

A educação que vem ao longo de seu percurso estabelecendo estreita conexão com a economia, vindo a sofrer com a extensão do processo de globalização a partir do surgimento de novas empresas e com o aumento de novas tecnologias, os empregos tornam-se instáveis resultando na ampliação das exigências para a admissão profissional. Tudo isso tende a impactar de forma mais intensa o ensino público, restringindo o acesso desses estudantes aos trabalhos com melhores remunerações (NEIRA; NUNES, 2009).

O grande desafio então da escola contemporânea é amenizar os efeitos da desigualdade.

Apenas vivendo em uma escola democrática, o indivíduo pode sentir-se em uma sociedade baseada na soberania popular, construindo e respeitando o delicado equilíbrio entre a esfera dos interesses e necessidades individuais e as exigências da coletividade. Essa transformação radical da prática pedagógica e do currículo deverá adotar como princípio básico a facilitação e o estímulo à participação ativa e crítica dos alunos nas diferentes tarefas desenvolvidas no espaço escolar, bem como o contato e a análise de outras formas de ser e saber presentes na sociedade (NEIRA; NUNES, 2009, p. 53).

Na sociedade contemporânea, o pensamento em torno do sucesso da educação é gerado em torno da promoção da análise crítica e a superação dos modos de comportamento, conhecimento e atitudes presentes na comunidade social. Desta forma o currículo passou a ser usado como um artefato social construído por determinações históricas e pressões sociais (NEIRA; NUNES, 2009). Os mesmos autores ainda complementam “o formato do currículo é resultado da tecnificação pedagógica de que tem sido objeto” (p.58), “o currículo mantém um vínculo estreito com o poder, pois quem participa da decisão sobre a escolha dos conteúdos detém o poder sobre o processo de ensino” (p. 59).

Pensando em currículo para a Educação Física escolar, foi primeiramente integrada a Educação Moral e a Educação Intelectual como bases para a Educação Integral do homem moderno, a Educação Física aqui tencionava educar os corpos rebeldes das crianças e jovens. Somente na metade do século XIX que a Educação Física entrou para o sistema de ensino brasileiro, neste período os objetivos a serem alcançados através da Educação Física eram profiláticos e corretivos. Sua constituição foi influenciada pela instituição militar a partir da metade do século XIX, pela medicina (NEIRA; NUNES, 2009).

Posteriormente o ensino focou no esporte, baseado em uma metodologia da divisão e repetição de fundamentos, esse permaneceu no Brasil por um período longo de tempo. “[...] o currículo esportivo da Educação Física foi concebido na perspectiva do controle social, confundindo-se novamente com formação moral” (NEIRA; NUNES, 2009, p. 75).

Neira e Nunes (2009) ainda colocam que o currículo de Educação Física, sob a ótica da pedagogia tecnicista, ficou caracterizado pela proliferação de obras e manuais que apresentavam passo a passo, aulas prontas, restando ao professor “colocar em prática” o currículo ideal.

Posteriormente, sob a influência do discurso educacional cognitivista em prol da formação de homens e mulheres dotados de habilidades e capacidades, foi apropriado pela Educação Física o ensino psicomotor ou educação pelo movimento. Esse currículo mostrou-se mais interessado no desenvolvimento motor da criança, buscando novamente garantir a formação integral do aluno, e ainda sob a influência tecnicista. (NEIRA; NUNES, 2009).

A partir do século XXI, outro currículo é proposto para a Educação Física, agora destinado a saúde, tendo como paradigma o apelo neoliberal de uma vida saudável. Neste sentido o modelo do currículo tinha como finalidade informar, mudar as atitudes e promover a prática sistemática de exercícios físicos com a finalidade de favorecer um estilo de vida ativo (NEIRA; NUNES, 2009).

Neira e Nunes (2009) fazem um apanho geral sobre o foco do ensino em Educação Física como:

A pedagogia tecnicista da Educação Física, ao se concentrar na melhoria dos movimentos e da aptidão física ou na educação pelo movimento, pautadas por critérios de eficiência e racionalidade burocrática, desconsidera o caráter histórico, ético e político das ações humanas e sócias. Como resultado do pagamento do caráter social e histórico do conhecimento, os currículos psicomotor, desenvolvimentista, esportista ou voltado para a saúde contribuem para a reprodução das desigualdades, das injustiças sociais e a manutenção do *status quo* (NEIRA; NUNES, 2009, p. 115).

Os primeiros cursos de Educação Física no Brasil, segundo Silva (2015), surgem no final da década de 30, criados em São Paulo em 1934, atualmente pertencente à Universidade de São Paulo, e no Rio de Janeiro, em 1939, na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este último foi criado com o objetivo ser a escola padrão para a formação em Educação Física no Brasil. "Entre os diversos cursos de formação de professores que surgiram nessa época foi, inegavelmente, o mais importante. Teve o seu corpo docente treinado por médicos e professores" (OLIVEIRA, 2004, p. 26).

Oliveira (2004) ainda coloca que a história dos cursos superiores no Brasil é muito recente, e que ainda carregam características que colaboraram ou que colaboram para sua antiintelectualidade. Coloca como o exemplo o ingresso nas Faculdades ao qual era exigida pouca escolaridade dos candidatos. "Até a década de cinquenta, bastava o candidato haver concluído o 1º grau. Era o suficiente para iniciar um curso que seria de 3º grau! [...]. A imagem do professor de Educação Física ficou comprometida e criou-se um ambiente de discriminação em relação à matéria" (OLIVEIRA, 2004, p. 45).

Ainda hoje se tem essa distorção em torno da Educação Física dentro da escola, aonde essa disciplina na grade curricular escolar é vista como não muito importante e parte disso é a "tradição" ou "culturização" em torno da própria trajetória que a Educação Física veio e vem a sofrer a partir da sua criação como curso superior. Oliveira complementa mais sobre o início do curso superior em Educação Física e faz crítica de como deveria ser o ensino;

Cabe às Escolas de Educação Física canalizar toda essa vocação esportiva para objetivos realmente compatíveis com a missão de um professor. Muitas vezes, infelizmente, tal não ocorre. Logo de início, nos vestibulares, os alunos passam por provas que procuram medir o seu desempenho físico, reforçando uma visão deturpada que, de um modo geral, os candidatos têm da sua futura profissão. Mas o pior acontece

quando, já matriculados, aquele desempenho físico continua sendo fundamental no processo de avaliação acadêmica. A preocupação das escolas deveria ser, essencialmente, "ensinar a ensinar". O produto dessas escolas não são atletas, mas professores. A nossa atividade é eminentemente intelectual, e não física (OLIVEIRA, 2004, p.46).

De acordo com Silva (2015), em 1969 o currículo de formação em Educação Física ganha status de ensino superior após a Resolução de nº 69/69 do então Conselho Federal de Educação, que aumentava a carga horária para três anos e 1800 horas, para o título de licenciatura e uma possível complementação de duas disciplinas para a obtenção do título de técnico desportivo.

Percebe-se que o próprio currículo de formação apresenta a preocupação em formar técnicos desportivos, visto que este curso foi por muito tempo prático, onde até mesmo o processo de ingresso ao curso de graduação exigia o aperfeiçoamento de movimentos, assim como, condição para a prática esportiva.

Desta maneira a Educação Física atualmente ainda sofre com esses reflexos, sendo muito associado a escolha profissional com a atuação de atletas ou ex-atletas, pessoas que apenas gostam de movimentar-se ou exercitar-se de forma harmônica. A Educação Física tem duas visões atualmente por parte da sociedade, primeiro ela se apresenta no campo educativo, ao qual parece ter pouca influência ou importância para a sociedade e segundo o campo esportivo/rendimento o qual é bem visto ou bem aceito pela sociedade.

Ainda neste sentido, é a partir das exigências da sociedade contemporânea e do mercado de trabalho atual, que, “[...] amplas discussões na área sobre a formação mais adequada a estas novas demandas, o que se refletiu na análise crítica sobre a possibilidade das licenciaturas contemplarem todas as novas habilidades e competências requeridas e o surgimento dos cursos de bacharelado” (SILVA, 2015, p. 59). Passando então aos cursos de Educação Física que antes era designado licenciatura plena, agora passa a ser dividido em duas grandes áreas de atuação profissional ou duas grandes áreas distintas, a Licenciatura e o Bacharelado.

Mais especificamente, para os cursos de Educação Física, duas DCNs distintas balizam a organização curricular: as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, (Resolução CNE/CP nº 1/2002) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena (Resolução CNE/CES nº 7/2004). Com base nessas Diretrizes, o licenciado em Educação Física deverá ser preparado para atuar como

professor da Educação Básica. Já o graduado (antigo bacharel) será formado para atuar no campo não escolar, em lugares como clubes, academias e outros campos que oportunizem práticas de atividades físicas, recreativas e esportivas (MENDES; PRUDENTE, 2011, p. 98).

Ainda sobre os currículos dos cursos superiores em Educação Física, Mendes e Prudente (2011), colocam que quando analisado as matrizes curriculares, os dois cursos apresentam-se praticamente idênticos, não tendo diferenciação de conteúdos entre as modalidades. E que outra característica é de que o curso Bacharelado tem um maior status em comparação a Licenciatura pelo fato de proporcionar aos discentes a participação em iniciações científicas, e não a um estágio de docência, atividade com menor status no meio acadêmico. Isso tudo dito pelos autores é ocorrido pela disputa ou luta pelas relações de poder, constituídas em momentos sociais específicos que refletem diferentes interesses.

Silva (2015), também reforça que por mais que se tente criar currículos diferenciados para Licenciatura e Bacharelado, os conhecimentos aprendidos são os mesmos. “Por isso, incluir uma disciplina, por exemplo, “musculação II ou III”, em um currículo em detrimento do outro ou atrelar o nome da disciplina não parece justificativa para uma nova profissão, muito menos se tratando do mesmo objeto de estudo” (SILVA, 2015, p. 92).

Esses interesses de disputa de poder aonde o curso de Bacharelado é colocado ou apresentado com maior status no mundo acadêmico, pode ser pela forma que a Educação Física vem sendo vista pelo meio social, num mundo que vem buscando melhores condições de vida, saúde e bem-estar, a Educação Física fora da escola vem sendo muito praticada e até tomada como um novo estilo de vida. Tudo isso impulsiona o mundo comercial, pode-se até por isso, ter se dado uma maior preocupação com as mudanças ocorridas neste meio. Mendes e Prudente (2011), complementam este pensamento "O currículo é visto como um dos principais elementos das reestruturações e das reformas educacionais que, em busca de uma eficácia econômica, continuam sendo sugeridas em diversos países (MENDES; PRUDENTE, 2011, p. 106).

Para Silva (2015), o problema do currículo é a sua estrutura que privilegia o esporte como peça chave da Educação Física e achar que com isso, o currículo fará alguém treinador. “Isso requer anos de experiência e contato com a modalidade” (SILVA, 2015, p. 105). “É importante compreender o currículo como uma práxis que sofre intervenção de distintas ações, sendo estabelecida no interior de diferentes interações culturais e sociais” (MENDES; PRUDENTE, 2011, p. 99).

Outro fator importante na formação do futuro profissional de Educação Física é a sua vivência em futuros espaços de atuação como o estágio, presente no currículo dos cursos. Que como Silva (2015) enquadra, a preocupação em estagiar é mais decorrente quando o aluno está próximo de concluir o curso e começam a participar de todos os eventos apenas pela carga horária do certificado. E afirma ainda, que estimular os alunos ao bom aproveitamento destas atividades não é tarefa fácil para coordenadores e professores dos cursos de Educação Física. Por fim, Silva (2015) conclui que nenhum curso de graduação é perfeito, a formação profissional altera-se ao longo do tempo, em decorrência do avanço científico e das exigências sociais levadas pelo reordenamento do trabalho capitalista.

Ainda, com relação a forma como os cursos de Educação Física estão sendo ofertados pelas universidades com opções de Licenciatura ou Bacharelado, fica evidente aqui que o aluno ingressante já tem que possuir um conhecimento sobre a sua futura profissão, já que, ao escolher por uma ou outra, o mesmo estará limitado há um campo de atuação. Antigamente, mais especificamente entre 1950 até 1975, ocorreu no Brasil um crescimento enorme de instituições de ensino superior que ofertavam o curso de Educação Física, nesta época o curso era conhecido como Educação Física Licenciatura Plena, que possibilitava ao futuro profissional atuar em todos os campos abrangentes da área da Educação Física.

Ainda com relação ao currículo antigo, Darido (2003) faz uma reflexão acerca do currículo tradicional x o currículo científico, esclarece que no modelo tradicional os cursos de Educação Física tinham como objetivo maior, formar educadores técnicos, onde os currículos eram compostos por mais aulas práticas do que teóricas, abordando o esporte como conteúdo mais importante, a preocupação é desenvolver somente as habilidades dos escolares, e com isso promovendo a competitividade. Complementa ainda que, a partir de estudos abordados por Darido, os autores investigados por ele chegam a conclusão de que esse modelo tradicional visava atender aos modelos capitalistas.

Na tentativa de escapar deste modelo, em meados dos anos 80, algumas instituições de ensino superior implementaram novas propostas curriculares procurando formar o aluno numa perspectiva mais ampla, buscando em outras áreas sua legitimação. “Assim, a formação profissional de Educação Física voltou-se da prática das modalidades esportivas para a teoria, valorizando o conhecimento científico derivado das ciências mães” (DARIDO, 2003, p. 28). O autor conclui que o modelo científico também não trouxe as mudanças esperadas para o ensino na Educação Física escolar.

Desta maneira, a organização curricular, assim como sua finalidade é de extrema importância para a designar que tipo de profissional deseja-se formar. Queremos formar

técnicos ou professores? Diante a esta pergunta podemos compreender melhor porque o curso foi dividido em duas áreas, uma irá preparar o professor para os saberes didáticos e o outro voltado mais para os saberes técnicos.

As modificações que vêm ocorrendo na formação profissional da Educação Física acontecem em razão das críticas feitas pelas mais recentes produções do conhecimento sobre o objeto de estudo desta área, assim como seus conteúdos, seus métodos de ensino e devido aos anseios da sociedade que cada vez mais exige profissionais capacitados para intervir nas diversas áreas de atuação, tanto as tradicionais, como as escolas, academias de ginástica e clubes esportivos, como também nos novos espaços como treinamento personalizados, na prática dos esportes radicais e de aventura na natureza, no trato com grupos especiais (idosos, pessoas com deficiência, hipertensos, obesos, gestantes) entre outros (SILVA, 2015, p. 59).

Buscando atender as necessidades da sociedade e não somente a ela, como a demanda do mercado de trabalho, eis que esta mudança tem como objetivo capacitar profissionais a especializarem-se em uma determinada área da Educação Física, como por exemplo, o profissional que deseja atuar em atividades de academia com o curso de Bacharelado, o aluno terá uma maior preparação para trabalhar neste campo, com disciplinas que identifiquem que grupo esse profissional irá ou poderá desenvolver seu trabalho, entre outros.

Silva (2015) faz uma abordagem as críticas tanto da “nova” Licenciatura quanto do Bacharelado, colocando que os conteúdos exigidos são praticamente os mesmos para qualquer curso de graduação em Educação Física.

“A resolução CNE/CES nº 07/2004 não apresenta com clareza diferenças na formação de licenciados que a distingam da formação de bacharel, pois apenas reitera que a formação em licenciatura precisa ter conhecimentos que proporcionem as bases para uma boa atuação no ensino básico” (SILVA, 2015, p. 59).

O mesmo autor direciona sua ideia que, independente do graduado em Educação Física ser licenciado ou bacharelado não poderia abstrair de nenhum dos conhecimentos sobre a relação do homem com a sociedade, sobre os aspectos biológicos do corpo humano, sobre as formas de produção e transmissão do conhecimento científico e tecnológico, sobre as diversas formas de expressão da cultura de movimento humano, sobre as bases teóricas e metodológicas aplicadas ao desempenho humano, os conhecimentos didático-metodológico (SILVA, 2015).

Já a crítica ao bacharelado se dá em torno da formação de um “pseudo-educadores”, ainda segundo Silva (2015), na Bahia os cursos de Educação Física não conseguem delimitar competências específicas para as diferentes habilitações que justifiquem a fragmentação. A grade curricular oferta:

Oferece um grande número de disciplinas esportivas na maioria das vezes os quatro esportes coletivos mais famosos do país (futebol, basquetebol, voleibol e handebol), sendo que estes componentes são introduzidos no currículo de forma desarticulada e com base meramente tecnicista (SILVA, 2015, p.62).

Diante da crítica feita por Silva com relação a divisão dos cursos, uma pergunta fica em aberto que se refere as questões sociais, e como elas são desenvolvidas dentro dos currículos de Educação Física. Percebemos ainda no posicionamento de Silva, que os cursos de bacharelado pouco desenvolvem essas questões limitando-se ao treinamento desportivo, cabendo mais restritamente aos cursos de licenciatura desenvolver esses conceitos sobre comportamentos sociais, fragilidades sociais, entre outros.

Por fim, Silva (2015) conclui que garantir a autonomia acadêmica e profissional, mediante a uma formação sólida acerca dos fundamentos da Educação Física durante a graduação, além do incentivo à formação continuada é a maneira mais segura de garantir uma formação profissional de qualidade proporcionando uma visão ampla, pois ela dá condições do indivíduo, através de uma consciência crítica e reflexiva, ultrapassá-la.

3.5 O papel da Educação Física na sociedade atual e sua contribuição na construção de práticas sociais que possibilitem a conquista da cidadania

Vivemos atualmente em uma sociedade que visa o capital, onde o consumo aumenta principalmente com o avanço da tecnologia, essa sociedade capitalista passa a classificar as pessoas como ricas ou pobres, ou seja, por classe social. Encontramos em grandes centros todos os tipos de pessoas, as pessoas tidas como marginalizadas se encontram nas periferias das cidades, sendo que na maioria das vezes essas comunidades que enfrentam os mesmos problemas sociais, como falta de acesso a moradia, a saúde, a trabalho, a lazer, e se encontram em risco social.

A escola é parte integrante desse meio social, já que é neste espaço que os alunos aprendem a viver em sociedade e assim começam a assumir seu papel ou função social. Neste sentido procuramos entender como a Educação Física desenvolve as práticas sociais dentro da escola.

A Educação Física com o passar dos tempos, vem sofrendo transformações e adaptações para suprir as demandas e exigências civis através das práticas sociais, com o processo educativo de forma geral também vem a ocorrer tais práticas, ocasionando na busca por estratégias que possibilitem mudanças sociais em prol da transformação de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para atender as necessidades da sociedade capitalista-moderna, se fez necessária a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, que serviriam como subsídio para apoiar o projeto da escola na elaboração do programa curricular, apresentando uma abordagem diferenciada, como os temas transversais que atendem a todas as disciplinas, para auxiliar a escola a cumprir seu papel constitucional de fortalecimento da cidadania.

Para a Educação Física os temas transversais, foram classificados por temáticas tidas como urgentes no atendimento do país como um todo, sendo divididos por assuntos como: a ética, a saúde, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual e trabalho e consumo. Mais do que isso, apresenta em seu documento a preocupação em desenvolver valores éticos que norteiam o exercício da cidadania, aonde o aluno deve entender seus direitos e deveres como cidadão brasileiro.

Os PCNs surgem a partir dessa necessidade de fundamentar uma prática educativa diferenciada, já que por muito tempo, a Educação Física na escola era voltada para o rendimento esportivo e para a formação de atletas, com a criação dos PCNs a Educação Física passa a ser

refletida com prática pedagógica, onde trazem uma proposta de humanizar, democratizar e diversificar a prática pedagógica da área. Abrindo também espaço para a reflexão do professor sobre sua atuação, podendo repensar sua forma de ensinar, de planejar e avaliar as práticas de Educação Física na escola.

Atualmente encontra-se no espaço escolar de redes públicas e municipais, crianças que vivem diferentes realidades sociais, que apresentam também culturas e costumes diferentes. São essas diferenças que devem ser abordadas nas aulas de Educação Física, de forma a valorizar o que é do outro, respeitando os costumes, a religião, a raça, entre outros. Os conceitos e valores devem ser trabalhados constantemente, para que não ocorra discriminação social ou até mesmo a exclusão.

Para conseguir conceituar valores nas aulas de Educação Física escolar, devemos primeiramente abordar em aula o que está previsto na própria Constituição, como citado no art. 1º A República Federativa do Brasil constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: a soberania, a cidadania, a dignidade da pessoa humana, os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa, o pluralismo político.

A partir da compreensão da nossa Constituição, da legislação brasileira e dos direitos humanos, o aluno terá noção da magnitude dos direitos e deveres que um cidadão brasileiro deve ter, e é com esse intuito de tocar no educando os princípios e valores éticos que a Educação Física busca desenvolver no ser humano o exercício da cidadania.

A cidadania é entendida por muitos como o simples direito ao voto, limitando-se a compreensão de sua extensão, para Covre (2002), ser cidadão significa ter direitos e deveres, ser súdito ou soberano, como descrito na Carta de Direitos Da Organização das Nações Unidas (ONU), apresenta em sua proposta de cidadania que todos os homens são iguais ainda que perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor. E mais, que a todos cabe o domínio do próprio corpo e de sua vida, ao acesso ao salário, ao direito à educação, à saúde, habitação e ao lazer. Ainda, a mesma autora conclui, “penso que a cidadania é o próprio direito à vida no sentido pleno” (COVRE, 2002, p.11).

Ser cidadão é ter conhecimento dos seus direitos e poder reivindicá-los, e esse entendimento inicia-se no âmbito escolar, sendo a escola o primeiro contato da criança com o mundo externo, aonde lá ela irá a aprender a viver em sociedade. O Ministério da Educação (2007) coloca que ser cidadão é:

Aprender a ser cidadão e a ser cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não-violência, aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida coletiva da comunidade e do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos estudantes e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 69).

Colocar o aluno frente as situações reais que acometem nossa sociedade, já é um exercício da cidadania, o acesso a informação gera a reflexão e o diálogo sobre os temas sociais, poderá futuramente gerar ações coletivas em busca de melhorias para o saneamento das necessidades da comunidade ou sociedade de modo geral.

Ainda no espaço escolar, o professor de Educação Física deve buscar trabalhar os conceitos e os valores éticos, já que os aspectos que envolvem os conceitos de cidadania estão norteados nestes princípios, como o Livro do Ministério da Educação (2007) coloca,

Para que os estudantes possam aprender e assumir os princípios éticos, são necessários pelo menos dois fatores: 1) que os princípios se expressem em situações reais, nas quais possam ter experiências e nas quais possam conviver com a sua prática; 2) que haja um desenvolvimento da sua capacidade de autonomia moral, isto é, da capacidade de analisar e eleger valores para si, consciente e livremente (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 69).

A Educação Física apresenta-se aqui como possibilidade de reflexão, aonde o diálogo flui de forma mais descontraída, sendo de suma importância essa aproximação da disciplina de Educação Física com o aluno para auxiliar nas tomadas de decisões, de forma livre e consciente dos atos praticados. Darido et al (2001), fazem uma abordagem de porque a Educação Física escolar apresenta-se como ambiente ideal para desenvolver princípios éticos.

Observa-se, sobretudo nas aulas de Educação Física, que os alunos expressam comportamentos de excitação, cansaço, medo, vergonha, prazer, satisfação, entre outros. Isso se deve, muitas vezes, ao fato das atitudes e decisões racionais serem afetadas pela intensidade e qualidade dos estados afetivos vivenciados corporalmente. O desenvolvimento moral do indivíduo está intimamente relacionado à afetividade e à racionalidade, e nas aulas de Educação Física escolar ocorrem situações que permitem uma intensa mobilização afetiva e interação social. Tal cenário apresenta-se como ambiente ideal para explicitação, discussão, reflexão e aplicação de atitudes e valores considerados éticos ou não éticos para si e para os outros (DARIDO et al, 2001, p.15).

Desta forma, os conceitos de cidadania não podem existir sem a moral e os valores éticos, com relação a forma de ensinar e sobre o papel da escola na formação ética dos alunos, o Ministério da Educação coloca que:

A melhor forma de ensiná-los, portanto, é estimulando reflexões e vivências. Mais do que os discursos, são a prática, o exemplo, a convivência e a reflexão, em situações reais, que farão com que os alunos e as alunas desenvolvam atitudes coerentes em relação aos valores que queremos ensinar. Por isso, o convívio escolar é um elemento-chave na formação ética dos estudantes. E, ao mesmo tempo, é o instrumento mais poderoso que a escola tem para cumprir sua tarefa educativa nesse aspecto. Daí a necessidade de os adultos reverem o ambiente escolar e o convívio social que ali se expressa, a partir das próprias relações que estabelecem entre si e com os estudantes, buscando a construção de ambientes mais democráticos (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 70).

Essa construção se dá, segundo Torres e Moura (2013), pelo fato de que é no espaço escolar o local onde as pessoas recebem influências para sua vida, dentro de uma sociedade construída por direitos e regras, isso pode proporcionar aos participantes da instituição valores em comum. O professor e o aluno cumprem um papel social fundamental para a boa prática desse processo, o de participante social, exigindo uma educação onde todos façam parte do ensino-aprendizagem diretamente.

A Educação Física é vista socialmente, primeiro pelo trabalho desenvolvido na escola, que é especificamente voltado ao ensino, contemplando trabalhar com crianças e jovens em idade escolar. Por segundo, a visão da Educação Física que busca trabalhar a harmonia, bem-estar, desenvolver corpo forte, atlético, e que atenda os padrões de beleza, contemplando atingir um público que compreende: os adolescentes, os jovens, os adultos e idosos.

Na escola, a Educação Física objetiva desenvolver conteúdos que envolvam a participação dos alunos em atividades acerca da: liderança, tomada de decisões, desenvolva a criatividade, desperte a ludicidade, o trabalho em equipe, entre outros. Já nas outras áreas que não envolvem o processo educativo escolar, tais como: academias de ginástica, clubes, escolinhas esportivas, etc., tem por objetivo promover a sociedade em geral, mais saúde, desenvolver o físico e o afetivo, dando oportunidade de socialização, etc.

Analisando essas duas visões, percebemos o quão é importante a área da Educação Física para a sociedade, entende-se mais ainda, na Educação Física escolar a preocupação de preparar o aluno para vida em sociedade ou a vida em coletividade. Neste sentido, Freire e Scaglia esboçam, “fomos treinados para pensar e agir em função do individual, quando na

verdade, os problemas mais graves do mundo atual requerem pensamentos e ações dirigidos para o coletivo” (2003, p. 31). “O objetivo de qualquer disciplina deve ser o de ensinar a viver em sociedade, pensando como sociedade, agindo como sociedade” (2003, p. 32).

Os jogos, possibilitam desenvolver os conceitos de coletividade de que, sem a ajuda do outro não conseguimos mudar e transformar o mundo em um lugar melhor para todos, onde os problemas que acometem nosso meio social, como a pobreza, a fome, a miséria, o racismo, a discriminação, entre outros, pudessem ser pensados como um problema de todos e não como um problema de alguns. Mediante a isso, Freire e Scaglia (2003) complementam que o objetivo da Educação Física compete:

O objetivo da educação física deve ser levar a criança a aprender a ser cidadã de um mundo novo, em que o coletivo não seja sobrepujado pelo individual; em que a ganância não supere a solidariedade; em que a compaixão não seja esmagada pela crueldade; em que a corrupção não seja referência de vida; em que a liberdade seja um bem superior; em que a consciência crítica seja patrimônio de toda a pessoa; em que a inteligência não seja reduzida a saber calcular e falar línguas estrangeiras. As técnicas ensinadas nas disciplinas de educação física, de português, de matemática ou de química podem ser muito importantes, mas não passam de acessórios de uma formação maior, para a autonomia. A formação do cidadão de um novo mundo só pode ser conseguida com a educação para a atitude autônoma; afinal, quando estivermos maduros, seremos o somatório das atitudes tomadas ao longo de nossas vidas (FREIRE; SCAGLIA, 2003, p. 32).

Fazer o aluno pensar e desenvolver estratégias que possam promover alguma melhoria para a sociedade é função de qualquer disciplina escolar, o aluno deve tomar conhecimento da realidade a qual ele mesmo faz parte. E a Educação Física é a área do conhecimento que busca na realidade do movimento, da expressão corporal, dos gestos e da cultura transformar a realidade a qual os alunos são inseridos.

Na área da Educação Física fora do âmbito escolar, busca contribuir com os problemas sociais, na medida em que, por meio das atividades como corrida, caminhadas, musculação, pilates, esporte, entre outros, auxilia na diminuição do estresse, da gordura corporal (que atinge grande parte da população brasileira, principalmente as classes mais pobres), diminui a pressão arterial, melhora a oxigenação do sangue, ou seja, diminui os problemas relacionados a saúde. Já com relação aos problemas psicológicos ou psicossociais, auxilia de forma significativa, na diminuição da depressão que também tem acometido grande parte da população, pelo estilo de vida adotado atualmente, facilitando no processo de socialização.

A preocupação com a saúde também se faz presente nos conteúdos da Educação Física escolar, com o aumento do sedentarismo entre a crianças e jovens com idades escolar, vem tomando proporções drásticas para a saúde, como diabetes, pressão alta, infarto, isquemias, etc. Neste sentido, os PCNs apontam nos temas transversais a preocupação com a saúde dos estudantes, como está escrito no documento:

[...] a preocupação e a responsabilidade na valorização de conhecimentos relativos à construção da auto-estima e da identidade pessoal, ao cuidado do corpo, à nutrição, à valorização dos vínculos afetivos e a negociação de atitudes e todas as implicações relativas à saúde da coletividade, são compartilhadas e constituem um campo de interação na atuação escolar (BRASIL, 1998, p. 36).

Para tanto o mesmo documento reconhece que a informação se mostra insuficiente para alterar comportamentos favoráveis à proteção e a promoção da saúde do educando, cabendo à Educação Física escolar a responsabilidade de lidar de forma específica com alguns aspectos relativos aos conhecimentos procedimentais, conceituais e atitudinais característicos da cultura corporal do movimento (BRASIL, 1998).

Esses conceitos de saúde ligados diretamente com a estética corporal, tem ganhando a atenção de jovens em idade escolar, mas por incrível que pareça esses jovens estão procurando fora da escola meios para se exercitar e manter a forma, assim procuram conquistar o corpo esteticamente “perfeito”. Mas porque isso vem acontecendo?

Associar algumas dessas mudanças de comportamento dos jovens, pela busca de corpos perfeitos, se dá por grande parte pela mídia, que se faz do poder da imagem a divulgação de comerciais, matérias que envolvem o uso do esporte, e com isso, busca movimentar o consumo, relacionando marcas com esporte. Segundo ainda os PCNs,

Atrelada a essas premissas inevitavelmente carregadas de valores ideológicos e a interesses econômicos, a prática de atividade física é vinculada diretamente ao consumo de bens e de serviços (equipamentos, academias, espaços de lazer, complementos alimentares, prescrições de treinamento), citada como método infalível no combate ao uso abusivo do álcool, fumo e drogas, e como recurso de integração social do jovem e do adolescente (BRASIL, 1998, p. 37).

O enfoque da mídia é poder aumentar as vendas em torno de produtos vinculados ao esporte ou a atletas esportivos, porque isso vende e além disso, o esporte inspira as pessoas, e o esporte na promoção da saúde tem ganhado espaço no meio social. Desta forma, não é de todo ruim a mídia reforçar a preocupação com a saúde, mesmo que isso ela esteja apenas querendo vender, mas cabe a escola e aos professores formarem cidadãos críticos, que entendam a real informação que a mídia quer trazer, e também principalmente ao professor de Educação Física abordar o que é verdadeiramente correto e o que não é com relação as informações, já que tem muitas práticas físicas que podem ser benéficas a um grupo de pessoas e para outro grupo piorar a saúde delas.

Assim, a Educação Física escolar pode e deve favorecer “[...] o aprendizado das relações entre a prática de atividades corporais e a recuperação, manutenção e promoção da saúde deve incluir o sujeito e sua experiência pessoal ao considerar os benefícios, os riscos, as indicações e as contra-indicações das diferentes práticas” (BRASIL, 1998, p. 38).

Em síntese, o real papel da Educação Física para a sociedade é no sentido de formar cidadãos críticos, reflexivos, que estejam preocupados em trabalhar em grupo em prol do bem maior, ou seja, dos problemas sociais que os cercam, preocupando-se com a sua saúde e com a do coletivo. Viver em sociedade é viver em conjunto, é dividir problemas, é mostrar-se solidário com a dor, com o sofrimento do outro, é estar sempre atento às questões sociais, porque sozinho o ser humano não vive, depende do outro para garantir sua sobrevivência.

4. EDUCAÇÃO FÍSICA E O DESENVOLVIMENTO SOCIAL: VIVÊNCIAS E DESAFIOS

As análises dos resultados estão apresentadas separadamente, atendendo a ordem em que foram coletadas as informações para a pesquisa. Primeiramente estão apresentados os dados obtidos com a aplicação do questionário inicial ao Grupo 1, após os resultados obtidos com a aplicação do Grupo Focal que contou com a participação do Grupo 2, a seguir está apresentada a participação de ambos os grupos na oficina e por fim, os dados referentes à última ferramenta aplicada também aos dois grupos, o questionário final.

4.1 Percepção dos Professores Quanto à Importância da Educação Física Escolar

Os resultados aqui apresentados, são referentes a análise do questionário (APÊNDICE D) aplicado ao Grupo 1 (os professores que não fazem parte da área da Educação Física).

Após disponibilização da lista dos professores pela coordenação pedagógica da Escola, realizou-se um sorteio com o nome de todos os professores excetuando os docentes da área de Educação Física. Foram pescados o nome de dez professores que comporiam o Grupo 1. Após esse momento os mesmos foram contatados e quando não se obtinha o aceite novo nome era sorteado e assim por diante até obter o grupo que contou com a participação de apenas sete professoras assim caracterizado: todas as participantes mulheres; com idades entre 39 e 68 anos; maioria casadas (3); tendo como área de atuação na escola, Língua Estrangeira (2), Ciências Humanas (2), Letras (1), Ciências da Natureza (1), não respondeu (1).

Com relação ao tempo de formação deste grupo, o mesmo variou entre 16 e 33 anos, em sua maioria tiveram a graduação realizada na Universidade de Passo Fundo (UPF), somente duas realizaram sua graduação em outras instituições de ensino. Todas as professoras deste grupo possuem Pós-graduação Lato Sensu, nas áreas de Leitura Teoria e Prática; Meio Ambiente em ação; Geografia e Língua Inglesa; Gestão escolar; Pedagogia Social e Psicopedagogia, somente uma das professoras tem Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado em Educação. Com relação ao tempo de carreira na rede Estadual de ensino a maioria das professoras tem mais de 15 anos de carreira.

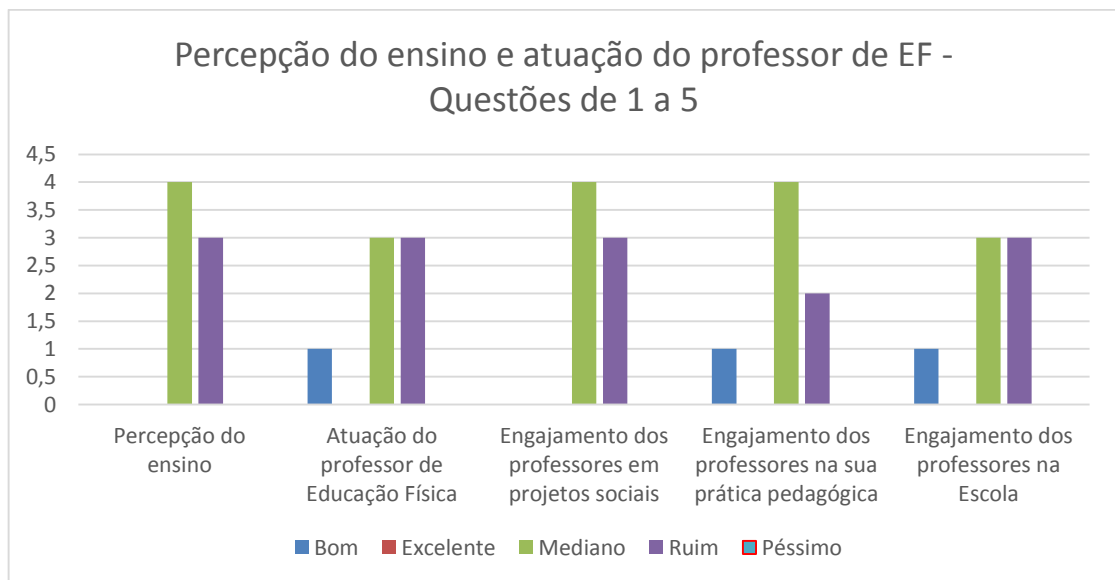
Pode ser observado que o grupo de professoras conta com experiência de longos anos no ensino público (Estadual), bem como na própria escola.

Os dados obtidos por meio do questionário aplicado ao Grupo 1 atendem ao segundo objetivo específico, “**investigar como os demais educadores visualizam a importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento integral dos alunos, enfatizando questões socioculturais e possibilidades interdisciplinares que a mesma oferta em relação a área de atuação de cada professor**”. Assim, foram analisados na forma de Matriz de Análise (APÊNDICE H), onde, o questionário foi dividido em três partes de acordo com os indicadores de análise.

Na primeira parte do questionário, buscou-se compreender como os professores de outras áreas percebem a atuação do professor de Educação Física bem como identificar como é o ensino na escola estudada.

Os dados referentes às questões iniciais (1 a 5) que dizem respeito à percepção do ensino, atuação do professor de Educação Física, engajamento dos professores e sua prática pedagógica estão apresentados no Gráfico 1. Para responder às questões foi utilizada tabela de classificação como: Excelente; Bom; Mediano; Ruim e ou Péssimo.

GRÁFICO 1



Com relação a percepção de ensino, podemos observar que para as professoras investigadas, o ensino de Educação Física nesta escola é de mediano a ruim. Segundo Camara e Aronson (2008), as más condições em que esses profissionais exercem sua profissão causa desânimo, salas de aula lotadas, baixa remuneração, carga de trabalho excessiva e

desvalorizada, rotina, além da indisciplina, desatenção, baixo aproveitamento das aulas por parte dos alunos, leva ao descrédito para como os Educadores Físicos e isto poderia justificar essa percepção.

No artigo “Educação Física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física”, Nascimento e Garcês (2013), também se confrontam com outra questão bastante presente no ensino de Educação Física escolar que é o “dar a bola” ou “rola bola”, onde este tipo de abordagem leva o ensino a ser visto como ruim, ou péssimo. As autoras reforçam a ideia de que atualmente, ocorra uma luta para que a Educação Física atenda os objetivos e oportunize aos alunos uma vasta experiência com movimentos. Contudo, acreditam haver hipoteticamente um movimento contrário do professor, que vê seu espaço se tornar cada vez menor nas escolas (com redução de carga horária e número de aulas na semana) e, ao mesmo tempo, não modifica seu fazer pedagógico para torná-lo qualificado e reconhecido. Ainda para as autoras o que se observa já nos primeiros estágios da graduação são pessoas desmotivadas, cumprindo obrigações e repetindo conceitos e ações, muitas vezes, ultrapassadas, sem nem ao menos questionar os porquês de suas ações, sem refletir sobre o contexto. Ou simplesmente não cumprindo seu papel de professor, sem planejamento, sem objetivos e, portanto, sem conteúdo e sem a mínima qualidade pedagógica. Quando alunos se tornam egressos dos cursos de formação, acabam por repetir esses conceitos na maior parte das vezes, tornando-se apenas um professor que “rola bola” (NASCIMENTO; GARCÊS, 2013).

Ainda no mesmo estudo, Nascimento e Garcês (2013), professores estudados relataram não ver a importância da Educação Física escolar, bem como sua relevância pedagógica na escola podendo ser considerada como uma espécie de recreio, ou então, preparação para olimpíadas.

Quanto questionadas sobre a atuação dos professores de Educação Física, as professoras, em sua maioria, classificaram como mediana a ruim, e apenas uma professora classificou como bom. Essa concepção vale-se muito da acomodação em que se encontram os professores de Educação Física atuantes no ensino escolar, que levam a produção de aulas sem sentido, sem planejamento de atividades, aulas em que o aluno é quem decide que atividade fará, tornando assim, muitas vezes o professor em um espectador e não em um professor mediador do conhecimento.

Essa acomodação dos professores de Educação Física com relação a sua conduta em aula, se dá em partes, por estar sempre em conflito com sua legitimidade, que ora passa a atender uma concepção, ora outra, isso ocasiona na desvalorização deste profissional por parte de toda

a sociedade. Os PCNs, trazem uma possível justificativa para a qual o profissional de Educação Física não consiga visualizar sua importância dentro da escola:

Nas escolas, embora já seja reconhecida como uma área essencial, a Educação Física ainda é tratada como “marginal”, que pode, por exemplo, ter seu horário “empurrado” para fora do período que os alunos estão na escola ou alocada em horários convenientes para outras áreas e não de acordo com as necessidades de suas especificidades (algumas aulas, por exemplo, são no último horário da manhã, quando o sol está a pino). Outra situação em que essa “marginalidade” se manifesta é no momento de planejamento, discussão e avaliação do trabalho, no qual raramente a Educação Física é integrada. Muitas vezes o professor acaba por se convencer da “pequena importância” de seu trabalho, distanciando-se da equipe pedagógica, trabalhando isoladamente. Paradoxalmente, esse professor é uma referência importante para seus alunos, pois a Educação Física propicia uma experiência de aprendizagem peculiar ao mobilizar os aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade de forma intensa e explícita, o que faz com que o professor de Educação Física tenha um conhecimento abrangente de seus alunos. Levando essas questões em conta e considerando a importância da própria área, evidencia-se cada vez mais, a necessidade de integração (BRASIL, 1997, p.22).

O desânimo do professor atualmente pode estar sim relacionado com a pouca importância dada pela sociedade, mas em contrapartida, o professor se encontra hoje em uma zona de conforto, onde as preocupações giram em torno do seu fazer de forma isolada sem integração com os demais, de dar aquilo que os alunos pedem ou querem, e não é essa a sua função. “O professor é o profissional mediador entre o aluno e o conhecimento. Cabe a ele criar um caminho menos complexo para o aprendizado estabelecendo ligações entre os conteúdos e o cotidiano do aluno” (CAMARA; ARONSON, 2008, p. 11820).

Cabe ao educador, organizar situações para que as aulas aconteçam da maneira mais produtiva e significativa possível dando oportunidade para que seus alunos apresentem sugestões, tomem decisões e sejam estimulados a resolver os impasses que surgem na realização das atividades (CAMARA; ARONSON, 2008, p.11824).

Mas por outro lado, um fator que leva o professor a perder o estímulo de preparar boas aulas é a falta de engajamento dos próprios alunos em vivenciar o novo, visto que já está enraizado o conceito do jogo nas aulas de Educação Física escolar, fazendo disso uma luta diária dos professores em incorporar o novo. Essa resistência encontrada muitas vezes nas escolas desestimula o professor a criar novas estratégias, esperando sempre a relutância do aluno em participar das atividades propostas pelo professor.

Para Tavares (2010), o professor, por meio de uma prática baseada na ação-reflexão-ação, tem a possibilidade de promover o conhecimento da cultura corporal no aluno, colaborando para que ele construa seu próprio saber acerca da realidade a sua volta. Para que isso ocorra, cabe ao professor de Educação Física planejar aulas que busquem desenvolver o senso crítico, “através do planejamento, o professor pode mudar essa realidade” (TAVARES, 2010, p. 14).

Planejar não é só pensar, mas também agir em função do que se pensou. Em nossa atuação profissional como professores, devemos compreender que, da mesma forma que pensamos, planejamos, previmos as ações do dia a dia, de nossas rotinas diárias devemos refletir sobre o que ensinamos, por que, para que, como e onde ensinamos nossos alunos. Vale lembrar que o professor especialista em sua área de conhecimento deve ser o próprio autor de seu planejamento (TAVARES, 2010, p. 14).

Essa visão ruim que se tem do trabalho do professor de Educação Física se deve muitas vezes também pela falta de vontade de mudar, mudar concepções de ensino, mudar de estratégias, que visem uma maior participação dos alunos, que estimule a criatividade e proporcione aos alunos o prazer de praticar atividade física.

Novamente houve classificação mediana a ruim quando as professoras foram questionadas sobre o engajamento do professor de Educação Física com projetos sociais, isso demonstra que os professores estão distantes de desenvolverem práticas que levem as atividades físicas como forma de integração social.

Projetos sociais buscam melhorar a qualidade de vida de pessoas carentes ou não, no caso dos projetos escolares, buscam a aproximação do aluno com a escola. Quando a criança ou jovem permanece na escola nos horários vagos para realizar atividades que complementem seu aprendizado de forma mais descontraída que na educação formal, o mesmo tem uma possibilidade maior de não largar a escola antes do término do ensino médio completo.

O desenvolvimento de projetos sociais dentro da escola tem uma função além da permanência do aluno na escola, tem caráter educativo, socializador, e essencialmente inclusivo. Ademais, oportuniza a participação de pais, professores, comunidade, isto é, qualquer pessoa que queira doar-se em busca de uma sociedade mais justa, de oportunidades iguais a todos.

Dito isso, a Educação Física tem o papel de socializar as crianças na escola, os PCNs (1998), elucidam isso, na medida em que entendem que a posse e o uso do conhecimento da

cultura corporal de movimento possibilitam o cultivo de um sentimento de pertinência ao grupo, desde o sociocultural mais abrangente até os grupos de convivência cotidiana. Afirmando também que podem constituir-se em valioso instrumento de relação social, pois ao jogar, lutar, dançar, o aluno pode revelar intensões, expressar sentimentos, construir estratégias e criar códigos de comunicação.

Bickel, Marques e Santos (2012) contribuem nesta perspectiva, para eles os programas e projetos sociais são fundamentais na construção da cidadania, da criação de oportunidades para crianças e jovens excluídos, criando assim, uma perspectiva de futuro melhor. Possibilitar que crianças e jovens vivenciem atividades esportivas, pedagógicas, obtenham alimentação balanceada, e, acima de tudo, façam valer o direito de poder brincar e se divertir, de sociabilizar-se com demais crianças, criar vínculos de amizade, afastando-as e as conscientizando do perigo das drogas, são alguns dos objetivos dos projetos sociais oferecidos por governos e instituições.

Além disso, o esporte é muito influente em projetos sociais, sendo muito usado como forma de socializar e integrar pessoas. Tubino (2001) complementa que o esporte tem um fator social muito grande na vida das pessoas, e que o esporte-participação ou esporte popular, tem o seu valor social evidenciado na participação e nas alianças desenvolvidas, fortalecendo os grupos e as comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de obrigação social e conseqüentemente mais agentes do seu próprio destino.

Bickel, Marques e Santos (2012) complementam que o processo de socialização está intimamente ligado ao jogo, mesmo num esporte individual, o participante se relacionará, competirá com outros participantes, dividirá tristezas e alegrias. Enfim os projetos desenvolvidos no seio escolar visam integrar o aluno na sociedade, buscando conscientizar esse para a cidadania.

Com relação a motivação dos professores de Educação Física para com sua prática de ensino, foi constatado novamente que para a grande maioria dessas professoras a motivação é percebida como mediana. A reflexão se dá novamente em torno da atuação do professor, do seu comprometimento com o ensino e as questões que levam a uma boa ou má prática pedagógica, dizem respeito também à formação inicial que esse professor obteve no ensino superior em Educação Física.

Dessa forma, um dos motivos que pode estar levando o declínio da qualidade e da competência do ensino de Educação Física escolar, pode estar relacionado à preparação do profissional para atuar no ensino escolar, ou seja, como a universidade preparou e vem preparando esses profissionais. Para Silva (2015), a formação dos profissionais está sendo ancorada pela procura do mercado de trabalho, estruturando um currículo que busca atender as

exigências do mercado econômico, isso causa efeitos, na formação profissional dos cursos de ensino superior brasileiro, através das diferenciações de cursos entre licenciatura e bacharelado, criação de cursos tecnológicos voltados diretamente para o mercado de trabalho, criação de habilitação dentro dos currículos dos cursos tradicionais como forma de aligeirar e limitar a formação do indivíduo. “O diploma que antes certificava a aquisição de um conhecimento específico de uma determinada área hoje virou elemento imprescindível para apenas tentar disputar uma vaga de emprego” (SILVA, 2015, p. 17).

Ainda, Silva (2015) defende a ideia de que obter o diploma de graduação não deve ser visto como uma finalização de estudos, haja vista o próprio caráter transitório do conhecimento e conclui:

Dessa maneira, garantir a autonomia acadêmica e profissional, mediante uma formação de base sólida acerca dos fundamentos da Educação Física durante a graduação, além do incentivo à formação continuada (nos cursos de especialização, mestrado e doutorado) é a maneira mais segura de garantir uma formação profissional de qualidade, proporcionando uma visão mais ampla, pois ela dá condições do indivíduo, através de uma consciência crítica e reflexiva, ultrapassa-la (SILVA, 2015, p. 72).

A formação inicial se faz fundamental neste contexto de prática de ensino, mas não somente nela deve ficar o professor, a formação continuada deve estar presente ao longo da carreira do professor, buscar manter-se atualizado é um dos caminhos para o sucesso, “para formar cidadãos críticos, transformadores é preciso ter uma formação inicial continuada, com pesquisas voltadas para a realidade de sala de aula, (...), que visem a qualidade do ensino, a valorização do professor” (CAMARA; ARONSON, 2008, p.11822).

Desta maneira, os conhecimentos adquiridos na graduação não devem ser a única base dos professores que buscam a qualidade do seu fazer, e sim o meio para continuar investigando uma melhor abordagem de ensino.

Tendo em vista as transformações sociais e as inovações tecnológicas ocorridas no campo da educação, em virtude da transformação do conhecimento científico em conteúdos escolares, faz-se necessário repensar não só a disciplina, mas também a prática de Educação Física, principalmente a ação docente do professor (FAGGION, 2011, p. 2).

Repensar na sua prática é um exercício que todo professor deveria realizar ao longo do ano, reavaliar sua conduta, refletir sobre o que fora ensinado, se está atingindo aos objetivos propostos, se os alunos estão interessados nas atividades ou o que poderá fazer para motivar ainda mais são estratégias que levam o professor aprimorar sua prática de ensino. Segundo Faggion, “a prática do professor não se caracteriza como uma prática repetitiva dos conteúdos, mas como uma prática reflexiva, crítica e participativa” (FAGGION, 2011, p. 3). O mesmo autor sugere que o professor participe mais da ação educativa integrando-se ao projeto coletivo da escola.

A educação acontece em vários espaços sociais, mas é na escola onde o processo de construção do conhecimento se dá de forma mais organizada. É dentro dela que o professor lida com as desigualdades e a individualidade de seus alunos com suas consequências como o preconceito, a baixa autoestima, a pobreza, a indisciplina, falta de afetividade, de respeito (CAMARA; ARONSON, 2008).

Diante disso, ao perguntar sobre o engajamento dos professores de Educação Física com outras atividades na escola, mais uma vez as professoras atribuíram como mediano a ruim, dessa maneira fica evidente que os professores de Educação Física não buscam interagir com seus colegas, não trocam experiências, como consequência, as mesmas não visualizam as coisas boas que podem estar acontecendo nas aulas de Educação Física.

4.1.2 Importância da Educação Física Escolar Sob a Ótica dos Professores

Os dados apresentados abaixo retratam a opinião das professoras de outras áreas do conhecimento (Grupo 1) quando questionadas da importância da Educação Física na escola. Nesta parte do instrumento aplicado (questões 06 a 11), estão colocadas sentenças afirmativas e as professoras classificaram as mesmas de acordo com a legenda: seguir a legenda: discordo totalmente da afirmação; discordo quase que totalmente da afirmação; não concordo e nem discordo da afirmação; concordo quase que totalmente com a afirmação; e concordo totalmente com a afirmação.

A categorização da análise é feita a partir da importância da disciplina de Educação Física para: formação integral e desenvolvimento social; construção de práticas sociais; tem objetivos a alcançar; tem fundamentação teórica/prática; desenvolve conceitos de cidadania e democracia; a interdisciplinaridade. Os dados estão representados no gráfico abaixo (Gráfico 2):

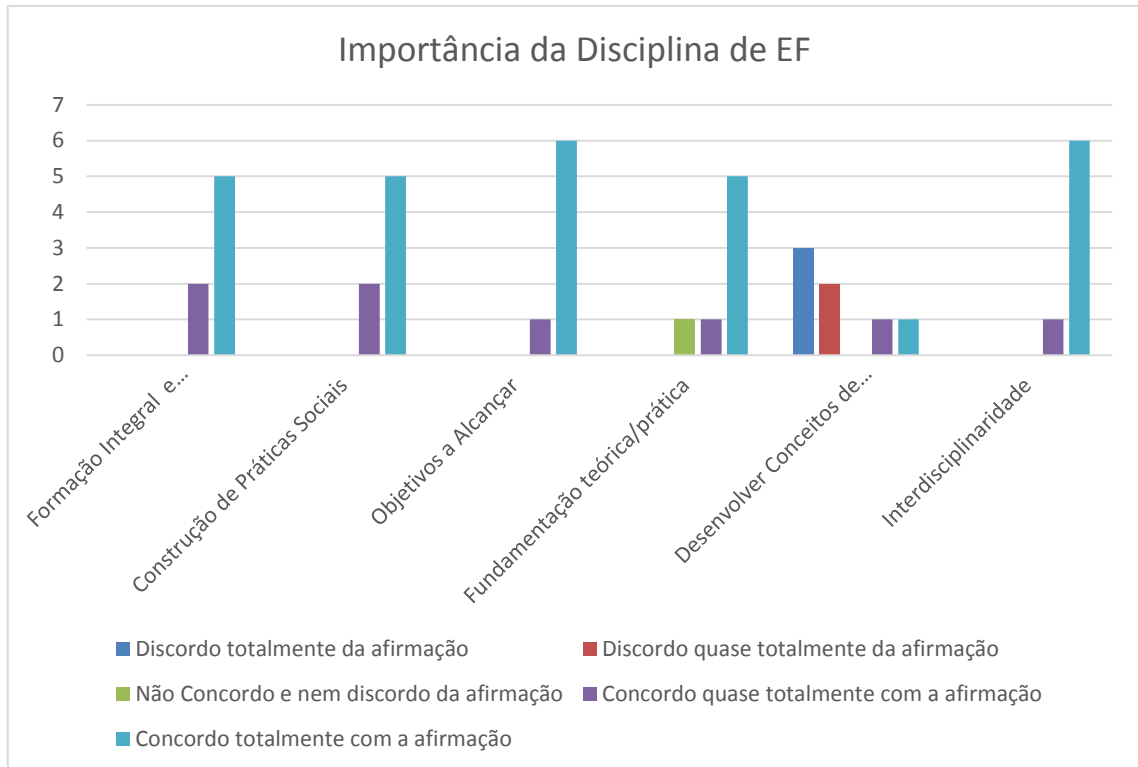


GRÁFICO 2

Ao observarmos o Gráfico acima, percebe-se pelas respostas que, mesmo não sendo da área específica as professoras entendem que a Educação Física tem papel importante na para a formação integral do aluno, mesmo avaliando o ensino desenvolvido na escola estudada como mediano a ruim, o grupo tem compreensão das competências da Educação Física para/com o processo educativo, e a sua possibilidade para/com a construção de práticas sociais. Os dados apresentados evidenciam a crença dos docentes na relevância da Educação Física para a educação do aluno, mas evidenciam que o ensino nesta escola não contempla as expectativas esperadas pelo o aluno nem pelo colegiado.

Diante da afirmação, “*a educação física é uma disciplina importante para a formação integral do aluno, pois ela possibilita também o seu desenvolvimento social*”, a maioria das professoras afirmam concordar totalmente com a afirmação e ou concordam quase que totalmente com a afirmação, isso nos dá uma impressão da visão que a disciplina tem para o grupo investigado, que reconhece a sua importância e relevância para formação do aluno, por mais que as respostas obtidas não sejam satisfatórias para o ensino de Educação Física nesta escola, o grupo reconhece o papel desta disciplina para a formação do aluno.

Betti (2009), confirma que a principal tarefa da Educação Física é introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transforma-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida. Conceitua ainda, a Educação Física na escola como uma disciplina que tem por finalidade propiciar aos alunos a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, visando formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana: jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, dança e atividades rítmicas/expressivas, lutas/artes marciais, práticas alternativas.

Dessa forma, a Educação Física tem possibilidade de desenvolver capacidades importantes além das físico-motoras, como por exemplo, a consciência coletiva e o conviver em grupo. Os jogos são exemplo claros de reprodução na quadra e o que está fora dela, no que se refere ao respeito e às formas de se relacionar (BERTINI JUNIOR; TASSONI, 2013).

Assim sendo, é evidente para esses autores o comprometimento que esta área tem com relação ao ensino e a produção do conhecimento, bem como sua importância para/com as formas de se relacionar com o outro, ou seja, o compromisso com o desenvolvimento social.

Ao avaliar a percepção das professoras a respeito da importância da Educação Física na construção de práticas sociais, utilizando a afirmação “*a educação física tem papel fundamental na construção de práticas sociais para a comunidade local*”, pode-se observar que a grande maioria diz concordar totalmente com a afirmação.

Dessa forma, fica evidente o papel da Educação Física como prática social, que se define por si só, quando busca por meio de suas modalidades, resgatar, preservar e respeitar, o meio ambiente, a natureza, os animais, a cultura do outro, considerando que cada sociedade tem suas regras, seus costumes, tradições, e é na prática que se consolida a troca de experiências e interação entre diferentes culturas (DAOLIO, 2004).

Para Daolio (2004), cultura é o principal conceito para a Educação Física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural. O profissional de Educação Física não atua sobre o corpo ou com o movimento em si, não trabalha com o esporte em si, não lida com a ginástica em si. Ele trata todo o ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humano, historicamente definido como jogo, esporte, dança, luta e ginástica. O autor afirma também que um dos grandes objetivos da Educação Física é a transmissão cultural.

Assim, compreende-se que a capacidade de construir práticas sociais por meio da Educação Física é muito grande, pois como já fora dito por Daolio (2004), a possibilidade de

trocas culturais é muito significativa, pois pelo uso do movimento podemos aflorar nossos sentimentos e emoções, usando-se de qualquer modalidade para manifestar-se culturalmente.

Diante da afirmação “*embora a educação física seja bastante prática tem objetivos pedagógicos a alcançar*”, fora quase que unanime as respostas que concordam totalmente com a afirmação, evidencia-se aqui, que na percepção deste grupo, a Educação Física tem conteúdos claros a ser desenvolvidos, o que fica implícito é o fato, que se a Educação Física tem objetivos a alcançar, tem também fundamentação teórica a se construir junto aos estudantes, a qual irá fomentar a prática para que assim sejam contemplados os objetivos.

A necessidade de compreender melhor as práticas que envolvem a Educação Física escolar, vai além das práticas esportivas. Fundamentada em outras ciências como a humanas e sociais, a colocam em destaque sua preocupação em posicionar o aluno de forma crítica e assim, tornando possível uma melhor compreensão deste com o mundo que o cerca, trabalhando assuntos de ordem social nas aulas de Educação Física e não somente as práticas de movimentos. Dessa forma, Bertini Junior (2012) destaca “[...] a necessidade de teorias que sustentem as práticas, a fim de combater a fragilidade em relação as demais áreas. Não se trata de professores instrutores de movimentos e de alunos repetidores dos mesmos” (p. 42-43).

Já Maldonado (2015), considera importante que os professores que buscam desenvolver o esporte dentro da escola, procurem debater com os alunos assuntos que envolvam, por exemplo, preconceito com a mulher, com as pessoas de pele negra, com os homossexuais, com pessoas de menor poder aquisitivo e com pessoas com necessidades especiais que praticam esportes. O autor ainda, deixa claro que as aulas de Educação Física não devem ser somente teóricas, e que os discentes precisam vivenciar todas as manifestações da cultura corporal de movimento, e que os docentes também precisam começar a se preocupar com outros temas contemporâneos que surgem ao redor destas manifestações.

No indicador anterior o estudo trouxe à reflexão a importância da fundamentação teórica para que a Educação Física alcance seus objetivos, ficando clara a percepção da sua importância, e quando indagados, na seguinte afirmação: “*embora a educação física seja bastante prática tem fundamentação teórica bem clara*”, a maior parte do grupo 1 respondeu concordar totalmente com a afirmação, e outra pequena parte se dividiu em; concordar quase que totalmente com a afirmação e não concordam e nem discordam com a afirmação.

O que pode ter levado a uma pequena parte a se posicionar de forma nula, já que nem concorda e nem discorda, pode ser pelo fato da Educação Física estar sempre buscando sua legitimação, e com isso, veio sendo marcada por estereótipos advindo de cada concepção

adotada por ela, e até hoje algumas delas ainda estão fortemente relacionadas a Educação Física na escola, como exemplo, o esporte ser o único conteúdo a ser desenvolvido na escola.

Já a grande maioria concorda que há uma fundamentação teórica clara, e isso pode estar relacionado ao entendimento popular que as pessoas tem sobre regras esportivas, por exemplo, onde grande parte das pessoas compreendem como correspondente da parte teórica do ensino de Educação Física escolar.

Maldonado (2015) defende a ideia de que nas aulas de Educação Física sejam desenvolvidos esportes ou atividades práticas, mas reforça a importância de trabalhar com outros temas contemporâneos que surgem ao redor das manifestações culturais, desenvolvendo assim, o pensamento crítico dos alunos que é o objetivo central das aulas de Educação Física dentro do contexto da escola pública e os professores precisam utilizar diferentes estratégias para alcançar essa meta com seus discentes. Ainda reforça que, possibilitar uma educação crítica dentro do ambiente escolar poderá melhorar as relações humanas em um futuro próximo, tornando nossa sociedade menos desigual e mais justa, além de munir os jovens com conhecimentos para luta pelas melhorias que nossa sociedade necessita.

Os dados levantados, através da afirmação: *“as possibilidades de desenvolver os conceitos de democracia e cidadania nas aulas de educação física são relativamente baixas, já que ela é uma aula estritamente prática”*, apresentam uma discrepância de opiniões, visto que anteriormente no indicador “tem fundamentação teórico/prática”, o grupo deixou claro que sua grande maioria acreditava que sim, com apenas uma pequena parcela que não concordava e nem discordava da afirmação, já aqui, percebe-se que as respostas foram mais variadas, mas mesmo assim, a grande maioria respondeu discordar totalmente da afirmação e discordar quase totalmente da afirmação, outro pequeno grupo se posicionou em concorda quase totalmente com afirmação e concorda totalmente com a afirmação. Isso mostra não haver consenso entre os entrevistados sobre a questão.

Podemos reafirmar aqui o observado no indicador anterior, que muito provavelmente esses professores acreditem que a fundamentação teórica da Educação Física seja exclusivamente no desenvolvimento de regras e técnicas esportivas, e não na sua base teórica ramificada na filosofia, sociologia, psicologia, ou seja, nas possibilidades de formação intelectual para os assuntos sociais. A Educação Física tem sim possibilidades de desenvolver os conceitos de democracia e cidadania, e é na prática que os alunos aprendem a tomar decisões e assim, tornando para si a responsabilidade de ser cidadão (BRASIL, 1998).

E aí voltamos a questão dos objetivos a serem alcançados, tudo ocorre de forma simultânea, nenhum conhecimento é único e exclusivo, a transmissão do conhecimento também

não, cada professor irá tomar para si uma estratégia que busque contemplar a um objetivo, seja ele criar os princípios de cidadania ou até mesmo de democracia, podendo ser desenvolvido tanto na prática quanto na teoria, desta maneira Bracht (2010), entende que:

Para tanto, já não basta a mera exercitação física ou a aprendizagem das destrezas esportivas: há que se ampliar o conteúdo da Educação Física de tal maneira que encampe os conhecimentos construídos pelas diferentes ciências sobre essas práticas. O conteúdo da Educação Física assume assim um duplo caráter: trata-se de um saber fazer e de um saber sobre esse fazer. Outro aspecto importante que deriva desse entendimento do objeto/contéudo da disciplina (Educação Física) é que o saber fazer e o saber sobre esse fazer devem ser tematizados de forma historicizada, para que fique claro para alunos que essas formas de movimento são construções socioculturais que abrigam significados datados (BRACHT, 2010, p. 03).

Nesta perspectiva, Maldonado (2015) defende a ideia do pensamento crítico dentro da escola, como forma de democracia e cidadania, esclarecendo que, entre as diferentes propostas pedagógicas para a Educação Física escolar, “nos identificamos com aquelas que defendem que sua finalidade é formar pessoas com pensamento crítico para agir com autonomia em relação às manifestações da cultura corporal do movimento, e com a consciência voltada para a formação e o exercício da cidadania” (MALDONADO, 2015, p. 216).

Darido et al (2001) colocam que segundo os PCNs (1998), eleger a cidadania como eixo norteador significa entender que a Educação Física na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de: - participar de atividades corporais adotando atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade; - conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações da cultura corporal; - reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de melhoria da saúde coletiva; - conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia; - reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer.

Dessa forma, é sim possível desenvolver os conceitos de democracia e cidadania nas aulas de Educação Física escolar, visto que através do pensamento crítico e das aulas prática é cabível sim tais desenvolvimentos.

Quando afirmado no questionário se “*a educação física pode ser desenvolvida de forma interdisciplinar na escola, sendo muito significativa para a troca de conhecimentos*”,

quase todos as professoras responderam concordam totalmente com a afirmação. Partindo da premissa que esses professores investigados tem o conhecimento do que vem a se interdisciplinaridade, é evidente que para o grupo os conhecimentos advindos da área da Educação Física podem sim ser agregados como outras áreas do conhecimento.

O significado de interdisciplinaridade para Paviani (2008) pode ser visto como uma teoria epistemológica ou como uma proposta metodológica. Também como uma aplicação de conhecimentos de uma disciplina em outra. Igualmente, como modalidade de colaboração entre professores e pesquisadores ou simplesmente como em sintoma de uma crise das disciplinas, do excesso e da fragmentação de conhecimentos, da especialização que perde a visão do todo.

A interdisciplinaridade teria o objetivo de medir as divisões e as fragmentações das disciplinas, e aproximar os saberes via transdisciplinaridade, entre ciências, a arte, a religião, a moral, e o senso comum. Ainda, pressupõe-se integração de conhecimentos e de pessoas, de unidades e de síntese de conhecimento ou de conteúdo, do uso ou da aplicação de teorias e métodos e da colaboração entre professores e pesquisadores (PAVIANI, 2008).

Por fim, Paviani (2008) elucida que a interdisciplinaridade pode ser realizada na escola, na universidade e no exercício profissional. Explica que no primeiro caso, requer um planejamento institucional e uma organização curricular adequada. No segundo caso, além do planejamento institucional e da organização curricular, exige uma atenção especial na elaboração das ementas dos programas de ensino e dos projetos de pesquisa. Finalmente, a interdisciplinaridade pode ser praticada na atuação profissional, especialmente quando se quer a busca e a sistematização de conhecimentos provenientes de diversas áreas do conhecimento para resolver problemas sociais.

4.1.3 A Educação Física na Escola

A análise final deste instrumento, refere-se as questões abertas, (questões 12, 13 e 14 do questionário), que buscam alcançar um melhor entendimento do grupo acerca das questões relacionadas a área da Educação Física na escola, e são representadas pelos indicadores, mudanças/permanências; ensino/permanências e interdisciplinaridade.

Quando o grupo foi questionado sobre as possíveis mudanças e permanências que ocorrem no ensino de Educação Física na escola, a partir da seguinte questão: “*em sua opinião, são necessárias mudanças para a disciplina de educação física no âmbito escolar?*”, todas as professoras se manifestaram em suas opiniões, crer que a disciplina de Educação Física na escola necessita sim de mudanças, que condizem em sua maioria em atitudes do professor, que

não dá a devida importância a essa área do ensino. Outras mudanças dizem respeito à: trabalhar aulas teóricas; desenvolver um processo de avaliação mais efetivo; aliar o uso da teoria com a prática de ensino; desenvolver outras atividades diferentes do tradicional (esportes como vôlei e futebol); a importância de ter um profissional com formação em Educação Física na condução das aulas; trabalhar de forma interdisciplinar; e também um maior engajamento em campeonatos escolares. Essas informações podem ser comparadas por meio de suas falas:

“Talvez a mudança esteja nos próprios professores em valorizar a si mesmos e à disciplina. A sua importância na valorização da Ed. Física é vital. Há que se mostrar o valor dela. O campo é vasto e rico. É interessante e de indiscutível importância na vida acadêmica e fora dela. Minha sugestão é fazer da E. F. uma aula em que o aluno realmente saiba o que e o porquê do que está fazendo”. (prof. 4)

“Sim. Diversas mudanças são necessárias e urgentes. Considero fundamental o próprio docente de Educação física dar a importância devida a sua disciplina. Também o aluno saber que a Educação faz parte do desenvolvimento do ser humano como um todo. O professor estar motivado e preparado para trabalhar com os alunos de todas as faixas etárias. No ensino fundamental ter professores formados em Educação Física”. (prof. 5)

“Sim. Além de salientar a sua importância, mostrar outras práticas físicas, além do futebol e voleibol” (prof. 1)

“Sim. Participação nos projetos da escola. Participação dos alunos em Jogos nas outras escolas. Participação da escola em campeonatos. Todos os alunos participar das atividades físicas”. (prof. 7)

“Sim, deveria estimular e exercitar mais para várias atividades desportivas, com aulas teóricas sobre as regras e com a participação efetiva dos alunos como equipe. A avaliação também não parece ser claramente efetiva, percebe-se aprovação em massa mesmo sem participarem das aulas”. (prof. 3)

“Melhorar a infraestrutura, os professores na área estarem engajados, tanto na teoria como na prática”. (prof. 2)

“Sim. Acredito que um maior envolvimento e engajamento com outras disciplinas pois assim trabalhamos a corporeidade e também o envolvimento emocional dos alunos, visto que percebo os alunos muito carentes no fator emocional”. (prof. 6)

Já com relação a permanência, o que já ocorre no ensino, mas que precisa ser melhorado, na visão destas professoras, somente a professora 3 coloca que deve haver mais estímulos para exercitar várias atividades esportivas, e a professora 2, coloca que melhorar a infraestrutura também vem a ajudar na melhoria do ensino para as aulas de Educação Física na escola.

Contudo, percebe-se na maioria das falas, que as professoras consideram muito importantes mudanças no ensino de Educação Física, principalmente, a postura assumida pelo

professor frente a esta disciplina dentro da escola e sua importância para a sociedade, e não somente isso, fica clara a necessidade de o professor repensar a forma que as aulas estão sendo trabalhadas dentro do espaço escolar.

Enquanto pesquisadora e profissional da área, acredito que as mudanças devem ocorrer de forma conjunta, já que não se faz única e exclusiva do professor de Educação Física demonstrar a importância desta disciplina para a formação do aluno. Como exemplo disso, quando a escola permite que outro profissional atue como professor de Educação Física, aí já ocorre a perda de valor do profissional; no momento que a escola “tapa buraco”, utilizando-se desta disciplina para cobrir a falta de um professor, aí está ocorrendo a desvalorização desta disciplina. Por isso, entendo que as mudanças devem ser repensadas, na medida que o professor de Educação Física, tome como atitude recobrar sua valorização, mas isso só será cabível se toda a comunidade, seja ela, o corpo docente, o corpo administrativo da escola, até a sociedade em geral, reconhecer esta como insubstituível e imprescindível para a formação integral do aluno e para a qualidade de vida do discente.

Para além de sua importância, foi aqui encontrado nas respostas dessas professoras que, o ensino também necessita de mudanças da quebra do tradicional com o novo, quando a professora 1, sugere outras práticas diferentes do voleibol e do futebol. A Educação Física é um campo vasto, com diversas atividades que competem a alcançar diversos objetivos, podendo ser utilizado de forma conjunta com outras disciplinas, como afirmado pela professora 6, que coloca que trabalhando com um maior envolvimento com outras disciplinas é possível envolver emocionalmente os alunos.

Trabalhar emoções e sentimentos também é desenvolver-se para o movimento, pois o movimento nada mais é que cultura e história. As danças, por exemplo, surgiram por meio das expressões corporais como forma de linguagem, a linguagem da emoção/expressão, por isso, a Educação Física é vista como movimento, como afirma Oliveira (2004),

A característica essencial da Educação Física é o movimento. É movimento. Não há Educação Física sem o movimento humano, e isto a distingue das demais disciplinas. Os seus elementos são a ginástica, o jogo, o esporte e a dança. A simples prática dessas atividades não caracteriza a existência de Educação Física. [...]. O que procuramos é a verdadeira natureza da Educação Física. A sua essência. Aquilo que realmente ela é. Enquanto processo individual, a Educação Física desenvolve potencialidades humanas. Enquanto fenômeno social, ajuda este homem a estabelecer relações com o grupo a que pertence (OLIVERIA, 2004, p.46).

O movimento pelo movimento, não é o que caracteriza a Educação Física, saber o porquê do movimento, como se faz, por que o fazemos é o que dá sentido para esta área do saber. Por isso, é importante que as aulas sejam embasadas em fundamentações teóricas, que apresentem conceitos, regras, finalidades, objetivos, entre outras, e não o jogo pelo jogo. Algumas professoras também demonstraram entender que a Educação Física é mais que prática é também teoria.

Quando as professoras foram questionadas sobre, “*qual o seu entendimento acerca do ensino e aprendizagem desenvolvidos na área da Educação Física escolar?*”, as respostas foram variadas, as professoras acreditam que ocorra pouco ensino/aprendizagem nas aulas de Educação Física na escola estudada, e que também as aulas são mais destinadas a práticas de esportes, quando deveriam na opinião de algumas, voltarem-se para atividades que desenvolvam o físico e o intelectual dos alunos. Isso posto, como retratado nas falas seguintes:

“Penso que a Educação física teria que ser trabalhada em todos os seus aspectos, teoria aliada a prática. Hoje o que vemos nas escolas é o professor dar uma bola para que os alunos joguem, ou fazer caminhadas ao redor da escola. Não sou contra jogos, mas quando se tem um objetivo. Na maioria das vezes o aluno não conhece nem as regras. O que tem-se visto é pouco ensino e pouco aprendizagem. Com raras exceções professores que realmente se preocupam com o ensino e aprendizagem mostram que quando leva a sério seu trabalho o aluno responde”. (prof.5)

“Ter mais rigor e disciplina nesse campo neste curricular”. (prof.2)

“Falta rigor e dinamismo”. (prof. 3)

“Percebo que ensinam mais a prática de esportes como vôlei e futebol, mas penso que poderiam desenvolver outras atividades as quais chamassem mais atenção dos alunos para o seu pleno desenvolvimento físico e intelectual”. (prof.6)

“Os educandos têm uma expectativa grande com relação a disciplina e muitas vezes não contemplados. Penso que na escola os profissionais deveriam desenvolver projetos de jogos, dança, cultura...”. (prof. 7)

“Acho que é uma disciplina que está em sintonia com todas as demais (da área e fora dela)”. (prof.4)

A partir das respostas desse grupo, encontramos na opinião da professora 5 que, o que tem se visto nesta escola é pouco ensino e pouca aprendizagem, Darido e Souza Júnior (2007), reforçam o que fora dito por essa professora, quando afirmam que, vivemos em um modelo no qual os alunos é que decidem o que vão fazer em aula, escolhendo o jogo e a forma como querem praticá-lo, e o papel do professor se restringe a oferecer uma bola e marcar o tempo. Praticamente o professor não intervém.

Novamente aqui, encontramos o que já foi dito como análise na questão anterior, referente a falta de motivação e de compreensão do professor de Educação Física de quão rica é essa área, ainda é reforçada também aqui a ideia de mudança do ensino, que se baseia segundo a professora 6 em esportes como vôlei e futebol.

É notório à partir da visão dessas professoras, que os únicos esportes desenvolvidos nesta escola são os tradicionais, sabe-se que são os esportes mais praticados no Brasil e os que tem maior influência da mídia sobre a população, mas a Educação Física tem a obrigação de mostrar outras manifestações culturais do nosso país, resgatar história, resgatar danças, lutas, por isso, o trabalho quando desenvolvido de forma interdisciplinar é muito enriquecedor, pois é feito a partir de um planejamento e união de ideias e conhecimentos, de forma que isso só irá beneficiar os alunos tanto na riqueza do ensino como também auxiliará na aprendizagem já que, trabalhando desta forma a busca pela significação do aprendizado se torna fundamental.

Quando questionadas: *“qual a relação da disciplina de Educação Física com a sua prática pedagógica e de que forma pode ser trabalhada interdisciplinarmente com a sua área de ensino?”*, todas as professoras demonstraram de alguma forma a possibilidade de desenvolver trabalhos interdisciplinarmente com a sua área de ensino, juntamente com a Educação Física. Como relataram:

“Na área das Ciências Humanas há uma ligação esplêndida. Como exemplos: jogos olímpicos, futebol, entre outros”. (prof. 2)

“Como professora de ciências trabalho efetivamente com relações bioquímicas do corpo humano e relaciono a prática (ou não) desportivas e como ex-atleta percebo a importância do esporte para perceber regras”. (prof. 3)

“Quando um professor de Língua estrangeira usa textos, por exemplo: alimentação, meio-ambiente, geografia, história até mesmo a dança é muito bem-vindos os conhecimentos de educ. física. Ao falar-se em alimentação: orientação alimentar por parte dos profs. de educ. física. Ao falar-se numa poesia: uma linguagem corporal. Ao falar-se em romance de época, clássico; uma dança. Ao falar-se em elementos de química, física...: como atuam na mente e no corpo”. (prof. 4)

“Ainda não podemos dizer que aconteça interdisciplinaridade com a área, embora na minha disciplina aborde muito esportes. Penso que pode-se fazer um trabalho muito bom com Educação física com projetos de esportes no mundo. Em época de Olimpíadas por exemplo. Tivemos algumas experiências em copa do mundo e surgiram trabalhos maravilhosos. Quando o professor de Educação física trabalha algum tipo de esporte, pode-se pesquisar países que tem Inglês como língua oficial. Aprender a linguagem do esporte em língua Inglesa. No mundo globalizado Língua Inglesa é universal e em qualquer meio de comunicação é importante conhecer o vocabulário esportivo”. (prof. 5)

“É direta, pois envolve os conhecimentos teóricos aos práticos. Agora estou realizando uma atividade com as turmas do 2º ano do magistério onde solicitei o planejamento do conteúdo:

Democracia e convivência social, envolvendo jogos e outras práticas. Nas quais os conceitos podem ser compreendidos de forma objetiva e lúdica”. (prof. 6)

“Os professores devem ter consciência de que na escola precisamos trabalhar interdisciplinarmente. A ideia de agir pedagogicamente a partir das especificidades do contexto e das particularidades do perfil dos estudantes, aliando as práticas educativas ao refletir sobre os valores e as questões da sociedade e a cidadania”. (prof. 7)

A análise desta questão é feita em cima do indicador interdisciplinaridade, onde na opinião destas professoras todas colocaram como importante desenvolver trabalhos em conjunto, mas uma delas, a professora 5, entende que esse tipo de trabalho não ocorre na área da Educação Física na escola, apesar de acreditar que a disciplina dela a Língua Inglesa aborda e muito assuntos relacionados à esporte. Apesar da maioria delas acreditarem na eficácia deste tipo de trabalho e de que algumas dizem realizar este tipo de trabalho, para mim não ficou claro de que forma elas fazem isso, como por exemplo, na fala da professora 3, **“Como professora de ciências trabalho efetivamente com relações bioquímicas do corpo humano e relaciono a prática (ou não) desportivas”**, só fazer a relação ao meu ver, não é trabalhar de forma interdisciplinar, acredito que este tipo de trabalho envolva o comprometimento de duas matérias e de seus respectivos professores e pesquisadores, para ai sim designar-se como trabalho interdisciplinar.

Com isso, a interdisciplinaridade nada mais é que a interação entre duas ou mais disciplinas, a união dos conhecimentos, dos métodos e aprendizagens. “Além do desenvolvimento de novos saberes, a interdisciplinaridade fia educação favorece novas formas de aproximação da realidade social e novas leituras das dimensões socioculturais das comunidades humanas” (FAZENDA, 2002, p. 14).

(..) interdisciplinaridade é o movimento (inter) entre as disciplinas, sem a qual a disciplinaridade se torna vazia; é um ato de reciprocidade e troca, integração e vôo; movimento que acontece entre o espaço e a matéria, a realidade e o sonho, o real e o ideal, a conquista e o fracasso, a verdade e o erro, na busca da totalidade que transcende a pessoa humana. Creio que a interdisciplinaridade leva o aluno a ser protagonista da própria história, personalizando-o e humanizando-o, numa relação de interdependência com a sociedade, dando-lhe, sobretudo, a capacidade crítica no confronto da cultura dominante e por que não dizer opressora, por meio de escolhas precisas e responsáveis para a sua libertação e para a transformação da realidade (YARED, 2008, p. 165).

Para tanto, com relação a resposta da professora 6, que vem afirmar estar desenvolvendo um trabalho interdisciplinar com a turma do magistério, com um assunto que desenvolve juntamente com a área da Educação Física, também não se tem claro se há a participação de outro professor específico da área ou se ela mesma se apropria de tal conhecimento e assim, o faz.

4.2 Resultados Obtidos a partir do Grupo Focal com Professores de Educação Física (Grupo 2)

A análise aqui apresentada, refere-se aos dados obtidos com os professores de Educação Física (Grupo 2). Para compor o grupo, foram convidados os professores de Educação Física da escola, no momento do convite além dos objetivos, riscos, benefícios e metodologia empregada, enfatizou-se a importância do seu engajamento para a realização do trabalho. O convite foi feito aos quatro professores de Educação Física atuantes na escola e destas três professoras aceitaram participar.

Assim, a pesquisa contou com a participação de três professoras, com idades entre 30 a 54 anos, em estado civil: 1 encontra-se casada, 1 separada e a outra solteira. Com relação a sua formação (graduação), ambas realizaram na Universidade de Passo Fundo (UPF), e o tempo de formação varia entre 9 a 23 anos, todas possuem pós-graduação na área. Com relação ao tempo de atuação na escola investigada, as professoras têm tempos que variam de 1 a 9 anos.

Após os esclarecimentos sobre o estudo, foi acordado juntamente com as professoras e a coordenação, um local, data e horário, para que pudessemos organizar o primeiro encontro destas professoras e a aplicação do Grupo Focal. A técnica Grupo Focal foi escolhida por proporcionar, através de roteiro pré-estabelecido (APÊNDICE E), uma conversa dinâmica, interação entre os participantes permitindo que os mesmos pudessem refletir sobre os aspectos que envolvem a área da Educação Física na escola, seu fazer pedagógico e a interação desta com outras áreas de ensino.

O encontro foi realizado na sala de coordenação da escola, após os esclarecimentos de como ocorreria o encontro do Grupo Focal, foi entregue as professoras o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE B) para que as mesmas assinassem. Na organização do espaço, as professoras se dispuseram em um semicírculo, entre elas se posicionou o Moderador (no caso aqui, a própria pesquisadora) que conduziu o grupo, seguindo um roteiro com perguntas que guiassem o grupo para a reflexão. Foi também solicitado ao grupo que o encontro fosse gravado em áudio, para posterior transcrição e análise das falas. O

encontro teve duração de aproximadamente 40 minutos e contou com o apoio de dois observadores, que fizeram anotações dos aspectos que não puderam ser captados em áudio.

Os dados obtidos por meio deste Grupo Focal realizado com os Professores de Educação Física (Grupo 2), serão aqui analisados atendendo a matriz de análise (APÊNDICE H), que corresponde aos objetivos específicos 1º que atende as questões do roteiro do Grupo Focal de 1 a 6 e objetivo específico 3º que abrange as questões 7, 8 e 9 do roteiro do Grupo Focal (APÊNDICE E).

4.2.1 Importância e Contribuição da Educação Física Escolar no Desenvolvimento Social

Nesta primeira análise se busca atender ao objetivo específico 1º **“Oportunizar momentos de refletividade aos professores de Educação Física da rede pública de ensino quanto à importância e a contribuição que a área de Educação Física escolar possui para o desenvolvimento social”**. Cada professora é identificada por uma numeração que corresponde na sequência professora 8, 9 e 10. Quando questionadas, “na percepção de vocês, como vocês definem o ensino da Educação Física nos dias atuais, por quê?” Esta questão tem como indicador de análise Ensino aprendizagem em Educação Física.

Percebe-se em todas as falas as dificuldades encontradas por elas em abordar atividades diferenciadas do esporte, devido resistência por parte dos alunos, em quererem praticar apenas o que gostam de fazer, e assim, elas mesmas confirmam que acabam cedendo aos desejos dos alunos, demonstrando assim, como essas professoras de Educação Física não estão tendo voz ativa, não estão no controle, e com isso, as aulas estão caindo no conformismo por parte destas professoras. Como encontrado nas falas:

Professora 8: [...]Quando você tenta trabalhar uma educação física um pouquinho diferenciada, você percebe, você sente essa resistência por parte dos alunos, mesmo que tenha todos os meios de comunicação passando isso pra eles né, diariamente, ou seja, eles ouvem mas não absorvem muito. Então de repente, o nosso trabalho é fazê/é ser continuado isso, a ativi/a educação física ela não é voltada só para o esporte. A educação física ela não é só voltada pra academia em si, visando só essa beleza, né que que exterior, mas também várias outras formas de você fazer um exercício físico que você tenha esses benefícios. Tem outras maneiras de fazer, tem outras maneiras de você, ah... praticá uma atividade física que você... física que você tenha esses resultados benéficos. Então éh... Mas ainda existe essa resistência, assim. A escola, ela é vista como esporte. Pra você trabalhar uma coisa diferenciada na escola, né, é muito difícil, tu tens essa resistência por parte dos alunos. Mesmo você colocando que o esporte, ele é importante, a gente não deixa de colocá que ele é importante, porque também tem o movimento por trás disso, e é tudo que é trabalhado, mas existem outras maneiras de se fazer educação física.

Professora 9: Eu vejo assim, que o ensino da educação física, ele ele nas escolas ele é direcionado ao esporte, até porque é um momento que... que os alunos têm, às vezes, de praticar um esporte. Fora disso, ah... eles moram em apartamento, né ou em casas com não muito espaço, então eles eles vão se soltar mais na educação física na escola e eles gostam daí de jogá, de jogá, né. Cada um dentro da modalidade que gosta né, mas eles querem jogá e a gente acaba direcionando mais ao jogo, ao esporte. Ah... tem a parte competitiva né que a maioria gosta. Então eu vejo que é realmente a parte de esporte trabalhado no ensino na educação física hoje.

Professora10: Éh, eu também, a gente percebe bem isso né, por parte dos alunos que as, que as gurias falaram. Ah... a percepção do esporte pra eles na escola é jogá bola, né. Tanto os meninos quanto as meninas. A gente tenta fazê atividades diferentes, trazê coisas, ah... exercícios, brincadeiras, jogos e poucos participam em função do que eles gostam que é mesmo de jogá bola. Então é a percepção que eles tem né. Não é só o que a gente gostaria né, que fosse trabalhado porque a gente sabe que é importante.

Ao analisarmos essas falas, encontramos consonância com o que foi obtido na análise do questionário respondido pelo Grupo 1, onde realmente o esporte e os jogos são as atividades mais desenvolvidas nas aulas de Educação Física nesta escola, e é também afirmado aqui, que essas professoras em suas reflexões tentam mudar a forma de ensino nesta escola, mas não encontram sucesso.

A professora 8, expõe que a Educação Física na escola é vista como esporte, e a professora 9 concorda que o ensino é direcionado para o esporte e complementa que as vezes é esse o momento que o aluno dispõe para prática esportiva. Concluindo que para ela é nas aulas de Educação Física que eles vão se soltar e se direcionar ao esporte que gostam de jogar. Para a professora 10, o esporte para os alunos se resume ao jogar bola, e quando tenta realizar atividades diferentes, poucos alunos participam.

Ainda ao final desta pergunta a professora 9, pediu se poderia fazer uma intervenção, querendo complementar que:

Professora 9: Então assim oh, eu... eu, claro com certeza, já vem de uma cultura né, que é o esporte. Nós temos uma grande maioria que gosta, porém, nós temos daí um certo grau de exclusão, não deixa de ser. Porque o aluno que tem essa dificuldade, principalmente quem trabalha já com ensino médio, nós/a gente vem de uma cultura de alunos que faziam atividade física, a gente tem de ser bem sincero né, quando queriam. Ou seja, talvez faltou a base pra ser trabalhado a importância também do esporte, não só como assim oh, tendo resultado, mas o fato de você fazer um movimento direcionado com o vôlei porque você trabalhando um toque no voleibol um exemplo, você tá trabalhando lateralidade. Então você trabalha músculo, você trabalha coordenação melhora né, várias coisas em você, só que, como não foi trabalhado na base, eh... as meninas acho que concordam comigo, a gente tem muita

dificuldade em trabalhá isso na escola no ensino médio. [...] Então o que acontece, é bem complicado. Como trabalhar algo diferente? Eh... Você tem uma turma que meia dúzia estão jogando, estão ah... fazendo uma modalidade esportiva, um voleibol e você tem um outro grupo que tá ali e não qué/e não qué trabalhá. Então você começa assim, atende um grupinho aqui, sai com um grupinho caminhá, faz uma atividade e isso, não vejo como... oh... eu vejo ta/o/que a turma toda teria que tá fazendo um trabalho conjunto. Você trabalhando com toda turma e vai você não tem isso. Às vezes eu consigo pegá o ensino médio, colocá um colchonete a gente fazê atividade de alongamento, né. Passá assim, um período fazendo alongamento, um pouquinho de flexão... Mas é bem complicado pra você conseguí levá todos pra isso. Você tem que trabalhá, tem que falá muito, você tem que argumentá muito e você argumenta, e você leva, e eles vão de má vontade. Você consegue, mas é de má vontade. Eu digo assim, bom essa aula vai ser a minha semana eu, mas é só um período deixa nos jogá, as outras, por favor, eu quero caminhá, e as outras, por favor, me da outra atividade, por favor, me dá flexão, eu digo gente eu ou uma só, né. Então é bem complicado, mas eu acho que a gente vai conseguindo com o tempo, porque antigamente era muito baseado no... no movimento, movimento de corrê né, de fazê flexão, toda essa parte. Mas agora eu acho que tem a necessidade de dar uma retomada diferente. Por mais que eles gostem do esporte não é só esporte porque você acaba excluindo um grupo, infelizmente.

Seguindo então a colocação feita pela professora 9, podemos entender o que está ocorrendo nas suas aulas de Educação Física, por exemplo, no momento em que ela tem que argumentar a importância de se praticar determinada atividade, fica evidente que o professor de Educação Física na escola não possui autonomia, e como também, por parte dos alunos não está ocorrendo engajamento deles nas aulas, e pior de tudo é que com isso, pode ser que não esteja ocorrendo a transmissão de conhecimento, os alunos estão a mercê do jogo pelo jogo. Além disso, a própria professora também argumenta que não são todos os alunos que gostam de praticar atividades esportivas, o que ocasiona é uma divisão dos alunos, onde alguns jogam, outros fazem caminhadas, outros realizam outras atividades, e ela (professora) fica entre atender um grupo e outro.

Por fim, foi identificado que para esse grupo de professoras, o ensino nesta escola precisa ser repensado, mudanças necessitam ocorrer, sendo o maior problema aqui identificado por elas é a falta de participação dos alunos em aulas diferenciadas, e a resistência dos alunos em aprender o novo, o diferente, é querer estar sempre no comando e decidindo o que fazer, praticando o que gosta.

Na segunda questão, “na opinião de vocês quais objetivos tem a Educação Física Escolar?”, a análise foi feita por meio do indicador - objetivos da Educação Física escolar. Encontramos na opinião dessas professoras que, o objetivo principal da Educação Física é a conscientização dos alunos para a importância da prática de atividade física para o corpo, como tido nas falas delas.

*Professora 8: **Primeiro a conscientização né, para o aluno da importância de se praticar uma atividade física, de... ser muito aproveitado aquele momento, nós tivemos mui, nós tivemos períodos reduzidos uma época da educação física, era três a quatro por semana, depois reduziram para um agora tá voltando, tem turmas que tem novamente três períodos que seria o mais indicado, né. Então nós, ah... isso aí e conscientizá eles da importância cada dia mais das necessidades que o nosso organismo tem pela prática da atividade física e também ah... exigir assim, exigir eu não diria, mas uma conscientização de toda a escola da necessidade, não que... digamos, a nossa escola tem essa noção, a gente tem o material né, que necessitamos para a prática da educação física. Mas tem escolas que não tem, já trabalhei em escolas que não tinha um material pra trabalhá, não tinha um colchonete pra você trabalhá, daí então você fica assim... Inviável né, é bem complicado. Então assim, sala, uma sala apropriada, com espelho pra você trabalhá para que eles vejam a importância desse movimento corporal. O/quando tu tá alongando quê que tu, né. Que movimento ele tá fazendo, uma flexão, a gente não tem esses recursos. Acho que é muita conscientização.***

*Professora 9: **É, depende também a o o nível que você tá trabalhando se é, são series iniciais, ensino fundamental, se é ensino médio né. Cada um tem os seus objetivos. [...] incentivá pra que eles pratiquem fora também da escola, não só naquele momento da educação física. A gente tem muitos alunos que falam ah, eu vou na academia, outros andam de bicicleta, outros fazem caminhada, mas tem alguns que não fazem nada além. É só naquele momento de aula ali, né. Então o objetivo é de acordo com a faixa etária que você tá trabalhando.***

*Professora 10: **Eu acho que é isso né, o nosso grande objetivo com esses alunos na escola e eles se conscientizarem, saberem da importância né, que tudo o que a gente propõe pra eles não é só porque precisa né.***

Os objetivos que a Educação Física escolar busca atender na visão destas professoras gira em torno da conscientização dos alunos para a prática de exercícios, da conscientização da escola na medida que deve proporcionar materiais adequados para as práticas, como dito pela professora 8, a importância do espelho para que o aluno se veja realizando o movimento. Já na fala da professora 9, a mesma expressa que cada nível tem de atender a um objetivo para que ocorra o desenvolvimento de habilidades, coordenação motora, lateralidade, etc. como deve ocorrer também o incentivo pela prática de atividades físicas fora da escola. Por fim, a professora 10 termina por concluir que o grande objetivo é a conscientização dos alunos para a importância dos conteúdos.

Os objetivos da Educação Física conforme os PCNs (1998), são vastos, desde a participação de atividades de natureza relacional, até a busca de uma melhor qualidade de vida. Objetivando também, adotar atitudes de respeito mútuo, valorização das diferentes manifestações culturais, aprofundar-se nos conhecimentos dos limites e das possibilidades do próprio corpo, praticar atividades corporais e analisar os padrões de beleza e saúde presentes em nosso cotidiano, são alguns dos objetivos da Educação Física para o ensino escolar.

Ainda nos PCNs (1998), encontra-se uma ressalva com relação aos objetivos, afirmando que é fundamental que se faça uma clara distinção entre os objetivos da Educação Física e os objetivos do esporte, da dança, da ginástica e das lutas profissionais. Assim, fica claro que esses conhecimentos devem ser tratados na escola como forma educativa e não como preparação para atletas.

Já quando indagadas sobre “em sua prática docente, qual a percepção que tem da apropriação de conhecimentos e saberes que a Educação Física escolar desenvolve?”. Esta questão tem como indicador de análise – conhecimentos e saberes que a Educação Física desenvolve.

As professoras apresentaram argumentações semelhantes com relação aos conhecimentos gerados nas aulas e os saberes desenvolvidos, no sentido que é de suma importância o professor ter apropriação de conhecimentos, tanto práticos como teóricos (encontrado na fala da professora 8), outra colocação feita, agora pela professora 9, é com relação a diferença da prática de Educação Física na escola, da prática de atividade física na academia, por exemplo, da dificuldade do aluno de entender essa diferença, e que isso faz com que o aluno queira compreender melhor como funciona o corpo humano, principalmente, quando o assunto é referido para o treinamento de força, atividade na opinião da professora 9, que deve ser trabalhado na academia. Como descrito nas falas.

*Professora 8: Ah, está parte é de suma importante né, principalmente pra nós docentes né, a gente tem que tê esse conhecimento, **tem que sabê o que tu vai passá né, não só na parte prática, mas também como tu trabalha numa parte teórica né.** Tem que tê o conhecimento pra podê passar pros alunos, né. Porque eles tão sempre, todo hora vindo perguntá também, né. Prô eu quero trabalhá esse músculo, que exercício que eu faço, ah... o que que é melhor pra mim, uma corrida, uma caminhada. Então pra nós como docente isso é muito importante sabê né, conhecê sobre o assunto pra tá passando pra eles.*

*Professora 9: Ihh... Muitas vezes, eles assim oh... **Eles tem essa dificuldade em ver que a educação física, educação física escolar é um tipo de trabalho, tá e a academia é outro.** Então eles/muitas vezes eles cobram assim: porque que a escola não tem material, né, pra trabalhar essa parte ah... mais assim, de, de... muscular, de resis/não diria de resistência, de de força, o que que eu poderia fazê. Então assim oh... trabalha a diferença. **A escola é mais movimento, você pode até trabalhá ai um pouco de flexão ou uma coisa com peso, mas, é pouco né.** Mais assim é pra eles ter essa noção do... do músculo, de ver ah... De sentí, ah... de se conhecê né. **Na verdade, que músculo foi trabalhado, que músculo você alongou, isso a gente passa muito pra eles, pra eles entendê a importância.** Mas muitas vezes eles confundem, eles não conseguem distinguí muito a diferença porque a escola não não trabalha isso? A gente tem que colocá, fazê eles entenderem. **Ai vem o teu conhecimento, a escola trabalha com educação física escolar que é isso, isso, isso né, ih... a... a academia é mais performance.** Então não não... são... é diferente. I... i a gente procura assim oh... tê esse entendimento, ah... cada vez mais mostrando pra eles do benefício em si. **Você tem “ene” benefícios quando você faz um***

movimento, mas isso não só aqui na escola, leva isso pra vida de vocês. Você tem que ter uma educação física prazerosa, que ela te faça bem. Eu já ouvi aluno dizê: Mas prô eu não gosto de fazê, eu não gosto, tenho pavor de caminhá, eu gosto de ficá lá no meu sofá na minha folga. A gente coloca oh, a importância de você fazê isso, porque isso, não sei o quê... E muitas vezes você consegue resgatá isso no aluno. Aluno que até na fase antes da adolescência, ele tinha uma ati/uma vida assim mais ah... ah... de praticá atividade física e depois ele para porque a criança na verdade ela gosta, a criança ama movimento. Essa fase, muita dificuldade nessa fase da da, fase da pré-adolescência, entrada para a adolescência. Eu trabalhei já com ensino fundamental, pega assim, sétima, oitava séries né... Sete, sétimo ano, nono são os mais complicados, são os mais... É uma fase em que eles tem mais rejeição. Os que gostam, gostam os que não gostam... ali que dá essa parada, então ali que há necessidade de você, né trazê essa conscientização pra eles e pra vida deles. Então a gente tem que tê um conhecimento em relação a isso pra você argumentá pra eles, porque você tem que argumentá, né. E dizê o porquê e trazê reportagens pra que eles estejam assim por dentro né, de tudo.

As reflexões encontradas nestas falas ainda dizem respeito a conscientização dos alunos para a prática de atividade física dentro da escola. Mas em contrapartida é entendido na fala da professora 9 que os alunos buscam o conhecimento, mas o conhecimento por atividades que são trabalhadas fora do currículo escolar (aqueles trabalhados em academias de ginástica). Talvez essa seja a mudança necessária para trazer o aluno de volta para a prática de atividade física dentro do ambiente escolar, mas mais do argumentar, o professor deve buscar aproximar essas áreas da Educação Física adaptando-a para a escola. Trazer reportagens, posts e documentários, também fazem parte das competências de um professor de Educação Física.

Desta forma, Darido (2004), elucida que são preocupações comuns na vida de todo jovem, a aparência, a sexualidade e reprodução, hábitos de alimentação, limites, capacidade física, papel do esporte, repouso, atividade e lazer, padrões de beleza e saúde corporal e outros temas. Caberá ao professor de Educação Física reconhecer e estar atento a esses temas e tratá-los pedagogicamente em suas aulas, de tal modo que a aprendizagem se torne mais significativa para os seus alunos. Por exemplo, em anos de Olimpíadas e de Copas do Mundo de Futebol os alunos são submetidos a um bombardeio de informações sobre os jogos e os seus resultados. O professor poderia aproveitar estes ricos momentos e aprofundar o conhecimento dos alunos nos temas relacionados ao fenômeno esportivo. Outra alternativa para tornar o ensino mais significativo é possibilitar aos alunos, conhecerem o corpo humano e quais as consequências que isso exerce em decisões pessoais da maior importância tais como fazer dieta, utilizar anabolizantes e praticar exercícios físicos. Em outras palavras: a atividade deve adequar-se ao aluno e não o aluno à atividade. O professor que se mantiver rígido em atividades que não desperte qualquer interesse dos alunos termina por afastá-los da disciplina e auxiliando a formação dos não praticantes de atividade física.

Já Silva e Coffani (2013), percebem que o professor de Educação Física no ensino médio, precisa se configurar como mediador do processo de aprendizagem, ocasionando o debate dos discursos do/sobre o corpo, propagados nos meios de comunicação que têm provocado à homogeneização do modo de ser, viver e sentir, a partir do estabelecimento de padrões corporais.

Na questão sobre, “qual a relação desta apropriação de conhecimentos e objetivos da Educação Física Escolar com a possibilidade de desenvolvimento da cidadania?” Tem como indicador de análise – desenvolvimento da cidadania. As professoras colocaram que o respeito na opinião delas é a chave para o desenvolvimento do cidadão, o saber ganhar e perder também faz parte dessa formação cidadã. A professora 8 trouxe muito a abordagem do bullying, percebe que atualmente não ocorre tanto o bullying no ensino fundamental e acredita que os alunos estão tomando consciência e isso é uma conquista do professor no entendimento desta professora, ressalta a importância de desenvolver nos pequenos, na educação infantil, esses conceitos, porque ali que se forma o cidadão. Segundo Camara e Aronson (2008), “os estímulos que a criança recebe nos primeiros anos de vida definem seu sucesso escolar e contribuem para o desenvolvimento” (p. 1820).

Professora 8: Bem assim, eu vejo a educação física como uma interação. A importância de... de respeitá os limites de cada um, as diferenças de cada um. Ah... Nas atividades de competição você percebe muito isso. Então é fazê com que o aluno se conscientize de que se ele tem um potencial dentro de uma determinada ativi/dum determinado esporte, por exemplo, daí você pega o esporte, ou uma agilidade, alguma coisa, o outro colega já não tem muito daquilo, e de repente você tem que respeitá as diferenças. Nem todo o mundo é igual. Ai que você trabalha as diferenças, e o respeito em si pelo outro, as condições do outro. Ai ocorre muito o bullying né, em relação a... a essa dificuldade em si, dessa diferença de um e outro dentro du du duma prática esportiva ou até de uma brincadeira que você faça de competição. [...] Então eu vejo dessa maneira que você tem que trabalhá, e tem que trabalhá desde os pequenos porque é ali na educação infantil que vai se formando. Que depois você vai trazê um adolescente sem né, sendo solidário, o colega que tem dificuldade trás, o colega que não consegue executá tal movimento, mas eu vou... eu também vou auxiliá o meu colega. Se não depois acontece isso, um grupo não gosta porque tem um certo trauma, mas isso porque sofreu bullying, a maioria das vezes foi bullying porque não foi trabalhado isso nele na infância.

Professora 9: É, e através assim dá, dá... nas atividades da educação física a gente tá sempre trabalhando pra que ele se forme um bom cidadão, o respeito, respeitá o adversário, respeitá o colega, que nem a professora 8 falou, tem alguns que são melhor em sala de aula, nas outras disciplinas e não são tão bons nos esportes, nas atividades físicas e daí aqueles que são ótimos com nós nas aulas de educação física não são tão estudiosos nas outras disciplinas, né. Então isso eles tem que sabê respeitá, nem todos são bons em tudo né, sempre uns são melhores em alguma coisa/a gente sempre é melhor em alguma coisa do que isso, né.

Professora 9: Ih... eu falo muito também ah... pros menores, ah... Respeitar o corpo né, que eles não podem se agredir, se, se o colega errou ir lá e dá um chute no outro, que ninguém pode tá agredindo fisicamente o colega, né. Eles tem que se respeitá e isso tudo é... leva pra cidadania né. Que tem que sabê ganhá, tem que sabê perdê. Então acho que em tudo a gente tá trabalhando isso né, com os alunos sempre.

Professora 8: E eu vejo assim oh, a educação física é a disciplina que mais trabalha essa parte por quê? Porque dentro da sala de aula o professor fala em respeito, respeitar as diferenças. Mas na educação física e onde eles mais se expõem, ele se expõe ao movimento. Ali ele mostra as dificuldades que ele tem ãh... Daí vem aquela historia do mais gordinho às vezes e rejeitado porque os outros começam a apelidá, ele não tem aquela facilidade em executá o movimento que nem o outro. Às vezes tem, mas muitas vezes não tem. Então a educação física tem um papel fundamental em relação a isso. Que lá, ele vai ter esse contato muito direto com o colega e vai ser com todos. O baixinho, o altinho, o magro, o gordinho, né. Então, ali sim que vai sê trabalhado bastante isso e a nossa responsabilidade é muito grande, muitas vezes você para a aula com os pequenos como já aconteceu, oh... Qual é o problema, porque que você tá... Então a gente/porque você tá fazendo isso, porque tá acontecendo isso, o que que houve. A gente faz ele se conscientizarem que isso é errado, que isso não, que isso trás malefícios para o colega e pra ele também, né, rejeitado o colega perante os outros. Acho que ai a gente tem um bom retorno, e eu digo benéfico em relação a isso, porque esse contato faz com que exija mais você se posicioná e fazê eles terem essa percepção do respeito, as diferenças. A educação física pra mim e a disciplina que mais trabalha isso e a que mais você tem retorno, até porque, como eles gostam de praticá, que na verdade a maioria gosta, muitas crianças né, eles gostam. Você tem um retorno muito importante em relação a isso. Por isso que digo, você tem que trabalhá a base sempre, e a base que você tem que trabalhá... Nessa formação né, do individuo.

As professoras demonstraram-se um pouco inseguras, na minha opinião, com relação ao assunto “cidadania”, contudo, ambas apresentam em suas falas a preocupação em desenvolver o respeito pelo outro, que é uma das propostas de ensino para formar um cidadão, mais do que isso na minha concepção, formar um cidadão é saber orienta-lo para vida em sociedade, desenvolver o aluno para a cidadania é mostrar a ele, que como cidadão ele possui direitos e deveres, como direito ele tem que saber que é obrigação do Estado dar acesso a todos a educação (como professores competentes, espaços apropriados para a prática de Educação Física, material em bom uso, etc.) e como deveres, tem que ser esclarecido que devemos respeitar o que é do outro, respeitando as diferenças, as diversidades, etc.

A Educação Física deve contribuir nos aspectos afetivos, sociais e éticos, utilizando-se da prática corporal, dando oportunidade para o desenvolvimento das potencialidades de uma forma não seletiva dos alunos, aprimorando-os e adotando uma posição de cidadão crítico e autônomo diante da sociedade em que ele está inserido (CAMARA; ARONSON, 2008, p. 11824).

Na quinta questão que se refere, “de que forma cada um de vocês percebe a importância da Educação Física no ensino escolar?” Tem-se aqui como indicador de análise – importância/contribuições da Educação Física. De forma geral para esse grupo, a importância da Educação Física se dá pela tomada de bons hábitos, do bem que ela proporciona a saúde, como se percebe nas falas:

*Professora 10: A educação física assim oh, é o que tem de mais importante, né. É de suma importância na... no ensino, na escola. Ah... **Justamente para eles terem essa percepção né, que a gente falou antes, que precisa, que vai fazê bem a saúde, que eles não podem ficar só nessa ah é... Educação física eu vou jogá, daqui um pouco eu vou jogá bola. E tentá fazê com que eles também façam outras atividades né. Aos poucos tentando conscientizá eles de que isso é importante. Então é de suma importância, a gente tenta trazê, tenta eh... mostrá, né pra eles através de vários varias formas né, trazendo ah... matérias ah... reportagens, textos né, fazendo eles pesquisarem, ãh... Esses tempos até fiz com eles construir cartazes e eles acharam até legal sabe, com tema atividade física e... ah, saúde né. E então eles tinham que fazer uma frase e... e um desenho né, sobre a importância da atividade física para a saúde. Foi muito legal, muito interessante, eles fizeram uns trabalhos bem bacana assim sabe. Não esperava que eles faziam tanto, foi bem legal. Então, é conscientizá eles da importância. É de suma importância a gente tentá fazê com que eles entendam isso.***

*Professora 9: **Eu acho tanto pros pequenos quanto pros maiores é um momento que eles vão lá descarregá aquela energia, que eles precisam né, porque se eles ficassem às quatro horas sempre, todo dia sentados em sala de aula ãh... Eles começam, por isso que eles começam até a incomodá. Eu acho que tem que ter um momento... é é muito importante, porque é o momento que eles vão gastá energia, vão botá pra fora assim, liberá energia e fazê se movimentá que eles precisam. Todas as pessoas precisam. A gente quando não tá bem sai dá uma caminhada e volta melhor. Eles também né, eles têm que tê o momento da educação física. Seja pra jogá, seja pra fazê exercício, né, de alongamento, enfim, o que for. Seja livre pra brincá, como tem os menor, que querem, às vezes, um momento livre, mas eles têm que botá pra fora essa...***

Na visão destas professoras a importância da Educação Física gira em torno de proporcionar aos alunos a percepção que a atividade física vai trazer para saúde. Trabalhar atividades diferentes, desenvolver a pesquisa com os alunos buscando reportagens por exemplo, é uma forma na opinião da professora 10, para que a prática de atividade física vire um hábito. Na concepção da professora 9, a importância se dá principalmente em torno da necessidade das crianças menores em ter um momento para extravasar, que as atividades que envolvem a área da Educação Física, são por muitas vezes prazerosas e relaxantes como dito pela professora 9, “a gente quando não tá bem sai dá uma caminhada e volta melhor”. No entendimento desse grupo, a importância da Educação Física para a vida dos alunos ou das pessoas é promover o bem-estar, melhorar a qualidade de vida, é relaxar a cabeça, é poder gastar as energias contidas

durante o dia, seja pela criança que não tem espaço físico para brincar, ou seja pelo adolescente que precisa sair relaxar.

Na última questão desta parte da análise tem como pergunta, “a Educação Física Escolar pode contribuir de forma interdisciplinar para a formação integral dos alunos? Como?” Esta possui indicador de análise – interdisciplinaridade/relação com outras disciplinas.

Professora 9: Sim, por exemplo, a professora de inglês quer fazê um trabalho interdisciplinar agora comigo que nós temos as mesmas turmas, ela vai trabalhá uma musica em inglês e pediu pra que eu fizesse com os alunos uma coreografia. Então é uma forma de trabalhar interdisciplinar.

Professora 10: É, e é interessante né também, tu ter esse contato com as outras áreas, né. Poder englobar várias coisas trabalhando já outras disciplinas também né, da educação física.

Professora 8: É, e você faz parte da área das ciências né. Ah... que saúde, corpo... Eu sou... eu sou corporeidade né, na verdade. Eh... visto como um todo e que uma parte interfere na outra. Eu eu brinco muito com as meninas do magistério, quando nós falamos das atividades pras crianças né, eu coloco pra elas assim oh: Que... quando você vai trabalhá com crianças de periferia que você percebe, tem essa percepção da diferença. A criança que ela é retraída, eu não vou dizê que é em todos os casos, mas a grande parte, que ela é retraída, que ela tem problemas emocionais, reflete na exposição dela lá fora no movimento, reflete muito. Eh... Então vem, ela é inibida, ela é insegura, e tudo isso reflete. Aí teu papel é muito importante. Você trazê essa criança para o movimento, ah... Fazê com que ela se sinta importante nesse meio, que ela é importante tanto quanto os outros e que ela é capaz. Então você tem que passá essa segurança pra ela da importância dela se sentir capaz, iiiiii... Então, o que que acontece, aí você coloca assim, eu digo pras meninas, não é porque ãh... ela, ela tá com a cabeça/o pensamen/ela tá aqui né, o corpo dela taquí, mas o pensamento dela tá longe, então, como ela tem problema, com ela tem, aconteceu de repente alguma coisa em casa, como varias famílias acontece, ela acaba trazendo isso pra escola, não tem como não trazê. Eu digo: ela não tá com a cabeça aqui, o corpo ali, as pernas lá, é um só, né. E nós também, quando não estamos bem a gente percebe. A gente sente, a gente sente, por mais que a gente tente disfarçá e... A gente tem maturidade ainda pra ser diferente, que eles não tem né. Então aí a importancia de você fazer com que essa criança se sinta importante, que ela participe, que na escola, no momento da educação física, ela se solte, que ela goste, que seja muito prazeroso pra ela. Então esse momento livre pra ela fazer as atividades que ela gosta também é importante, não só tudo, tudo direcionado, você faz uma aula direcionada. Mas ela gosta de pulá corda, vai pulá corda, gosta de brincá de roda, vai brincá de roda né. [...] A gente começa tê essa visão, a gente começa fazê isso, porque é uma maneira dele se sentir importante no grupo. Então é assim oh, conscientiza ele da importância do do do movimento dele, que é saudável, que ele precisa fazê, que vai melhorá na escrita, que vai melhorá, né. E que... faz bem pra ele fazê essa atividade física, resistência pela importante, dentro dessa parte das ciências. Então o professor trabalha ciências em de sala de aula e você trabalha isso aí também, lá fora com eles. É interdisciplinaridade, não tem como não ser né.

Todas as professoras se manifestaram positivas quando abordadas sobre o assunto interdisciplinaridade, a professora 10 expressa que é interessante este tipo de trabalho porque se tem dessa forma, um contato com as outras áreas de ensino. Na opinião da professora 9, essa aborda como exemplo a própria vivência com relação ao desenvolvimento de trabalho interdisciplinar na escola, a mesma vem trabalhando em conjunto com a professora de Língua Estrangeira a dança.

Já a professora 8 faz um comparativo um tanto confuso em sua fala, na visão desta professora o trabalho interdisciplinar entre as áreas da Educação Física e de Ciências se complementam por que apresentam temas semelhantes, a mesma expressa que as duas áreas de ensino têm como temas a serem desenvolvidos por exemplo, saúde e corpo.

Acredito que esse tema é muito amplo, porém os professores têm que ter por base que desenvolver trabalhos interdisciplinares na escola, não há de se ter necessariamente a semelhanças de conteúdos e sim que ambas encontrem uma forma de se complementarem.

4.2.2 Fragilidades e Possibilidades em Educação Física

Nesta segunda parte da análise, as questões estão relacionadas ao objetivo 3º **“Identificar situações de fragilidades e possibilidades que a docência em Educação Física enfrenta”**, representadas no roteiro do Grupo Focal pelas questões 7, 8 e 9. Desta forma, tem-se como categoria de análise à docência em Educação Física e como indicadores as possibilidades, fragilidades e carências da Educação Física.

A partir do questionamento “atualmente quais são as dificuldades e carências que vocês encontram frente ao ensino de Educação Física na escola (sua prática pedagógica)?”. As professoras levantaram coletivamente várias dificuldades e carências em suas falas, como evidenciada na fala da professora 8, que na visão dela, a maior carência que se tem com relação ao ensino é a falta de formação continuada, que a troca de conhecimentos deveria ser constante e não só a troca de conhecimento entre colegas, mas entre escolas, entende-se que a professora acha importante conhecer os trabalhos realizados por outros docentes, até para que se possa buscar mudanças.

Professora 8: Eu vejo a necessidade de a gente ter mais cursos assim oh... Direcionados. Nós temos cursos de formação, mas não é direcionado a nossa área. Não é. Eu vejo que nós precisamos disso. Fazê ah... Fazê essa troca de de de conhecimento de de de praticas com outras escolas. O que que tá acontecendo na minha escola né, município tal, ah... Dentro da coordenadoria lá, o que que você consegue fazê de diferente na tua escola, o que tá

acontecendo? Claro que não muda muito, porque o foco da educação física, ele tem o seu foco, ele tem o seu direcionamento. Mas assim, quais as dificuldades? Fazê essa troca de conhecimento e assim oh: O que que a gente pode fazê pra melhorá? Eu acho que isso é muito importante. [...] Então eu vejo essa importância porque assim, pra/prá gente se sentí motivado, pra gente vê o que que poderia mudá no trabalho, porque as vezes a gente fica muito atrelado ali. Eu sinto essa necessidade de a gente tê essas mudanças dentro disso. Essas formações. Às vezes você faz um curso de especialização e você vai lá e você sai na mesma..

Essa mesma professora acredita que os cursos de formação continuada especialmente aqueles destinados a área da Educação Física, poderiam trazer a motivação que o professor procura na troca de conhecimentos, e entende haver uma carência de apoio pedagógico e estrutural.

Percebemos nas falas seguintes que uma das dificuldades condiz com a forma que o aluno se veste para as aulas, o que o impossibilita para as práticas esportiva por exemplo. Como tido nas falas:

*Professora 9: É, aqui na nossa escola ãh... Não falta eu acho. Mesmo assim, nós temos quadras boas, material, tem ginásio ãh... Eu vejo assim ãh... **uma dificuldade que eu encontro por sê uma escola estadual eu acho que é, os alunos acham que não precisam vir com uma roupa adequada pra praticá. Isso é uma dificuldade.** Eles não vem e não vem, não adianta, não tem, tu entende? Então dizê que quem não tá com roupa não faz, ai vão tê uns que vão vir por gosto de calça jeans pra ficá sentado.*

Professora 8: E sapato. Pra não fazê

Professora 9: Então, assim é bem complicado porque eu acho que isso acontece realmente em escolas que são exigido uniformes nos alunos. Nessas escolas os alunos vão também com uniformes pra fazê educação física. Agora... essa...

Professora 10: É uma grande dificuldade nossa é (...).

Professora 10: (...) a questão do uniforme (Incompreensível) na prática

*Professora 9: É. **Porque então eu acabo preferindo que eles joguem de calça jeans, que eles façam, e façam.** Nem que estão de calça jeans, mas façam do que não façam, sabe. Ai a gente acaba deixando.*

*Professora 8: Se não eles não fazem. **Se não eles não fazem, ou dai você fica levando o aluno pra fazê trabalho na biblioteca, pra contá presença, e a gente tenta conscientizá eles da importância.** Mas eles daí argumentam o tempo todo que eu trabalho a tarde, porque não sei o quê... porque eu vou suá, porque não si o quê...*

Professora 9: Já vem bonitinhos de manhã porque trabalham a tarde...

Professora 8: É, infelizmente a escola pública (...)

*Professora 9: **Mas tem alguns que vem, que trazem tênis, trazem calção se trocam sabe é...** daí eu peço: Olha, como os colegas se trocam eu dou uns cinco minutos antes de terminá a aula pra vocês voltarem e troca de novo pra subir. Mas tem...*

Professora 9: Principalmente das meninas.

Professora 8: Principalmente das meninas.

Professora 9 : Não gostam de usar legging porque marca, porque não sei o que...

Diante a esses relatos, torna-se claro os desafios encontrados por essas professoras em estarem constantemente deparando-se com a resistência dos alunos, onde os mesmos fazem questão de não irem com vestimentas adequadas às aulas, justamente para não participarem das atividades propostas, dando motivos como por exemplo, que trabalha e não pode suar, já os que gostam de participar das aulas, trazem consigo as roupas para trocarem-se antes do término da aula. Neste caso o que caracteriza a má vontade de alguns alunos em não participarem das aulas, é a falta de roupas adequadas.

O mesmo fato evidenciou-se em um estudo de Darido (2004), titulado “A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física”, encontrou-se como resultado da pesquisa que quase metade dos alunos do ensino Médio consideram a Educação Física como uma de suas matérias preferidas, mas ao mesmo tempo, 20% destes alunos solicitam dispensa das aulas. Os resultados mostraram que há, de fato, um progressivo afastamento dos alunos da Educação Física na escola e também da atividade física realizada fora dela.

Como possível solução para o problema Darido (2004), propõe adotar a concepção de um ensino inclusivo para amenizar este afastamento. Afirmando que é preciso superar o histórico da disciplina, que em muitos momentos resultou numa seleção entre indivíduos aptos e inaptos. A Educação Física na escola deve oferecer oportunidades para que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento da cultura corporal, como um conjunto articulado de informações necessárias à formação do cidadão, de forma democrática e não seletiva. Nesse contexto, também os alunos portadores de necessidades especiais não podem ser privados das aulas de Educação Física.

Outro dado levantado pelo grupo 2, está relacionado com as falas das professoras 8 e 9, que afirmam que as meninas são as que menos se preocupam em portarem roupas próprias para as aulas práticas, o que levaria a ser investigado o porquê esse afastamento é maior por parte das meninas estudantes desta escola.

Com relação a questão “atualmente quais são as possibilidades que vocês encontram frente ao ensino de Educação Física na escola (prática pedagógica)?”. Esta pergunta gerou um pouco de confusão no seu entendimento, e teve que ser esclarecida com um pouco mais de

clareza pelo mediador, onde apenas a professora 8 se manifestou, entendendo que as possibilidades podem estar na troca de conhecimento, para que assim houvesse melhores resultados no processo educativo. Como relata:

Professora 8: Acho que é justamente o que eu falei antes também, essa ãh... essa troca de conhecimento entre colegas, o que que daria pra fazê, o que poderíamos mudá pra vê se né, a gente consegue tê um retorno melhor em relação a isso. Até em relação à conscientização do uniforme né. Não que nós, a gente fala a mesma língua em relação a isso, da importância, tudo. Mas assim, o que que nós poderíamos fazê de mais concreto para que tenhamos outros resultados. Sei lá se a gente faz, trabalha com algum projeto diferente. Dessa maneira né, mas acho que essa troca di di di conhecimento é importante, não só entre nós aqui da escola, da gente sentá, conversá. Mas assim, de outras escolas estaduais dentro dessa... da parte pública né, da educação pública.

Da mesma forma, Venâncio e Darido (2012), encontraram uma opinião parecida com a que fora dita pela professora 8, obtida pelo seu grupo de professoras de Educação Física investigadas por elas, onde na visão destas, o ambiente de trabalho não fornece condições para o diálogo aberto, consciente e crítico entre aqueles que trabalham na escola. O trabalho desenvolvido nas aulas de Educação Física fica restrito aos professores responsáveis que raras vezes têm a oportunidade de socializar com os demais companheiros da escola. Os motivos são os mais diversos, tais como horários incompatíveis, pouco entendimento da área, insegurança e incerteza, inexperiência, desmotivação e descrédito no fazer cotidiano e lacunas percebidas na formação inicial e permanente.

Compreende-se que em ambos os casos é levantado que, o que poderia ocasionar uma mudança no ensino, não só para a Educação Física mas para o ensino de modo geral, é melhorar o diálogo, a troca de conhecimentos e melhorar a socialização entre colegas de trabalho.

Na última questão do encontro, foi indagado “de que forma a Educação Física pode contribuir para o desenvolvimento social dos alunos e da comunidade escolar?”. De maneira geral, as professoras se posicionaram positivamente com relação a pergunta, argumentando que além de trabalhar os conceitos de saúde na Educação Física também se aprende a viver em sociedade. Além disso, na opinião desse grupo, as aulas de Educação Física buscam motivar o aluno a ter hábitos de vida saudáveis, para que não procure se envolver com drogas. Como representado nas falas das professoras;

Professora10: Eu acho que assim oh... o desenvolvimento do aluno né, tem tudo havê na nossa área né. Ah... A gente tá trabalhando com eles não só porque é preciso pra saúde e pro corpo,

mas também pra ele aprendê a convivê bem né, na sociedade ãh... Pra ele podê... Como é que eu vou falá assim... ãh... E sabê se desenvolvê né, dentro da sociedade com seus limites, com suas habilidades, ãh... Então ele trabalha isso também né, a questão da... do do do... do como ele se desenvolve, como ele se relaciona com as pessoas. Ele respeitá, ele tratá bem...

Professora 9: E se assim, a gente consegue que o aluno goste da atividade física, da educação física, aí ele vai gostá de ir por esse caminho, de sê saudável, de saúde, não procurá se envolvê com drogas, com essas coisas, por isso existem tantos projetos sociais né... Eu não sei se eu entendi bem a pergunta né, que eles fazem escolinhas e tudo pra tirá os alunos das ruas, digamos né. Nós não temos muitos eu acho, casos assim, no caso, né. Mas se eles já gostarem das aulas de educação física depois vão, talvez procurá oh... ah... participá, jogá em um clube, alguma coisa assim, escolinhas pra continuá no esporte pra tê uma vida social, assim, saudável.

Professora 10 : Saudável né, não não procurá outras coisas que né, que fariam mal.

*Professora 8: Levando eles para um caminho ãh... saudável dentro do, extravasá dentro da parte saudável né. Não buscando outras maneiras, drogas, ãh... Porque depois ele vem... É, Violência. Então assim oh, vai praticá um esporte, tem um grupo legal pra fazê atividade física, i... Esses, esses **projetos de recuperação eles são baseados em esporte**. Então aí você já tem um foco né, que é direcionado, o que faz bem, o que precisa, eles precisam disso. **Eu conheci um rapaz que ele tava se recuperando num... Numa casa assim, dependente químico, e ele disse assim oh: Que eles jogavam muito e que chegasse aquela hora e... de repente não jogavam, eles meio que enlouqueciam né, entre aspas, começava a sentir assim aquela... ansiedade, porque? Aquele momento do jogá era o momento que eles conseguiam por pra fora, aquilo, aquela... como vou te dizer, aquela ansiedade**. Então era fazendo esporte. Ele disse: Se a gente não fizer esporte a gente enlouquece. Nós precisamos jogá e a gente joga assim uma hora e meia, duas horas até a gente assim senti bem. Então pra mim isso foi uma prova enorme de que... porque na verdade mesmo que você saiba, visi/visio, fisiologicamente, você sabe através do seu conhecimento, mas quando você tem um testemunho desse né, aí você, não, é uma prova a maior ainda né, daí você começa a fazer as comparações. Isso vindo de uma pessoa dependente químico. **Recupera assim um cidadão para uma sociedade**.*

Na opinião da professora 8, promover no aluno o gosto pelo exercício, pela atividade física fará com que o aluno siga pelo caminho da busca por hábitos saudáveis, contribuindo também para uma vida social ativa. Ainda, a professora 8 ressaltou bastante a questão das drogas e de como o esporte e a atividades física podem afastar os jovens do uso delas, fazendo-se como colocação os projetos de recuperação que são baseados no esporte, em sua concepção. Na conclusão da fala da professora 8, entende que o esporte como meio de liberar angústias se faz muito necessário na recuperação de um dependente químico, por exemplo.

A Educação Física, assim, passa por todos os aspectos que vão do físico ao intelectual, fazendo com que o ser humano não apenas sinta o movimento, mas que ele faça parte daquele movimento, que ele tenha o saber crítico do seu fazer.

4.3 Oficina – Uma possibilidade de atuação interdisciplinar

4.3.1 Apresentação da oficina

A oficina, segundo Paviani & Fontana (2009), “é uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica”. E ainda, elucidam que, “numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva” (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 78).

Desta maneira esta oficina teve por objetivo, oportunizar aos professores participantes desta pesquisa uma reflexão sobre a ação interdisciplinar com o foco nas produções midiáticas, onde as aulas podem e devem ser trabalhadas de forma diferenciada do ensino convencional, podendo ser apresentada assim, de forma interdisciplinar.

Esta oficina teve como proposta desenvolver de forma ativa, com a participação dos professores, a criação de uma estratégia de conhecimento interligando de forma efetiva as mais diversas áreas do conhecimento escolar. Trabalhando assim, um mesmo assunto de maneiras diferentes e em conjunto, possibilitando gerar novas estratégias de ensino e também somando os conhecimentos.

Segundo Torres e Moura (2013), o termo interdisciplinaridade surgiu em meados de 1960, a partir da crítica do modelo educacional vigente, um modelo que não promovia a capacidade reflexiva das pessoas. Já na década de 1990, surgem os PCN's com o objetivo de oferecer uma referência curricular para as escolas no Brasil, tendo como um dos temas a interdisciplinaridade.

Partindo do entendimento sobre o que é trabalho interdisciplinar, Paviani (2008), aborda que interdisciplinaridade pode ser entendida sob diversos pontos de vista ou aplicação, mas em síntese, pode ser entendida como uma teoria epistemológica ou como uma proposta metodológica. Também como uma modalidade de aplicação de conhecimento de uma disciplina em outra, como colaboração entre professores e pesquisadores ou como sintoma de crise das disciplinas, do excesso e da fragmentação de conhecimentos, da especialização que perde a visão do todo.

Isto posto, entende-se aqui, a importância do trabalho interdisciplinar para encontrar soluções ou estratégias que proporcionem aos professores um engajamento maior na produção do conhecimento, desse modo, o desenvolvimento principal desta oficina terá como foco, a criação de um “blog” que tem como finalidade aproximar professores de diversas áreas do

ensino, como também proporcionar ao educando uma maior gama de conhecimento por meio das ferramentas tecnológicas atuais.

Justifica-se aqui o uso de mídias para a promoção do conhecimento, pela forma em que a sociedade atual vem se portando frente aos recursos tecnológicos, as pessoas são dependentes destes recursos fazendo-se necessário o uso destes nas escolas, mas com o enfoque crítico sobre os conteúdos apresentados em rede (internet). Ainda, o uso da tecnologia e da interdisciplinaridade como forma de um processo que objetive tratar de práticas sociais e culturais dos alunos preparando-os para o exercício da cidadania.

De que forma?

No trabalho interdisciplinar, na disciplina de HISTÓRIA com a disciplina de EDUCAÇÃO FÍSICA, por exemplo, buscar unir os conhecimentos entre uma e outra. De que maneira? Buscar a partir das temáticas atuais envolver os conhecimentos que os aproxima, como no caso das Olimpíadas no Brasil, pode ser desenvolvido trabalhos tanto sobre a historicidade das Olimpíadas que tem sua origem marcante na própria história da Educação Física (surgimento), com também fazer os alunos criarem jogos como se fossem jogos antigos, buscando na imaginação deles como seriam esses jogos.

Outra possibilidade é a de engajar os professores das mais diversas áreas de ensino em projetos coletivos que possibilitem o envolvimento de todos (comunidade), tornando possível um melhor desenvolvimento social da comunidade local. Como? Trabalhos que envolvam a preservação da natureza, limpeza dos espaços sociais, seja ela na própria escola, projetos que envolvam a promoção de bem-estar e saúde, como por exemplo, criação de um projeto onde os alunos criassem vídeos alertando a importância da preservação dos espaços sociais, bem como da natureza, da limpeza dos espaços públicos, podendo ser iniciado essa conscientização primeiramente dentro do espaço escolar, na manutenção da limpeza da escola. Desta maneira, todas as disciplinas da escola poderão desenvolver trabalhos coletivos e também proporcionar um maior envolvimento dos alunos já que os vídeos (as ferramentas tecnológicas) serão criados pelos próprios alunos, e poderão também ser disponibilizados nos blogs dos próprios professores, tornando possível assim, uma maior conectividade entre professores e alunos.

Enfim, ferramentas sociais como "Blogs", "Facebook", "You Tube" são ótimas opções para tornar possível a produção do conhecimento convencional ou interdisciplinar. O uso de recursos audiovisuais também pode ser aproveitado em aulas destinadas a Matemática, Física, Geografia, Educação Física escolar, etc., como, filmes, seriados, documentários, onde o novo e a união do conjunto educativo poderá tornar as aulas mais atrativas e educativas.

4.3.2 Relatos da Oficina

Esta oficina teve como objetivo, em um primeiro momento, desenvolver um trabalho de forma interdisciplinar apenas com os participantes do Grupo 2, ou seja, somente com os professores de Educação Física. Contudo, uma das professoras participantes deste estudo deixou de trabalhar nesta escola (professora 8), o que ocasionou na formação de um grupo muito pequeno, que compreenderia em apenas duas professoras. Para tentar encontrar uma solução para o eventual problema, foi relatado a banca avaliadora deste estudo, ao final da apresentação de qualificação desta dissertação o ocorrido, sendo sugerido que tanto a oficina quanto o questionário final, fossem aplicados para ambos os grupos. Desta maneira, a pesquisa teve que ser adequada, buscando agora envolver todas as professoras de ambos os grupos (Grupo1 e Grupo2).

Dessa forma, as professoras participantes deste estudo foram novamente convidadas de forma conjunta a envolver-se na oficina, que buscou instigar o trabalho interdisciplinar por meio dos recursos tecnológicos. Após ser acordado a data e o horário, as professoras haviam confirmado sua participação, mas ao chegar na escola me deparei com apenas duas professoras, as quais agradei a participação delas e iniciei uma apresentação breve do que se trataria a oficina, colocando que eu teria que remarcar uma nova data, pois não poderia desenvolver a oficina com um grupo tão pequeno, ficando perceptível a resistência das professoras em participar desta fase da pesquisa.

Após ir até a coordenação da escola e esclarecer o fato ocorrido, a coordenação sugeriu remarcar uma nova data, e a própria coordenação ajudou a reunir essas professoras e assim, ocorreu a oficina, desta vez apenas uma professora não compareceu (professora 6), o grupo contou com oito professoras.

A oficina iniciou com a apresentação em Power Point, esclarecendo o que seria desenvolvido na oficina, mostrando as possibilidades e potencialidades do uso das mídias sociais na concretização de trabalhos interdisciplinares com cunho social por exemplo.

Surgiram vários debates com relação a futuros projetos sociais, que usassem o blog como meio de conscientizar os alunos, foi pensado coletivamente em um projeto multidisciplinar, com o objetivo de desenvolver a conscientização para a limpeza da escola, onde o blog seria carro chefe neste projeto. A princípio seria criado o blog com posts sobre limpeza, por exemplo, a professora de Língua Inglesa traria um texto em inglês sobre alguma peculiaridade dos países em que as ruas são extremamente limpas, a professora de Educação Física então, trabalharia a conscientização da limpeza nas quadras de esportes, pois a professora

9 relatou, durante a oficina, que o ginásio da escola está sempre repleto de papéis, copos, latas, etc., atirados pelos cantos. Desta forma a professora poderia usar-se da fotografia com o intuito de demonstrar para os alunos, como eles encontram a escola quando chegam e como a escola se encontra após o intervalo por exemplo, e assim publicar um texto criado pelos os alunos nas aulas de português.

O engajamento dessas professoras durante a oficina foi muito satisfatório, pois elas conseguiram repensar como o seu fazer pedagógico pode ir além das salas de aula, as reflexões partiram primeiramente sobre a limpeza, posteriormente para a preservação da natureza, e aqui entrou em discussão de como desenvolver um trabalho sobre o descarte do lixo, onde as mesmas puderam refletir sobre como elas mesmas fazem a separação do lixo no seu cotidiano. As ideias foram muitas, percebeu-se uma animação geral sobre como poderia ajudar na conscientização dos alunos se existissem projetos como esses na escola, porém, foi relatado por uma das professoras que será muito difícil um projeto desses sair do papel, pelo fato dos professores não terem tempo, explicando que quando não estão trabalhando na escola estão preparando aula e corrigindo provas em horário fora do trabalho.

Diante da afirmação desta professora, expliquei que uma das propostas do uso tecnológico como ferramenta para desenvolver trabalhos interdisciplinarmente é o fato de que esse tipo de abordagem pode ser desenvolvido de forma conjunta, mas não necessariamente tenha que ocorrer encontros presenciais, cada professora pode acessar o blog da sua casa, ou quando lhe for mais propício, não tendo que necessariamente ocorrer um encontro. A comunicação pode ser feita por meio de e-mail, de WhatsApp, pelo Facebook, entre outros meios de comunicação, assim as professoras demonstraram-se mais animadas com as propostas da oficina.

Então partimos para a parte prática onde, após pensarmos de forma coletiva de que maneira poderíamos trabalhar com as ferramentas tecnológicas interdisciplinarmente, pedi que as professoras formassem duplas (diferentes áreas). Após as professoras se organizarem em duplas, cada dupla teve em posse uma pequena apostila (APÊNDICE G) e um computador para que cada dupla pudesse criar seu blog interdisciplinarmente.

As instruções foram sendo dadas e seguidas a partir da apostila, após todas elas criarem seus blogs, a orientação era de que os blogs fossem criados sobre uma temática que envolvesse um assunto atual. Algumas duplas conseguiram inserir conteúdos em seus blogs referentes a temática escolhida, outras duplas conseguiram apenas criar o blog e acordar a temática. Enfim, ao final foi apresentado aos colegas o endereço eletrônico dos blogs criados para que todos pudessem a partir de então, acessar e prestigiar as ideias propostas por cada dupla.

Percebeu-se ao final desta atividade que os professores precisam de mais momentos de encontros para discutir assuntos relacionados ao ensino, e de que forma pode-se melhorar o comportamento e as relações sociais dentro da escola a partir de trabalhos simples como esse apresentado nesta oficina, mostrou-se a possibilidade de desenvolver trabalhos interdisciplinares com as mais diversas áreas do conhecimento.

4.4 Reflexão Final

Os resultados apresentados nesta seção são referentes ao segundo questionário (APÊNDICE F), aplicado aos dois grupos participantes desta pesquisa, o grupo 1 e 2, assim, que esses grupos foram convidados a responderem ao questionário, o mesmo fora entregue, tendo como possibilidade de cada professor tomar para si o material para responde-lo no momento em que mais lhe agradasse. Nesta fase, ocorreu mais uma desistência do estudo, a professora 1, justificou-se não dispor de tempo para participar, e assim, com mais as outras duas professoras que já haviam deixado o estudo no momento da oficina, as professoras 6 e 8, o estudo contou com 7 participantes nesta etapa.

Neste momento do estudo, buscou-se por meio do questionário, compreender de que forma as considerações levantadas sobre o ensino de Educação Física que ocorreram na primeira fase, e bem como a oficina oportunizaram uma maior reflexão, de forma que não somente os professores de Educação Física repensassem sua prática de ensino, mas também que os outros professores pudessem repensar de que forma essas práticas podem ser melhoradas, assim, esta fase do estudo busca responder ao objetivo específico 4º **“Levantar, coletivamente com os professores, possibilidades que visem alcançar as contribuições socioculturais que a Educação Física escolar pode oferecer à comunidade”**.

As informações foram obtidas por meio da categoria Interdisciplinaridade, conforme a matriz de análise (APÊNDICE H), correspondendo também aos indicadores de análise: possibilidades da Educação Física; complementar conteúdos com a Educação Física; mudanças para a Educação Física e contribuições socioculturais e tecnológicas.

Com base na primeira pergunta, “a partir dos conceitos desenvolvidos na oficina, você acha possível dar continuidade a esse trabalho de forma interdisciplinar? Porque?”. Todas as professoras acreditam sim, que é possível dar continuidade a esse trabalho de forma interdisciplinar, as professoras 4, 5 e 9, colocam que é necessário também para que isso ocorra, a vontade do professor, o interesse do setor pedagógico e a disponibilidade do professor. Ainda as mesmas, expõem que a falta de tempo para desenvolver um trabalho interdisciplinar é um

problema enfrentado pelo professor atualmente, mas acrescentam que, como expresso no relato da professora 5, o uso da tecnologia torna viável a troca de informações tanto com os colegas como com os alunos. A professora 4 reforça a ideia de união, afirmando que o trabalho interdisciplinar para ela é uma consequência quando toda uma escola se une num só objetivo comum.

*Professora 4: Com certeza. **Embora em condições não tão desejáveis de acesso a tecnologia o que funciona mesmo é a vontade do professor e o interesse do setor pedagógico para fazer as coisas acontecerem. O trabalho interdisciplinar é uma consequência óbvia quando se enxerga o trabalho de toda uma escola num objetivo comum. Só falta a boa vontade e estímulo.***

*Professora 5: Sim, é possível trabalhar a maioria dos conteúdos de forma interdisciplinar. **Sabe-se que os professores tem pouco tempo para planejamento de seu trabalho, com o uso da tecnologia torna-se viável a troca de informações com colegas e alunos.***

*Professora 9: É possível fazer o trabalho, **depende apenas da disponibilidade dos professores envolvidos, pois a forma como foi apresentado o blog é bem interessante. Acredito que pode ser feito um bom trabalho.***

De acordo com essas professoras, a disposição de tempo é fator determinante para que ocorram trabalhos coletivos de forma interdisciplinar, percebe-se em suas falas que essas professoras entendem a importância dessa forma de trabalho dentro da escola. Como afirmado pela professora 7, que na sua visão o processo interdisciplinar amplia o conhecimento e reforça que poderá tornar o educando mais preparado e interessado, como expresso no relato:

*Professora 7: Sim. **Precisamos ter consciência de que todos os componentes são importantes para formação do cidadão/aluno e realizar tarefas de forma interdisciplinar amplia o conhecimento e atenção para diversos assuntos e torna o educando preparado e interessado.***

Para a professora 2, é de interesse da escola desenvolver trabalhos que utilizem a tecnologia de forma interdisciplinar, pois assim, aumentaria o conhecimento do aluno com relação aos meios de comunicação.

*Professora 2: Sim. **A escola tem o importante papel de conferir sentido e significado a esse conjunto imenso de informações, promovendo um processo de reflexão, decodificação, análise e interpretação das informações, além de permitir a apropriação pelo aluno das várias modalidades existentes e presentes nos meios de comunicação.***

E por fim, para as professoras 3 e 10, o blog tem possibilidade sim, de integrar temas com propostas interdisciplinares, as mesmas discutidas na oficina, conforme os relatos:

Professora 3: Sim, porque podemos elencar temas que podem ser expostos nos blogs de caráter interdisciplinar.

Professora 10: Sim, pois a oficina de criação do blog, nos proporcionou a realização de um trabalho integrado as demais disciplinas. Dessa forma percebemos que cada “tema”, pode ser trabalhado de forma interdisciplinar.

Após analisar os relatos das professoras é possível perceber que elas visualizaram a partir da oficina, que o uso de ferramentas tecnológicas como o blog pode aproximar professores e alunos, professores e colegas, alunos e conteúdo proporcionando uma troca real, coletiva, educativa e interdisciplinar.

Segundo Torres e Moura (2013), “a interdisciplinaridade tem como objetivo a integração dos saberes, a partir de uma solução-problema relacionada ao cotidiano do aluno, permitindo a ele adquirir competências para seu cotidiano” (TORRES; MOURA, 2013, p. 9). Quando esses saberes são planejados, pensados, discutidos e elaborados de forma conjunta, seja com a participação de professores, alunos, direção da escola, enfim, com a participação de todos, o ensino deixa de ser fragmentado e passa a ganhar sentido amplo, podendo ser utilizado no dia-a-dia do educando.

A interdisciplinaridade surge com o sentido de dar as pessoas um poder de reflexão que antes não se fazia na escola, e assim, tornar o aluno mais participativo nas questões que envolvem o ser social, quebrando com o ensino convencional que tinha como objetivo formar pessoas apenas para atender a demanda do mercado de trabalho, o ensino hoje baseia-se em formar um cidadão crítico e reflexivo.

A segunda questão também relacionada ao trabalho desenvolvido na oficina, tem como pergunta, “diante do trabalho desenvolvido interdisciplinarmente, o que você achou desta proposta? Você acha que é possível complementar conteúdos com a área da Educação Física, por exemplo?”. A partir deste questionamento, todas as professoras posicionaram-se positivamente, acreditando que a Educação Física tem muito a agregar em conhecimentos, contemplando vários conteúdos em uma só temática. Como relatado nas falas:

Professora 4: Sim, acho que é possível. A proposta é ótima, moderna e com certeza interessaria aos estudantes. Na verdade, é um desafio. A área da Educ. Física contribui muito não só com conhecimentos como também na formação de atitudes.

Professora 10: A proposta é bem interessante. Com certeza podemos contemplar diversos conteúdos com a Educação Física, por exemplo, pode-se trabalhar a Educação Física e arte, música, literatura, ... tudo englobado dentro de uma temática.

Professora 7: Sim, podemos ligar todos os componentes no mesmo tema. Sociologia e Educação física: socialização; aprender a perder e ganhar; frustração com derrota; drogas; grupos...

Professora 5: A proposta é muito interessante e desafiadora tanto para o aluno como o professor. É possível sim complementar conteúdos com a área da Educação Física. Por exemplo em língua Inglesa pode-se ampliar vocabulário pesquisando esportes.

Nota-se nestes relatos que para essas professoras é válido o trabalho interdisciplinar com a área da Educação Física, principalmente no que diz respeito a formação de atitudes e na socialização, mas complementam que é uma proposta desafiadora. Para Darido (2003), a interdisciplinaridade só será positiva para a Educação Física na escola quando estiver claro para o professor, quais são as finalidades da Educação Física, de modo a guardar a preocupação de introduzir o aluno às questões relacionadas à cultura corporal e guardando as suas características específicas. Neste sentido, as professoras 3 e 9, mesmo percebendo a relevância do trabalho interdisciplinar acreditam que o mesmo não acontece nesta escola, pelo fato de que não na opinião da professora 3, não ocorre a transmissão de conhecimento, como relatado;

Professora 3: Possível é, mas não vejo aproximação dos profissionais em Ed. Física. Os professores que enxergo só “dão bola”, em maioria, apitam jogos, não trabalham nem regras dos jogos. Se trabalhassem com certeza bioquímica, a física, a história, a geografia, e outros, poderiam se interligar.

Professora 9: É possível sim envolver a Educação Física nos trabalhos interdisciplinares. Só depende de tempo para os professores se reunirem na escola e planejar um bom trabalho interdisciplinar. Isto hoje não acontece em nossa escola.

E ainda como dito pela professora 3, no seu ver as aulas não tem sentido, nem significado, quando afirma que os professores só “dão a bola” a mesma confere que as aulas não atendem a um objetivo que vise o conhecimento, talvez esse seja um dos motivos que levam os professores a não trabalharem interdisciplinarmente com a Educação Física, porque não enxergam a possível troca de conhecimento, já que acreditam não haver conhecimento produzido nas aulas. Outra questão levantada é novamente como justificativa para o não envolvimento em trabalhos interdisciplinares, é a falta de tempo dos professores, como relatado pela professora 9.

No relato da professora 2, a resposta fica pouco clara, já que a mesma não se refere a Educação Física e sim a interdisciplinaridade de modo geral com o trabalho docente.

Professora 2: Positiva. No âmbito da educação escolar, é importante assinalar a interdisciplinaridade do trabalho docente, sempre na busca de metodologias e práticas capazes de permitir a apropriação e a socialização do saber.

Com relação às possíveis mudanças que o trabalho interdisciplinar traria para a área, as professoras responderam a pergunta “você acha possível que o trabalho interdisciplinar possa refletir em mudanças para a Educação Física na escola? Como?”. As respostas aqui mostraram-se afirmativas com a questão, onde as mudanças na opinião dessas professoras ocorreriam por meio do trabalho interdisciplinar uma maior valorização da área e do professor, como presente nas falas:

Professora 5: Acredito que o trabalho interdisciplinar possa sim refletir em mudanças para a Educação Física. A medida que for trabalhando com outros componentes curriculares será mais valorizado, terá igualdade de importância. Também pode incentivar professores a não apenas ensinar jogos para os alunos.

Professora 9: Poderia se uma forma para que a Ed. Física fosse valorizada, pois hoje percebo que ela é tão menosprezada em nossa escola que ouvi colegas falando que “a educação física deveria ser banida das escolas”. Trabalhando apenas a poucos meses nesta escola, mas com 23 anos de magistério, foi a maior decepção profissional em todos esses anos como professora de Ed. Física.

Como encontrado nas argumentações dessas professoras, o trabalho interdisciplinar com a área da Educação Física poderia ser uma possibilidade de mudanças na valorização da Educação Física, afirmando assim sua importância dentro da escola. A professora 9 relata que percebe que a Educação Física na escola investigada é menosprezada, alegando já ter ouvido colegas falarem que esta disciplina deveria ser banida das escolas. Já na fala da professora 4, a mudança deveria ocorrer com o próprio professor em valorizar suas atividades, reafirmando que o professor não está se valorizando, talvez pelos próprios relatos anteriores que os colegas desacreditam no trabalho do professor de Educação Física nesta escola. Na fala da professora 3, fica subentendido ainda que o professor de Educação Física não está se empenhando, faltando interesse por parte deste profissional.

Professora 4: Fugir da ideia de que Educ. Física é só pegar na bola. O leque de atividades é imenso. Falando em nossa escola, em particular, não vejo os professores valorizar suas atividades. A mudança vem do próprio professor.

Professora 3: Se houver interesse desses profissionais talvez conseguíssemos trabalhar com todas as áreas, transdisciplinarmente.

Com relação ao questionamento, “tendo a visão de que é possível desenvolver conteúdos e também elaborar projetos de cunho social para escola, por meio das ferramentas tecnológicas, você acha possível desenvolver alguns dos projetos elaborados na oficina de forma multidisciplinar? Porque? ”. Por meio das discussões geradas a partir da oficina, os grupos entenderam a utilidade das ferramentas tecnológica no processo de ensino/aprendizagem e suas possibilidades no trabalho interdisciplinar, transdisciplinar ou multidisciplinar, e com isso, as mesmas creem que há possibilidades de desenvolverem projetos futuros envolvendo o uso de blogs, por exemplo, aliado ao trabalho multidisciplinar.

Professora 3: Sim, nós por exemplo pensamos no meio ambiente e já pensamos em projetos futuros onde a ferramenta tecnológica será a principal fonte de informação.

Professora 10: Sim, pois a criação de um blog é uma ferramenta que nos possibilita criar e realizar diversos projetos de forma multidisciplinar.

Professora 7: Seria tudo de bom. Precisamos de apoio e ferramenta para colocar em prática. Ainda estamos fragmentados e sem tempo para realizar, já que precisamos vencer conteúdos, e não sabemos trabalhar interdisciplinar.

Professora 2: Com certeza. No que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, há muitas questões a serem consideradas, entre elas a necessidade de conferir sentido e significado dos conteúdos ensinados/construídos. Importa que o aluno consiga realizar uma apropriação crítica da realidade.

Nota-se no relato da professora 7, que além da falta de tempo, novamente citado nesta seção, os professores não estão preparados para trabalhar interdisciplinarmente, reforçando a ideia de que os professores necessitam de cursos de capacitação de formação continuada, para poder vencer os desafios encontrados advindos dos avanços tecnológicos. Desta forma, a professora 4 reforça que para que seja possível realizar trabalhos interdisciplinares aliados as tecnologias, a escola deve estar atualizada no fornecimento de material tecnológico, e acrescenta que os projetos só serão desenvolvidos se houver boa vontade por parte dos professores. A professora 9 coloca que necessitam de tempo e motivação, novamente justifica-se a falta de tempo.

Professora 4: Certamente. Isto porque considero que a escola deva estar atualizada. A tecnologia é o meio, na nossa era, de atingir quase tudo e quase todos. Só não considero correto fazer parte da área da Linguagens, a Educ. Física tem outra forma de avaliar. Os

projetos só serão possíveis com boa vontade dos professores. Qualquer atividade escolar deveria envolver todas as disciplinas no tempo e espaço.

Professora 9: É possível, mas precisamos de tempo e motivação.

Na última questão, quando perguntado “Você acha que esse tipo de dinâmica é viável para compreender melhor o trabalho que o colega vem desenvolvendo com as turmas e na escola? Você acha isso positivo para a área da Educação Física na escola? Como?”. As respostas foram positivas ficando claro que essa dinâmica aumenta a possibilidade de visualização do trabalho do colega, que muitas vezes, como no caso das aulas de Educação Física, o trabalho fica delimitado aos espaços destinados as práticas e com isso, o colegiado não toma conhecimento do que vem sendo desenvolvido com os alunos.

Professora 3: Essa dinâmica propõe que, nosso trabalho fique exposto! Tenha visibilidade, tenha mídia, coisa que a maioria das vezes não acontece.

Professora 10: Sim, a dinâmica favorece muito o desenvolvimento do trabalho pois “agrega” diversos conteúdos, de forma globalizada, ao invés de ser trabalhado da forma tradicional, a disciplina como única.

Professora 5: Com essa dinâmica pode-se compreender melhor o trabalho do colega, pois no momento que é publicado em um blog todos tomam conhecimento. Muitas vezes faz-se trabalhos maravilhosos na escola e fica restrito a uma turma ou sala de aula. É positivo para a Educação Física e os demais componentes curriculares.

Professora 7: Sim. Penso que o novo precisa chegar e transformar. E o componente educação física na escola fica completamente isolado. Profundamente positivo, seria realmente importante para os outros componentes e para os educandos.

A professora 4 também acredita que esse tipo de dinâmica seria útil na motivação do aluno, mas acredita que falta envolvimento dos professores de Educação Física com a área, no caso referido por ela em “área” é a de Linguagens a qual a Educação Física faz parte e a mesma demonstra em sua fala que acredita que essas disciplinas não deveriam pertencer a mesma área de conhecimento. Para tanto, a contradição que essa professora acaba por fazer, evidencia-se a forma como a Educação Física é vista na escola, como não pertencente a uma área, principalmente na opinião dela na área de Linguagens e com isso, fica subentendido que a interdisciplinaridade neste caso (referentes as áreas de ensino), não se faz, já que na opinião dela a Educação Física não deveria ser parte integrante deste grupo ou área. Como descrito por ela:

*Professora 4: Com certeza se os professores de Educ. Física se envolvessem mais na área (embora ache que não deveria pertencer à área, mas, como a Língua Inglesa, à parte diversificada). Uma coisa é pensar no que seria o ideal. Outra coisa é a realidade. **Mas penso que através da dinâmica apresentada já seria um começo. Quando motivados os alunos respondem e muito bem.***

A professora 4 está se referindo a reforma do Ensino Médio, que estabelece a divisão do conhecimento escolar por área, onde o currículo passou a ser composto por três áreas, que são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias, “tem como base a reunião 19 daqueles conhecimentos que compartilham objetos de estudo e, portanto, mais facilmente se comunicam, criando condições para que a prática escolar se desenvolva numa perspectiva de interdisciplinaridade” (BRASIL, 2000, p. 18-19).

A estruturação por área de conhecimento justifica-se por assegurar uma educação de base científica e tecnológica, na qual conceito, aplicação e solução de problemas concretos são combinados com uma revisão dos componentes socioculturais orientados por uma visão epistemológica que concilie humanismo e tecnologia ou humanismo numa sociedade tecnológica (BRASIL, 2000, p.19).

Dessa forma, esta reforma objetiva aproximar professores, e que esses busquem desenvolver trabalhos coletivamente para melhorar o ensino, o que na visão desta professora não vem ajudando o ensino, para ela isso prejudica outras disciplinas como no caso a Língua Inglesa. Mas em contrapartida, a mesma afirmou acreditar que o ensino de Educação Física pode sim agregar conteúdo em projetos e trabalhos interdisciplinares, mas com relação à Educação Física pertencer a uma área de ensino a visão é outra, completamente diferente. O que leva a crer que a Educação Física só se faz importante quando trabalhada coletivamente e avaliada separadamente, e que quando a avaliação é conjunta, as opiniões mudam de lado, talvez isso seja decorrente do fato já levantado e afirmado neste estudo pela professora 3, que relatou ocorrer na disciplina de Educação Física a aprovação em massa.

Outro ponto interessante deste estudo, foi o atendimento de um dos objetivos específicos desta pesquisa, quando a professora 9, por meio de seu relato faz uma reflexão sobre a sua prática, e assim, propõe uma mudança de trabalho, buscando participar mais de campeonatos e mudando também o foco da modalidade esportiva, fugindo um pouco do tradicional.

Professora 9: Na nossa escola a Ed. Física fica totalmente isolada, talvez isso seja uma cultura de anos de trabalhos desta forma pelos profissionais que aqui atuaram, espero muito conseguir mudar essa visão e forma de trabalho. Vou começar a participar de competições p/ motivar os alunos, já iniciei este ano com FUTSAL e p/ o próximo pretendo levar alunos de todas as modalidades para competir.

Dessa maneira, evidencia que o estudo causou uma inquietação com relação a prática de ensino da Educação Física nesta escola, possibilitando aos professores tanto os de Educação Física como os demais, a refletirem sobre o seu fazer e as possibilidades de desenvolverem projetos interdisciplinares no futuro, visualizando uma maior aproximação com a disciplina de Educação Física.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, o ser humano vem passando por transformações condizentes com sua forma de se relacionar, de agir e de atuar na sociedade, e muitos fatores influenciaram nesta mudança de comportamento social, uma delas está associada com as imposições do mundo capitalista.

A partir da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, o homem vem se tornando individualista e narcisista, o que o levou a se tornar cada vez mais centrado em si mesmo e se preocupar menos com os outros ou com o que o cerca. Tais características do homem moderno e pós-moderno, acarretaram em uma sociedade individualista em um mundo que clama por melhorias no sentido de erradicar a fome, por exemplo.

Diante desses problemas sociais, é eis que levaram à Educação Física na busca por sua legitimação, vários fatores acarretaram em mudanças que podemos considerar permanentes para esta área de ensino, como a associação da área à promoção da saúde, base da concepção higienista, e a ligação da Educação Física escolar com o esporte, também marco de sua trajetória histórica.

Desde o surgimento da Educação Física na escola como componente obrigatório curricular, a mesma passa a atender as exigências das ações políticas de cada época, com o intuito de melhorar a organização social. A partir da inclusão da Educação Física no currículo escolar, várias tendências ou concepções foram sendo implementadas com o intuito de resolver os problemas educacionais e até mesmo sociais de cada época (como no caso do higienismo que buscava melhorar as condições de saúde e higiene da população), com isso, percebe-se a importância que fora dada a esta área em tempos passados.

Atualmente a Educação Física passa a ser vista como uma disciplina não muito importante, onde as matérias de português e matemática por exemplo, são designadas como fundamentais e de um grau de importância elevado no universo escolar e fora dele, por ela ser uma disciplina bastante expressiva, que busca por meio do movimento desenvolver seus conceitos e conteúdos, acaba também sendo rotulada como apenas atividades esportivas e lúdicas, quando não estão relacionadas apenas a passar o tempo dos alunos, e isso acaba gerando uma desmotivação no professor, levando o mesmo a crer em sua inferioridade com relação as outras disciplinas.

Diante disso, este estudo buscou investigar como os professores visualizam as práticas docentes desenvolvidas na área da Educação Física escolar, procurando entender quais as

fragilidades e carências decorrentes no ensino de Educação Física na escola estudada. Sendo esta pesquisa Qualitativa, o método de investigação utilizado foi o de Pesquisa-ação, pois não se pretende somente investigar, mas sim instigar mudanças de forma coletiva.

O estudo ocorreu em uma escola Estadual da cidade de Passo Fundo e contou com a participação de 10 professores, divididas em dois grupos: o grupo 1 contou com 7 professoras das mais diversas áreas do ensino, exceto as de Educação Física, e o grupo 2 participaram 3 professoras de Educação Física.

Os dados deste estudo foram coletados com base na aplicação do primeiro questionário aplicado ao Grupo 1 (composto pelos demais professores exceto os professores de Educação Física), que compunha de perguntas abertas e fechadas. Também fora aplicado posteriormente um Grupo Focal (composto somente os professores de Educação Física), foi também trabalhada uma oficina com ambos os grupos e por fim, fora aplicado um novo questionário para ambos os grupos com perguntas abertas. A análise desses dados foi realizada por meio de Matriz de Análise e contou com as categorias: Importância da disciplina de Educação Física; Visão dos professores; Contribuições da Educação Física; Desenvolvimento da Aprendizagem; Desenvolvimento social; Engajamento dos professores de Educação Física; Docência e Interdisciplinaridade.

Dessa forma, evidenciou-se neste estudo que a visão sobre as práticas pedagógicas e sociais praticadas pelos professores de Educação Física nesta escola, tem dentro do ponto de vista das professoras estudadas, as que não fazem parte da área da Educação Física como insatisfatória, já que não estão atingindo aos objetivos da disciplina, como também não estão engajadas em projetos ofertados pela escola, limitando-se apenas ao seu fazer. Ainda, na visão destas professoras, aulas são basicamente destinadas aos jogos, muitas vezes sem sentido ou quando o professor apenas dá a bola para os alunos praticarem o que mais lhe agradarem, deixando de lado o caráter educativo.

Já no ponto de vista das professoras de Educação Física, o que tem mais dificultado o trabalho dentro da escola é sem dúvida a resistência dos alunos em participarem das aulas, afirmando ainda que muitas vezes os alunos não vão com as vestimentas adequadas, justamente para não terem que participar da aula, salientando que se faz necessário negociar com o aluno as práticas que serão desenvolvidas.

Foi constatado também neste estudo, que falta motivação dos professores de Educação Física em projetos sociais, em projetos ofertados pela escola, e também em planejar aulas atrativas com conteúdo diversificado para os alunos. Isso tudo pode ser fator decorrente de uma formação profissional precária, onde os currículos dos cursos de graduação estão estruturados

a atender ao mercado de trabalho, levando o futuro profissional a buscar apenas um diploma e não a busca por conhecimento.

De maneira geral, todos os professores demonstraram acreditar na importância da Educação Física para o desenvolvimento integral e social do aluno, apesar de considerarem que isso não vem ocorrendo na escola, o que fora mais relatado por essas professoras é o fato do “dar a bola”, isso também foi relatado pelas próprias professoras de Educação Física, que afirmaram que as mesmas têm dificuldade em negociar com o aluno para que o mesmo realize as atividades programadas, subentende-se por meio das falas delas, que as mesmas não possuem autonomia em suas aulas.

A falta de uma abordagem específica pode ocasionar em desinteresse por parte do aluno, já que aulas baseadas apenas no desenvolvimento esportivo, ou ainda, baseada somente no rola a bola, pode levar o aluno a entender que a Educação Física é uma aula somente recreativa, onde apenas se realiza o que convém ao aluno em praticar. O que foi constatado também neste estudo que para as professoras do grupo 1, a Educação Física tem sim material teórico e prático à ser desenvolvido, como também tem possibilidades de desenvolver trabalhos e projetos sociais de forma que possibilite mudanças na escola, mas creem que isso não esteja acontecendo nesta escola. O mesmo foi afirmado pelo grupo 2, que reconhece que tem pouca participação em projetos, principalmente em campeonatos entre escolas.

Essa preocupação com o desenvolvimento do esporte na escola, apresentou-se como uma visão geral das professoras participantes do estudo, ao que parece o esporte é o meio e o fim das aulas de Educação Física. Isso foi confirmado pelas professoras de Educação Física (grupo 2), que as aulas se resumem ao esporte, e esse ao “jogar bola”. Outro dado encontrado diz respeito a visão das professoras de Educação Física, elas demonstraram preocupar-se com a saúde dos alunos, garantindo que a importância da Educação Física é promover saúde e bem-estar.

Para as professoras de Educação Física, a maior carência que se tem com relação ao ensino é a falta de formação continuada, onde deveria haver uma troca de conhecimentos com outras áreas, com colegas e entre as escolas, e que a formação continuada destinada especificamente à Educação Física, poderia trazer a motivação que o professor tanto procura, deixando claro a importância de se conhecer os trabalhos dos colegas para que se possa buscar mudanças.

Quando os grupos foram reunidos na oficina, houve uma melhor compreensão do que são trabalhos sociais e quais as possibilidades de desenvolver os mesmos na escola, por meio do trabalho interdisciplinar e com o auxílio das ferramentas digitais. Foi levantado

coletivamente problemas que assolam a comunidade escolar, assim como a sociedade de Passo Fundo, questões como destinação de lixo na cidade, da limpeza da escola, da praça que fica ao lado da escola e até mesmo de assuntos como bulling, foram debatidos nesta oficina.

Diante a isso, foi realizada a oficina que propôs a criação de um blog de forma interdisciplinar, separadas por duplas, cada dupla criou um blog com algum assunto a ser trabalhado dentro da escola com alguma turma do ensino médio. Após os levantamentos, o grupo respondeu ao um questionário com o intuito de captar por meio de suas respostas qual o significado que o trabalho ofertado na oficina trouxe para cada uma delas, assim, promovendo uma maior reflexão sobre os assuntos trabalhados na oficina, como também sua proximidade com a área da Educação Física. Eis aqui, que se evidencia que o tipo de método de pesquisa escolhido, o de Pesquisa-ação, se enquadra neste estudo pois por meio da oficina as professoras puderam refletir e também colocar em ação um projeto escolar.

Diante a isso, entendemos que para que o ensino seja satisfatório, é preciso que toda a comunidade escolar mude sua percepção com relação ao ensino de Educação Física escolar, dando para esta a sua real importância, entendendo que o trabalho interdisciplinar possibilita mudanças, pois agrega conhecimentos. Buscamos então com a aplicação do questionário final, como as professoras participantes do estudo visualizam as possibilidades de desenvolverem o trabalho interdisciplinar com a Educação Física por meio das ferramentas tecnológicas.

Com isso, os resultados encontrados são positivos para o trabalho interdisciplinar, apesar de acreditarem que a falta de tempo de encontrar com os colegas para que desenvolvam este tipo de trabalho é realmente muito pequena. Certa professora acredita que a forma como foi apresentada as possibilidades de usar-se da tecnologia torna-se viável para a troca de informações entre professores. Também foi relatado, que as professoras não estão preparadas para trabalharem interdisciplinarmente, reforçando a ideia de que as mesmas precisam passar por formação continuada para acompanhar os avanços tecnológicos.

Outro fato interessante nesta pesquisa foi quanto ao questionário final, onde a professora 4, que até o dado momento do estudo vinha sempre se posicionando de forma afirmativa nas possibilidades que a área apresenta e na importância da disciplina para formação do aluno, vem a se colocar de forma negativa com a reforma do Ensino Médio, desabafando que na sua concepção a Educação Física não deveria fazer parte da área das Linguagens, à qual a mesma faz parte, acreditando que com isso a Educação Física vem a beneficiar os alunos, pois como também já havia se posicionado anteriormente, acreditando que a as aulas de Educação Física na escola são insatisfatórias, já que nesta disciplina os professores de valem da aprovação em massa, como relatado por outra professora.

Aponto como primeira mudança necessária nesta escola é melhorar o diálogo entre os professores, a comunicação é a chave para que problemas como o relatado pela professora 4 sejam resolvidos de forma conjunta e contemple a todos, evitando assim, mal entendidos como esse, discutir maneiras e procurar mudanças em conjunto para melhorar o processo avaliativo para a área, traria grandes benefícios para a área da Linguagens e promoveria dessa maneira uma melhor vivencia entre os educadores.

Aponto como urgência para área que a direção e supervisão escolar ofereçam apoio para os professores de Educação Física, por que na minha opinião é o que falta para os docentes, sentirem que podem contar com esses dois pilares administrativos das escolas, e que é importante o trabalho desenvolvido na área, principalmente para a promoção da saúde.

Por fim, conclui-se que a Educação Física nesta Escola precisa de mudanças, tanto no sentido de promover conteúdos diversificados que atraia o aluno a participar das aulas, como também o professor de Educação Física deve mudar sua postura de professor espectador para professor ativo, mediador, criativo e instigador. Tais mudanças só serão possíveis na minha concepção, se toda a comunidade escolar mudar a visão de que se tem da Educação Física como disciplina meramente recreativa, e o trabalho interdisciplinar pode ser o caminho para as mudanças, tanto para a área da Educação Física como para o ensino de maneira geral.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, M. **A pesquisa qualitativa nas ciências sociais**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed. Edições 70 – Brasil, 2011.

BAUMAN, Z. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2013.

BAUMAN, Z. **A Sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Tradução de José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Z. **Cultura como práxis**. In: Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERTINI JUNIOR, N.; TASSONI, E., C., M. **A educação física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 27, n.3, p. 467-83, jul./set. 2013.

BERTINI JUNIOR, N. **O olhar docente para a Educação Física contemporânea: concepções e práticas pedagógicas**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <www.listasconfef.org.br/comunicacoes/Dissertacao/NestorJunnior.pdf> Acesso em: 20 outubro 2015.

BETTI, M. **Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009 (coleção educação física).

BICKEL, E., A.; MARQUES, M., G.; SANTOS, G., A., dos. **Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais**. Revista Digital Buenos Aires, Anõ 17, n 171, agosto 2012. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd171/esporte-e-sociedade-a-costrução-de-valores.htm>>. Acesso em: 10 janeiro 2017.

BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo. Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRACHT, V. **Educação & ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1999.

BRACHT, V. **A Educação Física no ensino fundamental**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro 2010. Disponível

em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensino-fundamental-walter-bracht/file>> Acesso em: 15 dezembro 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituição/Constituição.htm> Acesso em: 07 março 2016.

BRASIL. Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <www.planalto.gov.br> Acessado em: 10 junho 2015.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio), 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>> Acessado em: 27 jan. 2017.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASÍLIA: **Ministério da Educação**, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br> Acessado em: 10 junho 2015.

CAMARA, S.; ARONSON, M., V. **A percepção do professor sobre sua função nas séries iniciais**. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educare/educare2008/anis/pdf/303_398.pdf> Acessado em 04 jan. 2017.

CAMPOS, A., J., M., De. **Educação Física e o conceito de cultura: O corpo no tempo, espaço e ciberespaço**. 2006. Monografia (Especialização) – Faculdade Integradas da Rede de Ensino Univest, Brusque, 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000420.pdf>>. Acesso em: 19 outubro 2015.

CARVALHO, A., M., P. de. **Radicalizar a Democracia: O desafio da reinvenção da política em tempos de ajuste**. Rev. Políticas Públicas V.8, n.2 (2004). Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3757/1823>> Acesso em: 29 jul. 2016.

CHIES, P., V. **Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.18, n.2, p. 352, maio/ago. 2010.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONFED. **Educação Física Escolar**. Rev. Edu. Física n 05. 2002. Disponível em: <www.confef.org.br> Acessado em: 09 junho 2015.

COVRE, M. de L., M. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2002 (coleção primeiros passos).

DARIDO, S., C. et al. **A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais**. Rev. Paulista de Ed. Física, São Paulo, V. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

DARDIO, S. C. **A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física**. Rev. Brasileira de Ed. Física Esp. São Paulo, V. 18, n.1, p. 61-80, jan/mar. 2004.

DARIDO, S., C. **Educação Física na escola: Questões e Reflexões**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan. 2003.

DARIDO, S.C; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar educação física: Possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2007.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

DIAS, D. I.; CORREIA, W. R. **A Educação Física no ensino médio como objeto de estudo da produção acadêmico-científica nos periódicos nacionais**. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo. V. 27, n. 2, p. 277-87, abr/jun. 2013.

DICIO. **Dicionário online de língua portuguesa**. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>> Acessado em: 07 março 2016.

EHRENBERG, M., C. **A linguagem da cultura corporal sob o olhar de professores da educação infantil**. Pro-Posições, v.25, n.1 (73), p. 181-198, jan/abr. 2014.

FAGGION, C, A. **A prática docente dos professores de Educação Física no ensino médio das escolas públicas de Caxias do Sul**. Do Corpo: Ciências e Artes, Caxias do Sul, V1, n.2, jul/dez, 2011.

FAZENDA, I., C., A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2º ed., São Paulo: Cortez, 2002.

FENSTERSEIFER, P., E. **A Educação Física na crise da Modernidade**. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>>. Acessado em: 7 jun. 2016.

FRANCO, M., A. S. **Pedagogia da Pesquisa-ação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n.3, p. 483-502, set/dez, 2005.

FREIRE, J., B. **Educação de corpo inteiro: teorias e prática da educação física.** São Paulo: Scipione, 1997. – (Pensamento e ação no magistério).

FREIRE, J., B.; SCAGLIA, A., J. **Educação como prática corporal.** São Paulo: Scipione, 2003. – (Pensamento e ação no magistério).

GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. **Método da Pesquisa.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/ UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica- Planejamento e Gestão para o desenvolvimento rural da SEAD/ UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista – a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira.** São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 1991.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

JANNUZZI, P. de M. **Indicador de pobreza auto-declarada: Discussão e resultados para a Região Metropolitana de São Paulo em 1998.** Pesquisa & Debate, São Paulo, V. 12, n. 2 (20), p. 41-65, 2001.

KINZO, M., D., G. **A Democratização Brasileira: um balanço do processo político desde a transição.** São Paulo em Perspectiva, 15 (4) 2001. Disponível em: <<http://www.scieio.br/pdf/spp/v15n4/10367.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2016.

LAUXEN, S. de L. **Práticas emancipatórias: processo em construção.** Passo Fundo: UPF, 2004.

MAGRI, C., A. **A educação em direitos humanos: uma abordagem a partir de Paulo Freire.** REP- Revista Espaço Pedagógico, V.19, n.1, Passo Fundo, p. 44-63, jan/jun. 2012.

MALDONADO, D., T. **Ensino dos esportes na escola pública e o desenvolvimento do pensamento crítico de alunos do ensino médio.** Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp, Campinas, V13, n. 3, p. 213-230, jul/set. 2015.

MELLO, A. S. [et al]. **Representações sociais sobre a educação física na educação infantil.** Revista Educação Física. /UEM, v.23, n. 3, p. 443-455, trim. 2012.

MENDES, C., L.; PRUDENTE, P., L., G. **Licenciatura X Bacharelado: o currículo de Educação Física como uma arena de luta.** Revista Impulso Piracicaba 21 (51), 97-108, jan/jun, 2011.

MINAYO, M., C. de S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ética e cidadania: Construindo valores na escola e na sociedade**. Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – Brasília, 2007.

NASCIMENTO, B., do.; GARCÊS, S., B., B. **Educação Física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física**. Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, n 178, marzo, 2013. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd178/educacao-fisica-ou-rola-bola.htm>> Acessado em <19 de janeiro de 2017.

NEIRA, M., G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011. (Coleção A reflexão e a prática no ensino; v. 8).

NEIRA, M., G.; NUNES, M., L., F. **Educação física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

OLIVEIRA, V., M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2004 (Coleção Primeiros passos).

ONUBR. **Nações Unidas no Brasil**. Disponível em: <<http://nacoesunidas.org/carta/>> Acesso em: 09 março 2016.

PAVIANI, J. **Interdisciplinaridade: conceitos e distinções**. 2º ed. rev. Caxias do Sul, RS: Educ, 2008.

PAVIANI, N., M., S.; FONTANA, N., M. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. Conjecturas, Caxias do Sul, V. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.

PRAUN, A., G. **Sexualidade, Gênero e suas relações de poder**. Revista Húmus, n. 1, jan./abr 2011.

PEREIRA, L. C. B. **Ideologias econômicas e democracia no Brasil**. Estudos Avançados. São Paulo, v.3, n.6, maio/ago. 1989.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **A pesquisa-ação como forma de investigação no âmbito da Educação Física escolar**. In: IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2010, Rio Claro. Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos.

SANTOS, J. F. **O que é pós-modernismo**. São Paulo: Brasiliense 2004.

SANTOS, J., L. **O que é cultura**. São Paulo, Editora: Brasiliense, VI Ed., 1987.

SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999 – (Coleção polêmicas do nosso tempo, v 5).

SILVA, F., M.; COFFANI, M., C., R. da S. **O lugar da Educação Física no Ensino Médio: entre a presença e a ausência do aluno.** Revista da Faculdade de Educação Física UNICAMP, Campinas, V. 11, n. 4, p. 164-185, out/dez. 2013.

SILVA, K., I.; SANTOS, B., R., dos; RODRIGUES JÚNIOR, J., C. A compreensão de professores sobre o currículo de Educação Física da rede Estadual de ensino de São Paulo em comparação com a concepção de um dos autores do currículo. Rev. Da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Campinas, V. 12, n. 1, p. 59-84, jan/mar. 2014.

SILVA, O., O., N., da. **Formação Profissional em Educação Física no Brasil: história, conflitos e possibilidades.** Jundiaí, Paco Editora: 2015.

SOARES, C., L.: prefácios Denise Bernuzzi de Sant'Anna e Dulce Maria P. Camargo. **Educação Física – Raízes europeias e Brasil.** 3º ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. (Coleção educação contemporânea)

SOUSA SANTOS, B., de. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2008a.

SOUSA SANTOS, B., de (org). **Democratizar a democracia: Os caminhos da democracia participativa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUSA SANTOS, B., de. **Um discurso sobre as ciências.** 5 ed., São Paulo: Cortez, 2008b.

SOUZA, E. C. L de.; LUCAS, C. C.; TORRES, C. V. **Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados.** Revista Adm. Faces. Journal Belo Horizonte, v 10, n2. P. 210-230. abr/jun, 2011.

TAVARES, C., E., M. **Didática aplicada à Educação Física.** Secretaria da Educação do Estado do Ceará. Programa de capacitação profissional. 2010. Disponível em:<<http://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/ed%20fisica/14.%20Didatica%20aplicada%20a%20EF.pdf>> Acessado em: 09 nov. 2015.

TORRES, U., S.; MOURA, D., L. **A Educação Física escolar e a formação do cidadão: uma análise do discurso de dois expoentes da Educação Física brasileira.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 3-15, jul/dez, 2013.

TRIVINÕS, A. N. S. **Bases Teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa em ciências sociais: idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa.** Cadernos de pesquisa Ritter dos Reis, Porto Alegre, v.4, n.2, p. 15- 38.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v 31, n.3, p. 443-466, set/dez 2005.

TUBINO, M., J., G. **Dimensões sociais do esporte.** 2º ed. rev. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção questões da nossa época, V.11).

VENÂNCIO, L.; DARIDO, S., C. **A Educação Física escolar e o projeto político pedagógico: um processo de construção coletiva a partir da pesquisa-ação.** Revista Brasileira Educação Física Esporte, São Paulo, v. 26, n.1, p. 97-109, jan/mar. 2012.

VERÍSSIMO, M., R., A., M. **Pós-modernidade e Iluminismo: crítica à sociologia modernista.** Educação e Filosofia. 11 (21 e 22) 163-180, jan./jun. jul./dez, 1997.

YARED, Ivone. **O que é interdisciplinaridade?** In: FAZENDA, Ivani (org). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Carta de Autorização para Escola Estadual Nicolau Araújo Vergueiro

Ilmo Sr. Prof.

Solicitamos a autorização institucional para a realização da pesquisa intitulada “Educação Física Escolar: Práticas socioculturais vivenciadas na docência” a ser realizada na Escola Estadual Nicolau Araújo Vergueiro, pela aluna do programa de pós-graduação stricto sensu – Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, sob a orientação da Professora Doutora Patrícia Dall’Agnol Bianchi, com o seguinte objetivo: oportunizar aos professores de educação física, atuantes na rede pública de ensino escolar, a reflexão acerca da importância da apropriação de conhecimentos específicos, científicos e críticos sociais em relação à área da educação física escolar como possibilidade de desenvolvimento da cidadania nos alunos, através de práticas docentes adequadas. Os dados coletados tem como referência o relato dos professores, oportunizando a percepção dos mesmos sobre a docência.

A pesquisa será realizada da seguinte forma: Os professores serão divididos em dois grupos, o primeiro irá contar com todos os professores da escola exceto os professores da área da educação física e será denominado de Grupo 1, e o segundo será composto somente pelos professores de educação física desta escola Grupo 2. O Grupo 1, responderá a um questionário com questões fechadas e abertas referentes à seu entendimento acerca do ensino e aprendizagem desenvolvidos na área da educação física escolar como também a relação deste com sua prática pedagógica. Já o Grupo 2 (professores de educação física) participará de uma dinâmica que usará como metodologia Grupo Focal. O encontro será realizado, possivelmente no início do ano letivo escolar. Este grupo será composto somente pelos professores de educação física que lecionem a disciplina de educação física escolar no ano regente, não compondo mais que seis participantes. O tempo de duração terá limite máximo de 95 minutos para que não fique tão cansativo, será solicitada também a permissão de gravação em áudio, para que posteriormente sejam transcritos os relatos e tabulados na forma de dados para análise da pesquisa.

Posteriormente a realização do grupo focal, o Grupo 2 será convidado a participar de uma oficina, que tem como proposta sugerir algumas ferramentas de ensino que possibilite mudanças na forma de aprendizado do aluno na escola. Por fim, após aproximadamente cinco meses, será reaplicado o grupo focal com o Grupo 2, para identificar possíveis mudanças sugeridas após o momento de reflexão propiciado pelo primeiro encontro do grupo e com a realização da oficina.

Ressaltamos que a escola bem como os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 446/12 que trata de pesquisa com Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta diretoria agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para qualquer esclarecimento que se fizerem necessário.

Cruz Alta, _____ de _____ de _____.

Prof. Dr. Patrícia Dall’Agnol Bianchi - Orientadora

Pesquisadora Susan Vargas Parizzi

De acordo. Passo Fundo _____ de _____ de _____.

Professor (a) Diretor (a) da escola EENAV

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os professores de Educação Física

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA**, conduzida pela pesquisadora responsável Susan Vargas Parizzi, mestranda do programa de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta – Unicruz.

Este estudo tem como objetivo oportunizar aos professores de educação física, atuantes na rede pública de ensino escolar, a reflexão da importância da apropriação de conhecimentos específicos, científicos e críticos sociais em relação à área da educação física escolar como possibilidade de desenvolvimento da cidadania nos alunos, através de práticas docentes adequadas.

Sua participação consiste, em compor um Grupo Focal que se propõem à discutir assuntos relacionadas ao ensino da educação física na escola. Sua participação é voluntária, caso aceite participar da pesquisa, favor assinar ao final do documento.

Os riscos e desconfortos: Os riscos e desconfortos que poderão ocorrer durante a pesquisa são mínimos, caso você se sinta constrangido ou intimidado a responder ou participar da atividade poderá desistir a qualquer momento durante a pesquisa, não ocorrendo nenhum prejuízo pessoal ou financeiro. Caso você se sinta desconfortável em responder pontualmente a alguma das questões poderá permanecer em silêncio, passando diretamente a próxima atividade ou questão.

Os benefícios advindos desta pesquisa é propiciar uma reflexão e conscientização acerca da sua atuação docente e apresentação de possibilidades para inovar o seu fazer contribuindo para avanços pedagógicos na área da Educação Física escolar.

Salientamos que não ocorrerão ganhos ou prejuízos econômico financeiros e que sua identidade será mantida em sigilo, já que serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Após a defesa da dissertação o trabalho será apresentado para a comunidade escolar participante da pesquisa.

Contato do pesquisador responsável: Susan Vargas Parizzi, e-mail (su.v.parizzi@gmail.com), telefone para contato: (54) 99340841.

Contato da Professora Orientadora: Dra. Patrícia Dall’Agnol Bianchi, e-mail (reitoria@unicruz.edu.br), telefone para contato: (55) 33211646.

Contato do CEP/UNICRUZ:

Endereço: Universidade de Cruz Alta – Campus Universitário Dr. Ulisses Guimarães, Rodovia Municipal Jacob Della Méa, Km, 5,6 – Caixa Postal 858 – Distrito Parada Benito – CEP 98020290 – Cruz Alta – RS, Prédio Central, 2º piso, sala 215, telefone: (55) 33211618, e-mail: (comitedeestica@unicruz.edu.br).

Declaro que entendi os objetivos, os riscos e benefícios da minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Passo Fundo, ____ de ____ de ____.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável _____

APÊNDICE C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para todos os professores

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), do estudo/pesquisa intitulado **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS VIVENCIADAS NA DOCÊNCIA**, conduzida pela pesquisadora responsável Susan Vargas Parizzi, mestranda do programa de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta – Unicruz.

Este estudo tem como objetivo oportunizar aos professores de educação física, atuantes na rede pública de ensino escolar, a percepção da importância da apropriação de conhecimentos específicos, científicos e críticos sociais em relação à área da educação física escolar como possibilidade de desenvolvimento da cidadania nos alunos, através de práticas docentes adequadas.

Os riscos e desconfortos: Os riscos e desconfortos que poderão ocorrer durante a pesquisa são mínimos, caso você se sinta constrangido ou intimidado a responder ou participar da atividade poderá desistir a qualquer momento durante a pesquisa, não ocorrendo nenhum prejuízo pessoal ou financeiro. Caso você se sinta desconfortável em responder pontualmente a alguma das questões poderá permanecer em silêncio, passando diretamente a próxima atividade ou questão.

Os benefícios advindos desta pesquisa é propiciar uma reflexão e avaliação acerca da sua atuação docente de forma interdisciplinar e a contribuição que a educação física escolar tem no seu fazer.

Salientamos que não ocorrerão ganhos ou prejuízos econômico financeiros e que sua identidade será mantida em sigilo, já que serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Após a defesa da dissertação, o trabalho será apresentado para a comunidade escolar participante da pesquisa.

Contato do pesquisador responsável: Susan Vargas Parizzi, e-mail (su.v.parizzi@gmail.com), telefone para contato: (54) 99340841.

Contato da Professora Orientadora: Dra. Patrícia Dall’Agnol Bianchi, e-mail (reitoria@unicruz.edu.br), telefone para contato: (55) 33211646.

Contato do CEP/UNICRUZ:

Endereço: Universidade de Cruz Alta – Campus
Universitário Dr. Ulisses Guimarães, Rodovia Municipal Jacob Della Méa, Km, 5,6 – Caixa
Postal 858 – Distrito Parada Benito – CEP 98020290 – Cruz Alta – RS, Prédio Central, 2º piso,
sala 215, telefone: (55) 33211618, e-mail: (comitedeestica@unicruz.edu.br).

**Declaro que entendi os objetivos, os riscos e benefícios da minha participação na pesquisa,
e que concordo em participar.**

Passo Fundo, ____ de ____ de ____.

Assinatura do Participante: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável _____

APÊNDICE D - Questionário para os professores atuantes na Escola Estadual de Ensino Básico Nicolau Araújo Vergueiro

I- Dados pessoais:

Nome: _____

a) Idade:

b) Sexo: () Feminino () Masculino

c) Estado civil: () solteiro(a) () casado(a) () separado(a) () outra situação

II- Dados Profissionais:

a) Qual a sua área de atuação na escola? _____

b) Há quanto tempo você está formado? _____

c) Onde fez sua formação? _____

d) Possui Pós-Graduação? _____ Qual? _____

e) Há quanto tempo você atua na Rede Estadual de Ensino?

() menos de 1 ano () mais de 1 a 5 anos () mais de 5 a 10 anos

() mais de 10 a 15 anos () mais de 15 anos () outra situação

f) Há quanto tempo atua nesta escola?

() menos de 1 ano () mais de 1 a 5 anos () mais de 5 a 10 anos

() mais de 10 a 15 anos () mais de 15 anos () outra situação

III - Marque somente uma das alternativas nas questões de 1 a 5 de acordo com a legenda abaixo:

1 - Bom 2- Excelente 3 – Mediano 4 - Ruim 5 - Péssimo

1) Como você percebe o ensino de Educação Física na escola?	1	2	3	4	5
2) Como você classifica a atuação dos professores de educação física na escola?	1	2	3	4	5
3) Como classifica o engajamento dos professores de Educação Física frente a participação em projetos sociais ofertados nesta escola?	1	2	3	4	5
4) Como você percebe o engajamento (motivação) dos professores de Educação Física em sua prática pedagógica?	1	2	3	4	5
5) Como você percebe o engajamento (motivação) dos professores de Educação Física em outras atividades da escola?	1	2	3	4	5

IV - Marque somente uma das alternativas nas questões de 6 a 11 de acordo com a legenda abaixo:

- 1- Discordo totalmente da afirmação;
- 2- Discordo quase totalmente da afirmação
- 3- Não discordo e nem concordo com a afirmação
- 4- Concordo quase totalmente com a afirmação
- 5- Concordo totalmente com a afirmação

6) A educação física é uma disciplina importante para a formação integral do aluno, pois ela possibilita também o seu desenvolvimento social.	1	2	3	4	5
7) A educação física tem papel fundamental na construção de práticas sociais para a comunidade local.	1	2	3	4	5
8) Embora a educação física seja bastante prática tem objetivos pedagógicos a alcançar.	1	2	3	4	5
9) Embora a educação Física seja bastante prática tem fundamentação teórica bem clara.	1	2	3	4	5
10) As possibilidades de desenvolver os conceitos de democracia e cidadania nas aulas de educação física são relativamente baixas, já que ela é uma aula estritamente prática.	1	2	3	4	5
11) A educação física pode ser desenvolvida de forma interdisciplinar na escola, sendo muito significativa para troca de conhecimentos	1	2	3	4	5

12) Em sua opinião, são necessárias mudanças para a disciplina de educação física no âmbito escolar? Se sim, quais?

13) Qual o seu entendimento acerca do ensino e aprendizagem desenvolvidos na área da Educação Física escolar?

14) Qual a relação da disciplina de Educação Física com a sua prática pedagógica e de que forma pode ser trabalhada interdisciplinarmente com a sua área de ensino?

APÊNDICE E - Questões norteadora para o Grupo Focal aplicada aos professores de Educação Física da Escola Estadual de Ensino Básico Nicolau Araújo Vergueiro

- 1) Na percepção de vocês, como definem o ensino de Educação Física nos dias atuais? Por quê?
- 2) Na opinião de vocês quais objetivos tem a Educação Física Escolar?
- 3) Em sua prática docente, qual a percepção que têm da apropriação de conhecimentos e saberes que a Educação Física Escolar desenvolve?
- 4) Qual a relação desta apropriação de conhecimentos e objetivos da Educação Física Escolar com a possibilidade de desenvolvimento da cidadania?
- 5) De que forma cada um de vocês percebe a importância da Educação Física no ensino escolar?
- 6) A Educação Física Escolar pode contribuir de forma interdisciplinar para a formação integral dos alunos? Como?
- 7) Atualmente quais são as dificuldades e carências que vocês encontram frente ao ensino de Educação Física na escola (sua prática pedagógica)?
- 8) Atualmente quais são as possibilidades que vocês encontram frente ao ensino de Educação Física na escola (prática pedagógica)?
- 9) De que forma a Educação Física pode contribuir para o desenvolvimento social dos alunos e da comunidade escolar?

**APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES DA ESCOLA
ESTADUAL NICOLAU ARAÚJO VERGUEIRO DA CIDADE DE PASSO FUNDO- RS**

2º QUESTIONÁRIO

Dados de Identificação:

Nome: _____.

Data: _____.

A partir da oficina realizada dia 11/10/2016, responda as questões abaixo:

- 1) A partir dos conceitos desenvolvidos na oficina, você acha possível dar continuidade a esse trabalho de forma interdisciplinar? Porque?

- 2) Diante do trabalho desenvolvido interdisciplinarmente, o que você achou desta proposta? Você acha que é possível complementar conteúdos com a área da Educação Física, por exemplo?

- 3) Você acha possível que o trabalho interdisciplinar possa refletir em mudanças para a Educação Física na escola? Como?

- 4) Tendo a visão de que é possível desenvolver conteúdos e também elaborar projetos de cunho social para escola, por meio das ferramentas tecnológicas, você acha possível desenvolver alguns dos projetos elaborados na oficina de forma multidisciplinar? Porque?

- 5) Você acha que esse tipo de dinâmica é viável para compreender melhor o trabalho que o colega vem desenvolvendo com as turmas e na escola? Você acha isso positivo para a área da Educação Física na escola? Como?

APÊNDICE G- Matriz de Análise Geral

Objetivo	Categorias	Indicadores	Questões	Informação
1) Oportunizar momentos de refletividade aos professores de Educação Física da rede pública de ensino quanto à importância e a contribuição que a área de Educação Física escolar possui para contribuir no desenvolvimento social.	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da disciplina de EF; - Contribuições da EF - Visão dos profs. De EF <p>Desenvolvimento social;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da aprendizagem - Contribuições 	<ul style="list-style-type: none"> - Ensino aprendizagem em EF - Objetivos da EF escolar - Conhecimento e saberes que a EF escolar desenvolve - Desenvolvimento da cidadania - Importância/contribuição EF - Interdisciplinaridade/relação com outras disciplinas 	<p>Grupo Focal – 1º encontro</p> <p>- 1 a 6</p>	
2) Investigar como os educadores visualizam a importância da Educação Física escolar para o desenvolvimento integral dos alunos, enfatizando questões socioculturais e possibilidades interdisciplinares que a mesma oferta em relação a área de atuação de cada professor	<ul style="list-style-type: none"> - Importância da disciplina de EF; - Contribuições da EF para o desenvolvimento integral (socioculturais, interdisciplinares, ensino); - Engajamento dos professores de EF; - Visão dos demais profs. da escola sobre a disciplina e os profs. de EF 	<p>1ª parte do questionário</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percepção do ensino - Atuação do professor de Educação Física - Engajamento dos professores em: <ol style="list-style-type: none"> a) projetos sociais; b) sua prática pedagógica; c) na escola. <p>2ª parte do questionário</p> <ul style="list-style-type: none"> - Importância da disciplina de EF para: <ol style="list-style-type: none"> a) formação integral e desenvolvimento social b) construção de práticas sociais c) tem objetivos a alcançar d) tem fundamentação teórica/prática e) desenvolve conceitos de cidadania e democracia 	<p>1ª parte do questionário</p> <p>1 a 5</p> <p>2ª parte do questionário</p> <p>6 a 11</p>	

		f) a interdisciplinaridade 3ª parte do questionário - Mudanças /permanências - ensino-aprendizagem - Interdisciplinaridade	3ª parte do questionário 12, 13 e 14	
3) Identificar situações de fragilidades e possibilidades que a docência em Educação Física enfrenta	Docência em EF	- Possibilidades da EF - Fragilidades/carências da EF	Grupo Focal – 1º encontro 7, 8 e 9	
4) Levantar, coletivamente com os professores, possibilidades que visem alcançar as contribuições socioculturais que a Educação Física escolar pode oferecer à comunidade.	Interdisciplinaridade	- Possibilidades da EF -Complementar conteúdos com a EF - Mudanças para a EF -Contribuições socioculturais e tecnológicos	2º Questionário – todos os grupos 1 a 5	

